

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO MINISTRO PETRÔNIO PORTELA**

**MARIA DO AMPARO HOLANDA DA SILVA**

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DAS PRIMEIRAS INSTITUIÇÕES  
ESCOLARES DE JOSÉ DE FREITAS- PI  
(1928 – 1971)**

**TERESINA  
2012**

**MARIA DO AMPARO HOLANDA DA SILVA**

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DAS PRIMEIRAS INSTITUIÇÕES  
ESCOLARES DE JOSÉ DE FREITAS-PI  
(1928 – 1971)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí – UFPI, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria do Amparo Borges Ferro

TERESINA  
2012

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco  
Serviço de Processamento Técnico

S586h Silva, Maria do Amparo Holanda da  
História e memória das primeiras instituições escolares de José  
de Freitas-PI (1928-1971)/Maria do Amparo Holanda da Silva. –  
2012.  
163f. : il.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal  
do Piauí, Teresina, 2012.

Orientação: Profª Drª. Maria do Amparo Borges Ferro

1. Educação-História. 2. Escolas-José de Freitas. I. Título.

CDD: 370.9


MARIA DO AMPARO HOLANDA DA SILVA

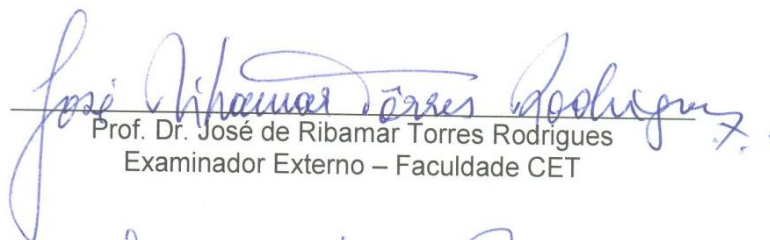
HISTÓRIA E MEMÓRIA DAS PRIMEIRAS INSTITUIÇÕES  
ESCOLARES DE JOSÉ DE FREITAS- PI  
(1928 – 1971)

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
da Universidade Federal do Piauí – UFPI,  
como requisito parcial para a obtenção do  
título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria do Amparo  
Borges Ferro

BANCA EXAMINADORA

  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria do Amparo Borges Ferro  
Orientadora (UFPI)

  
Prof. Dr. José de Ribamar Torres Rodrigues  
Examinador Externo – Faculdade CET

  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Josânia Lima Portela  
Examinadora Interna – UFPI

Local e data de aprovação \_\_\_\_\_ 24 de Fevereiro de 2012

Este trabalho dedicamos:

A Deus pelas graças e generosidades a mim concedidas.

A meu esposo, Antônio Gomes, companheiro de todas as horas.

Aos meus filhos, Alan Holanda e Alex Holanda, pela compreensão das horas ausentes.

A minha neta Ingrid, pelo sorriso, fonte de inspiração.

A minha nora Marília Samara, por compartilhar e entender os momentos ausentes.

## AGRADECIMENTOS

A Deus pela generosidade por ter acreditado no meu sonho e por tê-lo tornado realidade, que me capacitou e me deu forças para concluir mais uma etapa da minha vida.

À minha Orientadora, Professora Doutora Maria do Amparo Borges Ferro, a quem tenho respeito e que, com sua sabedoria e dedicação, soube compreender minha capacidade e meus limites e principalmente pela sugestão da temática deste trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade Federal do Piauí da 18ª Turma do Mestrado em Educação pelos conhecimentos repassados durante o curso.

A meus companheiros de curso da 18ª Turma do Mestrado em Educação pelo convívio saudável, em especial, a Fátima, Vicelma, Lemos e Oneide.

À minha amiga, Edilene Lima, que me auxiliou na coleta dos dados no Arquivo Público Casa Anísio Brito. Muito obrigada.

A meus pais, Raimundo Holanda, mestre na escola da vida, e Teresinha Holanda, minha professora das primeiras letras na Escola Isolada “Anísio Brito”.

Aos entrevistados, Sr. Hudson Veras, Sr. Valdir Santos, professora Maria Josefina (D. Maninha), Professora Eunice Pereira, D. Pastora Carvalho e a Professora Maria Flôr Araújo (Tia Flôr). Em especial, a Tia Flôr, minha primeira professora na zona urbana no Grupo Escolar “Antônio Freitas”.

Ao Professor Doutor Luis Carlos Sales pela participação na Banca de Exame de Qualificação e pelas sugestões no decorrer da realização desse exame.

À Professora Doutora Josânia Lima Portela pela participação na Banca de Exame de Qualificação, pelo incentivo em darmos continuidade a este estudo.

À direção das primeiras instituições escolares pela recepção e o livre acesso aos arquivos das escolas em busca do corpus documental.

À professora Maria Nildes Ferreira pelas correções ortográficas deste trabalho.

SILVA, Maria do Amparo Holanda da. **História e Memória das Primeiras Instituições Escolares de José de Freitas-PI (1928 – 1971)**. (Dissertação de Mestrado) 163f. Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Teresina, 2012.

## RESUMO

Essa dissertação é um estudo histórico que tem como objetivo geral reconstituir a história e a memória das três primeiras instituições escolares públicas de José de Freitas-PI, através de memórias de ex-diretores, ex-professores e ex-alunos na zona urbana, a partir do final da década de 20 ao início da década de 70 do século XX. Daí emerge a problemática: Como surgiram as primeiras instituições escolares – o Grupo Escolar “Padre Sampaio”, o Grupo Escolar “Antônio Freitas” e o Ginásio Moderno Estadual “Antônio Freitas” – em José de Freitas-PI? O recorte temporal da pesquisa abrange desde a criação do primeiro grupo escolar em 19 de abril de 1928, (o Grupo Escolar “Padre Sampaio”) até o advento da Lei 5.692/71. O final da pesquisa, no ano de 1971, se deve pela substituição na nomenclatura Grupo Escolar para Unidade Escolar com a implantação da Reforma de Ensino. Face aos desafios e inovações vividos pelos historiadores é possível compreender os avanços proporcionados pela história oral através das narrativas dos sujeitos adotando-se a abordagem historiográfica vinculada à Nova História Cultural. Fundamentado nos autores: da Nova História Cultural, Burke (1992), Chartier (1990); da História Oral: Thompson (1992), Meihy (1998); sobre a história da educação brasileira: Azevedo (1976), Lopes e Galvão (2005); de estudos das instituições escolares, dos grupos escolares, sua cultura e seu cotidiano: Vidal (2005), (2006), Julia (2001), Buffa (2002), Gatti Júnior (2002), Faria Filho (2007), Bencostta (2005), (2007), Souza (2007); sobre história e memória: Le Goff (2003), Halbwachs (1990), Félix (1998), Nunes (2003); e produções historiográficas locais: Ferro (1982-1996-2010), Brito (1996), Lopes (2006), Queiróz (2008), Reis (2009), dentre outros. A pesquisa de caráter qualitativa e descritiva teve como instrumentos para acesso aos dados, questionário, entrevista semi-estruturada e corpus documental. O resultado constatou que o surgimento das primeiras instituições escolares se deu de forma muito lenta devido aos poucos recursos enviados pelos governantes – federal, estadual e municipal – para a construção dos prédios. O cotidiano escolar dessas instituições era marcado por atividades de formação cívica sempre entoando os hinos (Nacional, da Bandeira e do Piauí) no início e final das aulas. Os horários de aulas rígidos, as medidas disciplinares severas, os procedimentos de avaliação ocasionavam ansiedade, desânimo, torturas, etc. Constatou-se, por fim, que a história e a memória dessas primeiras instituições escolares, mais do que importantes, são imprescindíveis, não somente para a reconstituição da história das escolas, mas também para o (re)conhecimento de aspectos da própria sociedade piauiense.

Palavras-chave: História da Educação. Instituições escolares. Memórias. Cotidiano Escolar.

## ABSTRACT

This dissertation is a historical study that aims to reconstruct the general history and memory of the first three public educational institutions of Jose de Freitas, PI, through memories of former directors, former teachers and former students in the urban area, from of the late 20th to early 70s of the twentieth century. Hence the question arises: How did the first educational institutions - the School Group "Father Sampaio," School Group "Anthony Freitas" Gym and Modern State "Anthony Freitas" - José de Freitas-PI? The time frame of the research ranges from the creation of the first school group on April 19, 1928, (the School Group "Sampaio Father") until the advent of Law 5.692/71. The end of the survey, in 1971, is due for replacement in the nomenclature for School Group School Unit with the implementation of Education Reform. Given the challenges faced by historians and innovation is possible to understand the advances provided by oral history through the narratives of the subjects being adopted the historiographical approach linked to the New Cultural History. Based on the authors: New Cultural History, Burke (1992), Chartier (1990) Oral History: Thompson (1992), Meihy (1998), about the history of Brazilian education: Azevedo (1976), Lopes and Galvão (2005 ) study of educational institutions, school groups, their culture and daily life: Vidal (2005), (2006), Julia (2001), Buffa (2002), Gatti Jr. (2002), Faria Filho (2007), Bencostta (2005), (2007), Souza (2007), about history and memory: Le Goff (2003), Halbwachs (1990), Felix (1998), Nunes (2003), and historiographical production locations: Ferro (1982 to 1996 - 2010), Brito (1996), Lopes (2006) and Queiroz (2008), Reis (2009), among others. The research study was qualitative and descriptive tools for accessing data, questionnaires, semi-structured interviews and documentary corpus. The result showed that the emergence of the first educational institutions took place very slowly due to limited resources sent by the government – federal, state and local – for the construction of buildings. The daily school life of these institutions was marked by civic activities always singing hymns (National Flag and Piauí) at the beginning and end of classes. The rigid class schedules, severe disciplinary measures, assessment procedures sometimes cause anxiety, despair, torture, etc.. It was found, finally, that history and memory of these early educational institutions, more than important, are essential not only for reconstructing the history of schools, but also for the (re) Knowledge of aspects of society itself Piauí.

Keywords: History of Education. Schools. Memories. Everyday School.



## SUMARIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO I – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA</b> .....	<b>22</b>
1.1 A trajetória da pesquisa: aspecto teórico dialogando com a Nova História Cultural .....	22
1.2 A trajetória da pesquisa: aspecto metodológico .....	32
1.2.1 Os sujeitos e os espaços da pesquisa .....	39
<b>CAPÍTULO II – MEMÓRIAS DA VILA DO LIVRAMENTO E DO PRIMEIRO GRUPO ESCOLAR “PADRE SAMPAIO”</b> .....	<b>46</b>
2.1 Da Vila do Livramento à cidade de José de Freitas-PI .....	46
2.1.1 Contexto histórico, político, econômico e cultural.....	52
2.2 Memórias das primeiras escolas ao Grupo Escolar “Padre Sampaio”. ..	82
2.3 Consolidação da primeira instituição escolar: Grupo Escolar “Padre Sampaio”.....	88
<b>CAPÍTULO III – MERGULHANDO NA MEMÓRIA: O NASCER DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES COM PRÉDIO PRÓPRIO EM JOSÉ DE FREITAS-PI (1928-1971)</b> .....	<b>91</b>
3.1 Tecendo fios de memória: cotidiano escolar do Grupo Escolar “Padre Sampaio” ao Ginásio Moderno Estadual “Antônio Freitas”.....	103
3.1.1 Mobiliário, material didático e metodologia .....	109
3.1.2 Procedimentos de avaliação e medidas disciplinares .....	116
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>132</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>135</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>144</b>

## LISTA DE FIGURAS

### CAPÍTULO I

Figura 01 – Casa da Fazenda Ininga. [s.d] .....	41
Figura 02 – Unidade Escolar “Padre Sampaio” (Abril/2011) .....	42
Figura 03 – Unidade Escolar “Ferdinand Freitas” (Março/2011) .....	42
Figura 04 – Ferdinand de Almendra Freitas.....	44
Figura 05 – Antônio de Almendra Freitas .....	44
Figura 06 – Ginásio Moderno Estadual “Antônio Freitas” (Março/2011) .....	44

### CAPÍTULO II

Figura 07 – Casa da Torre e de Garcia D’Avila (em ruínas) .....	47
Figura 08 – Casa São Domingos (Fachada Principal 1991).....	48
Figura 09 – Casa São Domingos (em ruínas 2011) .....	48
Figura10 – Amigos de José de Almendra Freitas .....	48
Figura 11 – João Manuel de Freitas .....	50
Figura 12 – Mariana Delfina da Fonseca .....	50
Figura 13 – José de Almendra Freitas .....	51
Figura 14 – Busto de bronze de Pedro Freitas no centro da cidade .....	52
Figura 15 – Ata de Instalação da Vila de Nossa Senhora do Livramento (07 de Abril de 1878 .....	53
Figura 16 – Antônio Florêncio da Costa.....	54
Figura 17 – Delfina Castelo Branco .....	54
Figura 18 – José de Almendra Freitas .....	55
Figura 19 – Ana Rosa Costa Freitas .....	55
Figura 20 – Vila Tejo [s.d] .....	59
Figura 21 – Vila Tejo em ruínas (Janeiro/2011) .....	59
Figura 22 – Hudson Veras de Sampaio Almendra (Março/2011) .....	61
Figura 23 – Mercado Público (primeiras instalações).....	62
Figura 24 – Mercado Municipal atual (Março/2011) .....	62
Figura 25 – Prof. Valdir Santos Ex-aluno do Grupo escolar “Padre Sampaio” (Março/2011) .....	63

Figura 26 – Maria Flôr Almendra Araujo (a Tia Flôr) .....	64
Figura 27 – Teatro Municipal Barítono Raimundo Pereira (Janeiro/2011) .....	65
Figura 28 – A Igreja de Nossa Senhora do Livramento (Agosto /2011) .....	66
Figura 29 – Nossa Senhora do Livramento – Padroeira da cidade de José de Freitas – PI .....	66
Figura 30 – A Banda de Música: Estrêla do Norte – Comemoração dos 50 anos de existência (1960) .....	68
Figura 31 – A Banda de Música e a Festa no Dia dos Vaqueiros 12 de Agosto [s.d] .....	69
Figura 32 – A Banda de Música e os Festejos da Padroeira Nossa Senhora do Livramento (Agosto de 2011) .....	70
Figura 33 – A Placa de construção da Igreja de São Francisco das Chagas....	70
Figuras 34 e 35 – A Igreja de São Francisco e os vitrais da Igreja de São Francisco das Chagas (julho/2011) .....	71
Figura 36 – Certidão de Decisão do Patrimônio da Igreja de S. Francisco das Chagas (Junho/2011) .....	72
Figura 37 – Procissão de fé, São Francisco das Chagas .....	73
Figura 38 – Festa Folclórica do Zé Pereira década de 1930 .....	74
Figura 39 – Festa Folclórica do Zé Pereira (2011) .....	74
Figura 40 – A Barragem do Bezerra (Semana Santa - 23 de Abril /2011) .....	75
Figura 41 – José de Freitas Futebol Club (08 de Agosto de 1961) .....	76
Figura 42 – José de Freitas Futebol Club (25 de Junho de 2011) .....	77
Figura 43 – Mapa de José de Freitas – PI .....	78
Figura 44 – Mapa do Piauí (José de Freitas - PI) .....	78
Figura 45 – Mapa do Piauí (Vila do Livramento atual José de Freitas - PI) .....	78
Figura 46 – Governador Matias Olimpio de Melo (1924) .....	79
Figura 47 – Capitão Joaquim Lemos Cunha, interventor federal (1931) .....	79
Figuras 48 e 49 – Monumento da Batalha do Jenipapo – berço da Independência do Piauí em 1823 (Campo Maior-PI).....	80
Figura 50 – João José da Cunha Fidié .....	81
Figura 51 – Escadaria do Morro do Fidié .....	81
Figura 52 – Imagem do Cristo Redentor .....	81
Figura 53 – Imagem de Nossa Senhora do Carmo .....	81

Figura 54 – Modelo arquitetônico do Grupo Escolar .....	89
CAPÍTULO III	
Figura 55 – Professoras e alunos do Grupo Escolar Padre Sampaio (193?) ...	92
Figura 56 – Livro de registro de frequência diária (Abril de 1946) .....	93
Figura 57 – Boletim Escolar (1966) .....	96
Figura 58 – Dom Avelar Brandão Vilela .....	99
Figura 59 – Prefeito Municipal: Ary da Costa Carvalho .....	99
Figura 60 – Quadro de Formatura da Escola de Comércio São Francisco das Chagas (1963) .....	100
Figura 61 – Lei nº 180 de 22 de outubro de 1959 .....	101
Figura 62 – Os Funcionários do Grupo Escolar “Antônio Freitas” [s.d] .....	102
Figura 63 – Pastôra Lopes de Lima Carvalho, Ex-Diretora do Grupo Escolar “Padre Sampaio” e do Grupo Escolar Antônio Freitas” (Dezembro/2010) .....	105
Figuras 64 – 65 Desfile 7 de Setembro [s.d] .....	106
Figura 66 – Festividade de Primeira Comunhão dos alunos do Grupo Escolar Antônio Freitas.....	107
Figura 67 – Caderno de Atividades da Tia Flôr sobre a Festa das Árvores do Grupo Escolar “Antônio Freitas”.....	107
Figura 68 – Maria Eunice da Silva Pereira – Ex-professora do Grupo Escolar “Padre Sampaio” – Junho/2011 .....	112
Figura 69 – Bancos de madeira de assento duplo .....	113
Figura 70 – Materiais escolares: Livro – Admissão ao Ginásio, Tinteiro e Caneta Tinteiro. ....	113
Figura 71 – Campanha do Grupo Escolar “Padre Sampaio”.....	116
Figura 72 – Campanha do Grupo Escolar “Antônio Freitas” .....	116
Figura 73 – Atestado de Conduta (Ano: 1967).....	121
Figura 74 – Maria Josefina da Silva Oliveira – Ex-professora do Grupo Escolar “Padre Sampaio” – Junho/2011 .....	127
Figura 75 – Elvira Pacífico – Ex-inspetora do Grupo Escolar “Padre Sampaio” e do Grupo Escolar “Antônio Freitas” .....	127

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Relação dos sujeitos da pesquisa .....	40
Quadro 02 – Relação dos Governos Municipais de José de Freitas (Abril/2011) .....	57
Quadro 03 – Grupos Escolares criados no Piauí: 1922 - 1930 .....	87
Quadro 04 – Relação dos funcionários do Grupo Escolar “Padre Sampaio” (1966 – 1969) .....	126
Quadro 05 – Relação dos diretores das primeiras instituições escolares de José de Freitas-PI.....	130

## LISTAS DE ANEXOS

ANEXO A – Carta Convite para Concessão de Entrevista

ANEXO B – Termo de Cessão da Entrevista

ANEXO C – Questionário Perfil Identitário

ANEXO D – Roteiro da Entrevista Semi-estruturada

ANEXO E – Autorização Institucional

ANEXO F – Decreto n 846, 15 de janeiro de 1925

ANEXO G – Relatório de 1925 da Casa Anísio Brito

ANEXO H – Relatório da Casa Anísio Brito – Escolas Reunidas “Padre Sampaio”

ANEXO I – Caderno da ex-diretora Maria Flôr Araújo

ANEXO J – Comunicado do professor Sebastião para o Diretor Padre Deusdedith Craveiro

ANEXO L – Portaria N° 02 do ano de 1971 - Ginásio Moderno Estadual “Antônio Freitas”

ANEXO M – Ficha Individual do aluno Vespasiano Carvalho

## INTRODUÇÃO

*A memória, na qual cresce a história, que por sua vez alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão. (LE GOFF, 2003, p. 471).*

Na cidade de José de Freitas-PI, a pesquisadora viveu e conviveu com intensas atividades educacionais nas instituições escolares. Nasceu dentro de uma escola. Os pais moravam na Escola Isolada “Anísio Brito”, zona rural da cidade de José de Freitas-PI, ou seja, no casa-escola. Assim, respirou ar de educação num convívio ininterrupto de atividades educativas nas últimas quatro décadas de docência. O Grupo Escolar representa não somente as atividades escolares, mas, a própria vida desde a concepção, a infância, a adolescência, até a fase adulta, fruto da convivência com a mãe, professora Teresinha Holanda, literalmente em atividades educacionais.

Partindo desse pressuposto, surge a inquietação de saber a história das primeiras instituições educacionais com prédio próprio da terra natal – José de Freitas-PI, – por ter sido a mestrandia profissional da educação e ter desenvolvido atividades como professora e diretora nas três primeiras instituições escolares – a Unidade Escolar “Padre Sampaio” (ex-Grupo Escolar “Padre Sampaio”), a Unidade Escolar “Ferdinand Freitas”(ex-Grupo Escolar “Antônio Freitas”) e a Unidade Escolar Antônio Freitas (ex-Ginásio Moderno Estadual “Antônio Freitas”) –, sendo esta última atualmente instituição escolar prioritária para as famílias freitenses, devido a um número significativo de discentes aprovados em vestibulares nas instituições públicas e privadas em Teresina, capital piauiense.

Nesse aspecto, emerge a problemática: Como surgiram as primeiras instituições escolares – o Grupo Escolar “Padre Sampaio”, o Grupo Escolar “Antônio Freitas” e o Ginásio Moderno Estadual “Antônio Freitas” – em José de Freitas-PI? Seguida dos questionamentos: I) Como ocorreu o processo de consolidação do primeiro grupo escolar na Vila do Livramento atual José de

Freitas-PI? II) Como era o cotidiano das três primeiras instituições escolares na zona urbana de José de Freitas-PI, no período de 1928 a 1971? III) Que métodos de ensino, materiais didáticos, procedimentos de avaliação e medidas disciplinares eram utilizados nesta cultura escolar?

Assim, esta atividade de pesquisa teve como **objetivo geral**:

- Reconstituir a história e a memória das três primeiras instituições escolares públicas de José de Freitas-PI, através de memórias de ex-diretores, ex-professores e ex-alunos na zona urbana, a partir do final da década de 20 ao início da década de 70 do século XX.

E como **objetivos específicos**:

- Investigar o processo de consolidação do primeiro grupo escolar na Vila do Livramento (atual José de Freitas-PI) no final da década de 20 do século XX.
- Descrever o cotidiano das três primeiras instituições escolares com prédio próprio na zona urbana de José de Freitas-PI, desde a implantação da primeira instituição escolar, o Grupo Escolar Padre Sampaio, de 1928, à Lei 5.692/71;
- Analisar os métodos escolares, os materiais escolares, os sistemas de avaliação e as medidas disciplinares utilizados pelas professoras nas três primeiras instituições escolares com prédio próprio na zona urbana de José de Freitas-PI;

O presente trabalho está fundamentado nos autores: da Nova História Cultural, como Peter Burke (1992), Roger Chartier (1990); da História Oral, Paul Thompson (1992), Bom Meihy (1998); no que se refere aos estudos de história e memória, o embasamento teórico se dá em: Jacques Le Goff (2003), Maurice Halbwachs (1990), Loiva Félix (1998), Clarice Nunes (2003); sobre a história da educação brasileira, recorreu-se às ideias de Fernando de Azevedo (1976), Eliane Lopes e Ana Galvão (2005); além de estudos das instituições escolares, dos grupos escolares, sua cultura e seu cotidiano com a fundamentação de: Diana Vidal (2005), (2006), Dominique Julia (2001), Ester Buffa (2002), Gatti Júnior (2002), Faria Filho (2007), Marcus Bencostta (2005),



(2007), Rosa Souza (2007) e ainda em produções historiográficas de autores locais como Amparo Ferro (1982-1996-2010), Itamar Brito (1996), Pádua Lopes (2006), Teresinha Queiróz (2008), Amada Reis (2009), dentre outros.

No percurso desta atividade de pesquisa de caráter qualitativa e descritiva, ocorreram vários entraves, dentre eles pode-se ressaltar a dificuldade em: encontrar os escritos sobre a história e memória da cidade pesquisada e ainda entrevistar sujeitos que tiveram saúde agravada, ou passaram por cirurgias, como também pela resistência por parte de alguns sujeitos em aceitar o ato da gravação como parte da pesquisa.

Segundo Roberto Richardson (2010, p. 245): “A pesquisa histórica ocupa-se do passado do ser humano”. Nesse sentido, a tarefa do pesquisador consiste em localizar, avaliar, de forma sistemática e objetiva as provas, para estabelecer os fatos e obter conclusões relacionadas aos acontecimentos do passado.

A execução desse trabalho sobre a **História e Memória das Primeiras Instituições Escolares de José de Freitas – PI** consta de análise documental, história de vida através de narrativas, adotando a abordagem historiográfica, vinculada a Nova História Cultural, na perspectiva da História Oral.

Assim, iniciou-se a garimpagem das fontes documentais junto às três primeiras escolas de José de Freitas-PI – Unidade Escolar “Padre Sampaio” Unidade Escolar “Ferdinand Freitas”, Unidade Escolar “Antônio Freitas” – na zona urbana de José de Freitas – PI, ao Arquivo Público do Piauí, à Casa Anísio Brito e ao arquivo da Câmara Municipal de José de Freitas-PI.

Essa busca, às vezes, provocava ansiedade pela lentidão do processo da pesquisa e em especial pela escassez de fontes. Sobre essas experiências, destaca Buffa (2002, p. 28):

Todos os que têm alguma experiência com a pesquisa em arquivos conhecem as precárias condições em que eles se encontram [...] muitos ácaros. Essa é mais uma razão para pesquisar a história das instituições escolares e tentar preservar o que ainda resta de nossa memória educacional.

Nesse sentido, a escolha da pesquisa qualitativa se deve também ao fato da mesma caracterizar as descrições pormenorizadamente: situações,

experiências, atitudes, crenças e comportamentos observáveis. O referido trabalho de pesquisa consta de estudo de história de vida, a partir da utilização do método autobiográfico, onde as memórias de ex-diretoras, ex-professoras, ex-alunos e ex-alunas serviram de dados para análise.

Assim, sublinha Souza (2007 - a, p.108):

Nas pesquisas sociais, o relato (auto)biográfico se constitui como uma unidade complexa de sentido que traz inúmeras possibilidades de exploração empírica, porque incide como poderoso instrumento no qual se configura a interação de acontecimentos, fatos e instantes singulares que perfazem a experiência da formação humana. Ademais a (auto)biografia é vista também como registro de experiências significativas, no contexto da formação do professor, ocorrido em um dado período de tempo de sua profissão.

Percebe-se, nessa colocação de Souza, as inúmeras possibilidades da utilização do método (auto)biográfico e a complexidade técnica ao lidar com as vidas humanas. De acordo com Bogdan e Biklen (1994. p.180), “a abordagem (auto)biográfica é rica em detalhes, com o objetivo de contar a história da pessoa tal qual ela ou ele a experienciaram, é semelhante ao papel que um informante-chave tem para um investigador”.

Nessas fontes autobiográficas, contaram-se com as histórias de vida, as fotografias, os diários, os materiais escolares, dentre outros. Para Finger (2010), o método biográfico valoriza o íntimo dos sujeitos, sobretudo nas experiências vivenciadas no decorrer de sua história de vida.

A escolha da temática “História da Educação das Primeiras Instituições Escolares de José de Freitas-PI” se deve à necessidade de obter e registrar o processo histórico do município, bem como o surgimento do primeiro grupo escolar na Vila do Livramento – atual José de Freitas-PI – enfim, a história inicial da educação na cidade de José de Freitas-PI.

Partindo desse pressuposto, realizou-se a pesquisa, durante todo o ano de 2010 e primeiro semestre de 2011, para reconstituir a memória da cidade e das três primeiras instituições escolares, sendo as coletas de dados realizadas no Arquivo Público – A Casa Anísio Brito<sup>1</sup> –, onde se observou diversos relatórios, datados da década de 20 do século XX. Buscou-se maiores

---

<sup>1</sup> Localizado na cidade de Teresina-PI

informações nos arquivos das escolas – Unidade Escolar “Padre Sampaio”, Unidade Escolar “Antônio Freitas” e Unidade Escolar “Ferdinand Freitas” –, e da Câmara Municipal da cidade freitense, e também nos depoimentos orais de seis sujeitos da pesquisa, além de uma pesquisa bibliográfica constante.

A partir de então, as leituras de vários livros: *A Escrita da História: novas perspectivas*, de Peter Burke; *História e Memória*, de Le Goff, *Instituições Escolares: porque e como pesquisar*, de Paolo Nosella e Ester Buffa; *Grupos Escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893 – 1971)*, de Diana Vidal (org.); *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos*, de Marcus Bencostta; *História da Educação no Piauí*, de Itamar Brito, *Educação e Sociedade no Piauí Republicano*, de Amparo Ferro; dentre outros textos da pesquisa em temática. A emoção era enorme em remexer fotografias antigas, muitas delas corroídas pelo tempo, danificadas pelo cupim. Falar dos antepassados, mas especialmente descrever a educação daquela vila livramentense, agora cidade freitense, foi o deslumbramento de um cotidiano escolar, do qual a pesquisadora deste estudo fez parte, na época dos grupos escolares, momento importante da história local. Como relata Vainfas (1997, p. 274):

A história da vida cotidiana e privada é, finalmente, a história dos pequenos prazeres dos detalhes quase invisíveis, dos dramas abafados, do banal, do insignificante, das coisas deixadas “de lado”. Mas nesse inventário de aparentes miudezas, reside a imensidão e a complexidade através da qual a história se faz e se reconcilia consigo mesma.

As fotografias auxiliaram fortemente na compreensão do processo histórico vivido pelos grupos escolares. Utilizou-se ainda como fontes diversas, alguns materiais escolares, como os livros de ponto, livros de matrículas, pasta individual de alunos, encontrados nos arquivos das primeiras instituições escolares; no livro de leis e ata dos arquivos da Câmara Municipal de José de Freitas e no livro de relatório do arquivo público da Casa Anísio Brito.

O recorte temporal da pesquisa está situado entre 1928 e 1971. Período esse que inicia com a criação, a 19 de abril de 1928, do Grupo Escolar “Padre Sampaio”, constituído pela antiga Escolas Reunidas “Padre Sampaio Castelo

Branco”, criada anteriormente em 15 de Janeiro de 1925 pela fusão das escolas isoladas estadual e municipal, afirma Lopes (2006). O final da pesquisa, o ano de 1971, se deve pela substituição na nomenclatura Grupos Escolares para Unidades Escolares – escolas de 1º e 2º graus com a implantação da Reforma de Ensino, a Lei de Nº 5.692/71 – , havendo a fusão do Curso Primário com o Curso Ginásial, passando a se chamar de 1º Grau.

Nessa trilha histórica, na busca constante de informação sobre a cultura escolar envolvendo materiais e métodos escolares e sistemas de avaliação, sentiu-se muitas dificuldades, porém prevaleceu a consciência de que se trata de uma atividade que requer paciência, garra e determinação pela exigência de esforços diante da variedade de fontes pesquisadas. Como afirma Lopes e Galvão (2005, p. 92): “O trabalho com as fontes exigem antes de tudo paciência”.

Na tentativa de revitalizar o passado através das narrativas das pessoas, que no presente deram sua contribuição, no sentido de resgatar reminiscências guardadas na memória individual e coletiva, para decifrar lembranças da cidade do norte do Piauí, José de Freitas, retratando o povo português que a esta cidade chegava para habitar com perspectivas de novos caminhos em um novo mundo, construindo, assim, uma nova História.

Nessa atividade de dissertação, inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a temática em questão, considerando aspectos que melhor fundamentassem o estudo sobre Grupos Escolares, Instituições Escolares, História e Memória, Educação no Brasil, no Piauí e de forma específica em José de Freitas-PI. Para realização da pesquisa (auto)biográfica, os sujeitos inicialmente receberam a Carta Convite para Concessão da Entrevista (ANEXO A) em suas residências, entregues pela pesquisadora pessoalmente, ao tempo em que eles autorizaram a sua identificação através do Termo de Cessão da Entrevista (ANEXO B). Na oportunidade, utilizou-se como instrumento da pesquisa um questionário perfil identitário (ANEXO C) e um roteiro da entrevista semi-estruturada (ANEXO D), respectivamente. Vale destacar que a pesquisadora teve livre acesso concedido pelos diretores das instituições educacionais do campo de pesquisa, mediante a Autorização Institucional (ANEXO E).

Assim, a referida Dissertação de Mestrado divide-se em três capítulos a seguir:

No Capítulo I, intitulado: **Pressupostos Teóricos e Metodológicos da Pesquisa** destacou-se os teóricos e a metodologia utilizada na pesquisa, estabelecendo um diálogo com a Nova História Cultural, no percurso com os sujeitos e os espaços de pesquisa das instituições escolares. Há, nesse momento, o cuidado necessário para justificar os relatos – orais ou escritos – como mecanismo imprescindível ao (re)conhecimento do caminho de formação das primeiras escolas, tendo em vista que, os documentos são raros, insuficientes ou sequer existem.

Percebe-se, em Antônio Vital Souza (2007), Elizeu Souza (2006), Mathias Finger (2010) e outros autores, que a autobiografia revela “verdades” que ajudam a compor a história. História esta tanto do ponto de vista da origem das escolas no município de José de Freitas-PI – foco deste trabalho – quanto de pessoas e de uma sociedade, muitas vezes, anônimas.

No Capítulo II: **Memórias da Vila do Livramento e do Primeiro Grupo Escolar “Padre Sampaio”**, enveredou-se na busca das origens e das feições escolares do município de José de Freitas-PI, a partir da caracterização dessa sociedade desde os primórdios – ainda com os fundadores em terras portuguesas – até a formação do espaço, a princípio rural, e que, progressivamente pelo esforço de alguns poucos, foi se tornando urbana.

Os documentos escritos, depoimentos de participantes e fotografias levantadas na pesquisa, colaboraram decisivamente na compreensão evolutiva do cenário histórico político, econômico e cultural que abrigou o Grupo Escolar “Padre Sampaio”, pioneiro no município freitense.

E por fim, no Capítulo III: **Mergulhando na memória: o nascer das instituições escolares com prédio próprio (1928 – 1971)**, organizou-se as entrevistas de ex-alunos, ex-professoras e ex-diretoras, realizadas no sentido de buscar as experiências e vivências do cotidiano escolar daquela época.

Para a descrição dessa atividade, o período privilegiado ficou compreendido entre 1928 e 1971, de onde são registradas pessoas e leis que favoreceram o surgimento e a manutenção das unidades escolares.

Além disso, os relatos confirmam o que traz a literatura sobre os recursos mobiliários e metodológicos, e as medidas disciplinares de tais instituições; acrescentam, ainda, o rol de profissionais colaboradores ao longo dos anos.

No sentido de manter a originalidade dos relatos orais e escritos pelos sujeitos, observou-se a necessidade de submeter as transcrições à apreciação dos sujeitos entrevistados com o direito de fazerem alterações que julgassem oportunas, por entender que a narrativa é um processo de construção de quem ouve, para interpretar o presente que foi vivido resultante na memória, seja individual ou coletiva, como ressalta Benjamin (1986), já que a narração funciona como arte artesanal, mergulhando no que foi dito.

Assim sendo, a história da educação oportunizou reconstituir a história e a memória das primeiras instituições escolares de José de Freitas-PI (1928 – 1971) de forma a manter viva na memória das pessoas as contribuições que as escolas pesquisadas ofereceram aos discentes e docentes que nela estudaram / trabalharam e a todos aqueles que, de alguma forma se beneficiaram com as atividades ali desenvolvidas.

## **CAPÍTULO I - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA**

No Brasil, há pelo menos quatro décadas, as ciências humanas e exatas vêm debatendo temáticas relacionadas à crise de paradigmas, com apreensão pelas diversas formas de conhecer e novas maneiras de interpretar. Nessa perspectiva, são abordadas temáticas que se voltam para a área da história e da memória, sendo contempladas a escrita e a oralidade com base na Nova História Cultural.

### **1.1 A trajetória da pesquisa: aspecto teórico dialogando com a Nova História Cultural**

No campo da educação, os estudos históricos buscam compreender o passado das sociedades, a partir do estabelecimento de relações entre passado, presente e futuro. Por influência da Nova História Cultural, a história do campo educacional tem passado por um processo de renovação nos aspectos teórico-metodológicos, no que diz respeito a novos objetos e novas fontes.

Partindo desse pressuposto, sentiu-se a necessidade de buscar a compreensão da história e memória das primeiras instituições escolares na cidade de José de Freitas-PI, no período correspondente ao final da década de 20 ao início da década de 70 do séc. XX.

Nessas discussões, por um lado, a história da educação visa compreender o passado das sociedades, por outro, os historiadores recentemente buscam investigar novas temáticas, ampliando possibilidades, de acordo com uma nova visão de objetos e fontes, sobretudo novas abordagens teórico-metodológicas, cujas temáticas destacam, dentre elas, as crianças, os jovens, as mulheres, a violência, etc. Nesse contexto, Ferro (1996. p.19) destaca que “o conhecimento do passado é fundamental para que se entenda em profundidade os aspectos atuais do ensino, se possa evitar os erros do passado e preparar as ações futuras com mais eficiência”. A história deve se

reproduzir de geração a geração, gerar tantas outras que se cruzam e se entrelaçam, afirma Bosi (1994). Ao que Hobsbawm (1998, p.219) declara,

[...] ao rememorar a história de gente comum, não estamos meramente tentando conferir-lhe um significado político retrospectivo que nem sempre teve; estamos tentando, mais genericamente, explorar uma dimensão desconhecida do passado.

Diante das mudanças verificadas no século XX, é preciso considerar a necessidade de um novo sujeito, capaz de administrar as adversidades e, especialmente, estar aberto ao novo, ao diferente, que questione ou desconstrua o já estabelecido e proponha novas visões para um caminho novo. Ainda Hobsbawm (1998, p. 230) afirma:

No passado uma de nossas tarefas é descobrir as vidas e pensamento das pessoas comuns e resgatá-los daquilo que Edward Thompson chama de 'enorme condescendência de posteridade', assim, no presente, nosso problema é também o de desnudar as suposições igualmente presunçosas daqueles que pensam saber o que são os fatos e as soluções, e que procuram impô-las às pessoas.

Nessa perspectiva, Arroyo (2004) assinala que frequentemente separa-se as trajetórias escolares das trajetórias humanas dos alunos. Essa tentativa de separação conduz a uma postura pouco profissional. Por mais dolorosas que sejam as trajetórias escolares, por mais precárias que sejam as condições para se desenvolver atividades, a escola é a instituição social responsável pelo desenvolvimento nos setores populares. Lopes e Galvão (2005, p. 52) confirmam:

Os historiadores da educação têm cada vez mais considerado que, para se entenderem os processos de ensino nas diferentes épocas, não basta investigar como a organização da escola foi-se transformando ao longo do tempo – baseando-se para isso nas leis, reformas, regulamentos, programas etc. Nem é suficiente apenas estudar o que pensavam e o que propunham educadores ilustres ou escrever em muitos casos uma história dos projetos, ou seja, uma história do que deveria ter sido. Os historiadores têm considerado que é preciso também tentar penetrar no dia-a-dia da escola de outros tempos – os métodos de ensino, os materiais didáticos utilizados, as relações professor (a) / aluno (a) e aluno (a) / aluno (a), os conteúdos ensinados, os sistemas de avaliação e de punições [...].



Dessa maneira, observa-se que, nas últimas décadas, a área de História da Educação vem sofrendo alteração: o conteúdo e a concepção de documentos se ampliaram enriquecendo a pesquisa. Isso se deve à contribuição dos historiadores da Escola dos Annales<sup>2</sup>, onde Febvre apud Le Goff (2003, p.98) descreve:

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar seu mel, na falta das flores habituais. Logo com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. Com os eclipses da lua e atrelagem dos cavalos de tiro. Os exames de pedras feitas pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, serve o homem. Exprime o homem, demonstra presença, atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem.

Atualmente verifica-se o impacto de uma revolução documental – escrito, ilustrado, visual – e de uma enorme ampliação da memória histórica. Percebe-se uma nova tendência que marca a produção historiográfica contemporânea, a Nova História Cultural. Segundo Chartier (1990, p.16), [...] “a história cultural tal como entendemos tem por objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler”. Sobre tal tendência historiográfica, Lopes e Galvão (2005, p. 40) afirmam, que tem provocado,

[...] uma verdadeira revolução na seleção dos objetos de pesquisa e na forma de abordá-los. Temas como a cultura escolar e o cotidiano escolares, a organização e o funcionamento interno das escolas, a construção do conhecimento escolar, o currículo e as disciplinas, os agentes educacionais (professores, professoras, mas também os alunos e alunas), a imprensa pedagógica, os livros didáticos etc. Têm sido estudados e valorizados. Desloca-se, crescentemente, o interesse dos pesquisadores da investigação das idéias e da legislação educacionais para as práticas, os usos e as apropriações dos diferentes objetos educacionais.

---

<sup>2</sup> Escola dos Annales, grupo de historiadores liderados por Marc Bloch e Lucien Febvre se constituiu, antes de tudo, como um movimento na França, em 1929 (VAINFAS, 1997).

Nessa abordagem, realizou-se o registro da memória sobre os aspectos históricos do município, sobretudo da educação quanto a cultura e o cotidiano escolar relacionados aos primeiros grupos escolares de José de Freitas – PI.

Percebe-se que a educação historicamente vem confirmando que a escola, enquanto instituição tem sido o espaço de inserção dos sujeitos nas crenças e valores da sociedade dominante. Isto se deve a Revolução Francesa da historiografia, ao que Peter Burke (1992, p.16) relata: “O movimento da história-vista-de-baixo também reflete uma nova determinação para considerar mais seriamente as opiniões das pessoas comuns sobre o seu próprio passado do que costumavam fazer os historiadores profissionais”. Partindo desse pressuposto, este trabalho faz um recorte temporal do final da década de 20 ao início da década de 70 do séc. XX.

Segundo Brito (1996, p.158),

[...] “a década de 70 é considerada a década da educação. Inicia-se com o ‘Ano Internacional da Educação’ e se estende durante todo o período marcado por inovações, estudos, questionamentos e debates em torno da educação, objetivando sua melhoria quantitativa e qualitativa.

Sabe-se que as pessoas têm suas experiências de vida e que, mesmo não sendo consideradas grandes heróis, presenciaram fortes acontecimentos da história. Como afirma Vainfas (1997), a história não é resultado exclusivamente dos grandes acontecimentos, ao contrário, ela se organiza no dia-a-dia de discretos atores.

Ao que relata Souza (2000) ser necessária a capacidade de inserir na história a voz daqueles que constituíram seus agentes e que, aparentemente, têm sido personagens menos importantes. Como pontua Ferro (2010, p.152):

Percebe-se também certo foco de evidência nos personagens comuns, simples e obscuros, mostrando seus efeitos e apresentando a história feita também por pessoas do povo, anônimos, e não apenas pelos heróis consagrados pela historiografia oficial.

A história da memória pode ser individual e coletiva. Considera-se, neste aspecto, as ideias de Halbwachs (1990, p. 51):

Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas de natureza social.

Apoiados ainda no pensamento de Le Goff (2003, p.466), pensamos que “a memória coletiva sofreu grandes transformações com a constituição das ciências sociais e desempenha um papel importante na interdisciplinaridade que tende a instalar-se entre elas”. Fazendo relação com a interdisciplinaridade, ressalta Thompson (1992), a História Oral permeia outras disciplinas, Sociologia, Antropologia, no trabalho de campo.

Nesse sentido, a presente pesquisa deu voz aos ex-alunos, ex-professoras e ex-diretoras das primeiras instituições escolares da cidade freitense, para que os sujeitos, através de suas memórias, relatassem os acontecimentos vividos no espaço da cidade e da escola em José de Freitas – PI.

Nesse aspecto, a História oral veio abrir espaços de vez e voz aos anônimos, com sentido às experiências vivenciadas e partícipes do meio social, tornando-os sujeitos ativos na História. Ainda Thompson (2002, p.16):

A história oral tem um poder único de nos dar acesso às experiências daqueles que vivem às margens do poder, e cujas vozes estão ocultas porque suas vidas são muito menos prováveis de serem documentadas nos arquivos.

Para tanto, faz-se necessário adentrar a escola através dos informantes das vozes ocultas, considerando os agentes históricos, com o propósito de investigar a dinâmica dos grupos escolares. Para Bom Meihy (1998, p. 13):

Como pressuposto, a história oral implica a percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não

está acabado. A presença do passado no presente imediato das pessoas é razão de ser da história oral. Nessa medida, a história oral não só oferece uma mudança para o conceito de história, mas, que isso, garante sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a seqüência histórica e sentir-se parte do contexto em que vivem.

Nessa abordagem, houve muitas dificuldades, entre as quais, a impossibilidade de sujeitos registrarem seus depoimentos por problemas de saúde. Entretanto, novos sujeitos apareciam à medida que se vasculhava o *corpus* documental nos arquivos escolares, oportunizando assim, o espaço de vez e voz dentro da narrativa histórica.

Dessa forma, as autoras Lopez e Galvão (2005, p. 88), sobre a história oral, destacam que: “[...] ouvir passou a ocupar um lugar bastante importante na contemporânea historiografia, principalmente quando o pesquisador, em consequência do problema que se coloca, dispõe de poucos testemunhos escritos”. Por conseguinte, Thompson (1992, p. 22) afirma:

[...] a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação. [...] pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.

Entretanto, Burke (1992) ressalta que, quanto mais distantes vão os historiadores na tentativa de reconstruir a experiência de classes sociais inferiores, mais limitada se torna a diversidade de fontes ao seu dispor.

Assim, a História da Educação estará resgatando e promovendo espaços, registrando fatos que se destacaram no cotidiano dos primeiros grupos escolares. Quanto a esses aspectos, destaca Azevedo (2009, 75): “[...] “os exames, os eventos cívicos, o canto dos hinos, as visitas aos grupos e as festas escolares, principalmente as referentes ao encerramento do ano letivo”. Na opinião de Julia (2001, p. 12), aos historiadores da educação, para conhecer uma instituição de ensino, “convém voltar para o funcionamento interno dela e conhecer, portanto, a sua cultura escolar”. As práticas cotidianas

no espaço de ensino envolvem a dinâmica da cultura escolar, marcada por regras, normas. De acordo com Faria Filho (2007, p.193):

[...] a cultura escolar entendida como a forma como em uma situação histórica concreta e particular são articuladas e representadas, pelos sujeitos escolares, as dimensões espaço-temporais do fenômeno educativo escolar, os conhecimentos, as sensibilidades e os valores a serem transmitidos e a materialidade e os métodos escolares.

Assim, cultura escolar é relacionada às práticas educativas realizadas no interior da instituição escolar compreendendo os acontecimentos no espaço escolar de funcionamento interno.

Nesse aspecto, Souza (2000, p. 52) menciona: “É preciso que a história da educação inclua o ponto de vista desses seus agentes, além de outros, como pais e administradores, e não somente o ponto de vista do discurso emanado das esferas mais altas do poder institucional”.

Sabe-se que as práticas escolares estão na cultura escolar. Para Farias Filho (2007), refletir a cultura escolar é refletir também sobre a maneira como os atores escolares mencionam sobre as tradições e os aspectos culturais envolvidos no processo de escolarização.

Diante dessa preocupação, Ferro (2010, p. 38) destaca:

O receio do desaparecimento rápido e definitivo dos vestígios do passado, tem levado a contemporaneidade a uma verdadeira mania de arquivos, ou ações no sentido do resgate histórico e preservação de fontes. Na medida em que a memória tradicional vai desaparecendo, pela própria dinâmica atual da vida social, aumenta a preocupação em acumular vestígios, testemunhos, imagens, relatos, enfim, sinais de que foi a experiência vivida no passado das sociedades. Esta postura tem levado a uma certa inibição na destruição destes materiais, à organização de arquivos, e a uma hipervalorização da memória.

A citação acima convida a fazer reflexão sobre as lembranças ligadas aos relacionamentos sociais que são referências para a construção das representações atuais, sobretudo nos espaços escolares. Souza (2000, p. 38) acrescenta que: “Revisitar a imagem da antiga escola pública consiste num esforço de capturar a razão pela qual, afóra todo o saudosismo, ela permanece viva na educação, suspendendo pelo menos por enquanto, a acusação de que

é uma imagem reacionária”. Nesse ponto, destaca Arroyo (2004, p. 81): “Há muitas formas dos alunos (as) falarem de suas vidas, de suas trajetórias humanas e escolares. Dando voz àqueles que por tanto tempo foram silenciados [...]”. Para tanto se faz necessário conhecer as trajetórias escolares para além dos clássicos boletins e registro de notas: os alunos e as alunas guardam lembranças de seus tempos vividos na cidade livramentense ou freitense. Percebe-se, então, que as lembranças da escola com as da infância e juventude se entrelaçam. De acordo com Nunes (2003, p.15):

As escolas também são “celeiros” de memórias, espaços nos quais se tece parte da memória social. As reminiscências desse espaço são possíveis pela estrutura de suas rotinas e sua continuidade no tempo. A importância dessa instituição, mesmo quando apontamos sua crise na construção das subjetividades do mundo contemporâneo, reside no fato de representar, durante a infância e a adolescência, para além de sua finalidade específica, um território de lenta aprendizagem do mundo exterior. Os códigos desse universo transparecem na definição de um espaço que lhe é próprio, no uso do tempo, nas regras disciplinares, nas vestimentas específicas e numa pluralidade de objetos.

Também não se pode desconsiderar que, tratar do percurso evolutivo de instituições escolares, prevê uma contextualização histórica do período. Ora, a história da educação no Brasil foi marcada pela vinda dos padres jesuítas em 1549, juntamente com o primeiro governador geral, Tomé de Sousa. Sobre as primeiras escolas do Brasil, ressalta Azevedo (1976, p. 11):

Falar das primeiras escolas no Brasil é, de fato como escreve Serafim Leite, ‘evocar a epopéia dos jesuítas do século XVI’, em que lançaram, entre perigos e provocações, os fundadores de todo um vasto sistema de educação que se foi ampliando progressivamente com a expansão territorial do domínio português.

O ensino dos jesuítas deixou o seu legado na educação brasileira, como confirma Azevedo (1976, p. 47 – 55) ao dizer:

Em 1759, com a expulsão dos jesuítas, o que sofreu o Brasil não foi uma reforma de ensino, mas a destruição pura e simples de todo o sistema colonial do ensino jesuítico. Não foi um sistema ou tipo pedagógico que se transformou ou se substituiu por outro, mas uma

organização escolar que se extinguiu sem que essa destruição fosse acompanhada de medidas imediatas, bastante eficazes para lhe atenuar os efeitos ou reduzir a sua extensão. Quando o decreto do Marquês de Pombal dispersou os padres da Companhia, expulsando-os da Colônia e confiscando-lhes os bens, fecharam-se de um momento para outro todos os seus colégios, de que não ficaram senão os edifícios, e se desconjuntou, desmoronando-se completamente, o aparelhamento de educação, montado e dirigido pelos jesuítas no território brasileiro. [...]. A história de nossa cultura científica se pode dizer, pois, que teve suas origens na obra realizada pelo Marquês de Pombal na Universidade de Coimbra que, com os novos estatutos, se transformou num centro de estudos científicos, colhendo, nesse arranço para a cultura moderna, uma plêiade de jovens brasileiros e treinando-os nos novos métodos de estudos e de investigação.

Sobre a ação dos jesuítas na História da Educação no Piauí, destacando os antecedentes educacionais, menciona Ferro (1996, p.57):

No Piauí, a atividade dos jesuítas foi menos de educadores e mais de religiosos missionários na catequese, e de administradores das fazendas que iriam manter financeiramente os colégios da Bahia, onde exercia a escolaridade de melhor qualidade.

Diante de tal ocupação dos jesuítas na administração das fazendas em território piauiense, não havia espaço para as atividades educacionais. De acordo com Brito (1996, p. 13): “Só mais tarde, passaram a se preocupar com a educação do povo, tendo conseguido, em 1733, alvará de licença para funcionamento de um estabelecimento de ensino que se denominaria ‘Externato Hospício da Companhia de Jesus’”. O estabelecimento, entretanto, não logrou êxito, devido às dificuldades enfrentadas para sua instalação, decorrentes da dispersão demográfica dos núcleos populacionais. Colaboraram também para o fracasso a pobreza, as precárias condições de comunicação e o acesso à Capitania, dentre outros. Sobre esse fato, Brito (1996, p.15), ressalta:

A omissão dos Jesuítas em relação ao ensino de primeiras letras na Companhia levou o Rei a criar, por Alvará de 03 de maio de 1757, duas escolas de instrução primária na Vila da Mocha: uma para meninos e outra para meninas, com currículo específico para cada sexo. A escola para meninos deveria ensinar a ler, escrever e contar, além dos princípios de doutrina cristã. A escola para meninas deveria acrescentar a esse currículo, copiado do plano educacional de Nóbrega, atividades de cozer, fazer renda e outras de caráter doméstico. Foram estas as primeiras escolas públicas no Piauí.

Sobre os primórdios da educação piauiense de instrução primária e secundária, afirma Queiroz (2008, p.11 e 14):

O que aconteceu em relação ao ensino primário no período republicano só acentuou tendências já presentes ao longo da segunda metade do século XIX, particularmente nas décadas 1870 e de 1880, por exemplo, a generalização da ideia de que do ensino popular viria a salvação do país. [...]. O Piauí continuou como uma das unidades da Federação em que o número de analfabetos guardava maior proporção em relação à população total. [...] A primeira iniciativa oficial visando à instituição do ensino secundário no Piauí data de 1827, quando foram criadas cadeiras de Latim em Oeiras e Parnaíba. Lei de 15 de agosto de 1832 cria cadeiras de Filosofia Racional e Moral, Retórica, Geografia e Francês, todas em Oeiras.

No Piauí, as escolas inicialmente funcionavam nas casas dos professores, nas fazendas ou em espaços inapropriados. Brito (1996) menciona que os primeiros grupos escolares da capital do estado começaram a ser implantados em condições precárias em 1914. O Grupo escolar era entidade modernizante e, para tanto, necessitava de um professor qualificado. De acordo com Lopes (2006, p. 83) “O modelo dos grupos escolares, sofisticado do ponto de vista das instalações e dos recursos didáticos, principalmente se comparado à casa escola, implicava, todavia, maiores gastos. Esse fato determinou a postergação de sua implantação”. Ao que Souza (2000, p.18) relata:

[...] a crise do sistema público, corroendo simultaneamente a qualidade do ensino e a identidade dos professores, obrigou pesquisadores a reestabelecer a relação colocada por Halbwachs entre identidade e memória, bem como a dirigir um olhar retrospectivo ao passado educacional, no sentido de nele buscar as raízes da atual crise do ensino público.

Nesse aspecto, Silva e Ferro (2009, p. 163) lembram que: “A sociedade tem presenciado nos últimos anos um intenso movimento em torno do resgate e preservação do seu passado, com estudos sendo implementados para a reconstituição da história, analisada sob vários enfoques e diferentes olhares.” Sobre o sistema da escola pública, Vidal (2005) destaca que as relações pedagógicas e dos materiais e métodos de ensino configuraram um modelo de escola primária até os anos de 1970.



## 1.2A trajetória da pesquisa: aspecto metodológico

Esta pesquisa histórica tem abordagem qualitativa e descritiva. A pesquisa qualitativa, um campo transdisciplinar, envolve as ciências humanas e as ciências sociais adotando vários métodos de investigação para estudo de um fenômeno que busca interpretação dos fatos. Destaca Strauss (2008, p. 23): “Com o termo ‘pesquisa qualitativa’ queremos dizer qualquer tipo de pesquisa que produza resultados não alcançados através de procedimentos estatísticos ou de outros meios de quantificação”. Para Minayo (2009, p. 21), a pesquisa qualitativa:

(...) responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.

Utilizou-se ainda, neste estudo, a pesquisa descritiva, pois de acordo com Oliveira (2007, p. 68): “A pesquisa descritiva é abrangente, permitindo uma análise do problema de pesquisa em relação aos aspectos sociais, econômicos, políticos, percepções de diferentes grupos, comunidades, entre outros aspectos”.

A execução desse trabalho sobre a memória e a história das primeiras instituições escolares na cidade de José de Freitas-PI constou de análise documental, história de vida, através de narrativa, adotando-se a abordagem historiográfica vinculada à Nova História Cultural, na perspectiva da História Oral.

Justifica-se a escolha da pesquisa qualitativa por caracterizar, com descrições pormenorizadas, situações, atitudes, crenças e comportamentos que são plenamente observáveis. Consta de estudo da história de vida, a partir da utilização do método autobiográfico, onde as memórias dos sujeitos – ex-diretoras, ex-professoras e ex-alunos(as) – da população freitense serviram como dados para análise, já que estes foram participantes das primeiras instituições do município.

Nesse sentido, Souza (2007 - a) destaca que o método autobiográfico, considerado também como narrativas de formação, dada a sua complexidade, é um método de pesquisa na formação existencial, tendo em vista a análise sobre um projeto de produção da vida pessoal e/ou profissional. Por sua vez, os documentos pessoais, as cartas, as fotografias, os diários, as autobiografias, são fontes imprescindíveis para informações sobre memória e história da humanidade. A história de vida permite reconstruir a memória dos indivíduos nas diferentes experiências por eles vivenciadas.

Na realização desse trabalho, utilizou-se as fontes orais através de narrações, recordações históricas de vidas, autobiografias por meio de relatos.

Assim, Souza (2007- a) considera que escrever e pensar sobre a própria vida é um ato cuja reflexão está relacionada ao material escolar – livro de ponto, livro de matrícula, programas, projetos, diários, correspondências, fotografias, dentre outras formas de registros, como sugere Pineau (2006): desconstruir a vida para reconstruí-la dando-lhe novos sentidos.

Nesse aspecto, fez-se a escolha do método autobiográfico pelo seguinte:

- É um dos aportes teórico-metodológicos mais significativos para a compreensão da cultura e das relações sociais e históricas do ser humano;
- Aponta como rica fonte as autobiografias, visto que através delas muito do cotidiano da educação escolar nos é apresentado, um processo dinâmico de escolarização que envolve não somente aqueles sujeitos diretamente implicados com a escola, mas o conjunto das instituições sociais (FARIA FILHO, 2002);
- Faz uso da História Oral, [...] “proporciona vez e voz aos ‘esquecidos’, aqueles que não tiveram oportunidades de relatar a sua história”. (THOMPSON, 2002, p. 16).

Nesse contexto e considerando o papel do educador, Thompson (2002) corrobora com Catani (2003, p. 32), quando este último pondera “[...] dar voz aos mestres, permitindo que eles se ouçam e se façam ouvir [...] com histórias de vida e relatos autobiográficos na investigação educacional adquirem grande

interesse e relevo muito especial”. Assim, o trabalho biográfico obtém um relato de vida sustentado pelo relato de práticas. Souza (2007- a) faz referência à importância da autobiografia como: I) registro de experiências significativas do professor em um dado período de tempo de sua profissão; II) o relato autobiográfico resulta na verbalização, oral e escrita feita pelo sujeito de sua própria vida.

Para Bom Meihy (1998, p. 24), a História Oral trata-se de,

[...] um conjunto de procedimentos que se iniciam como a elaboração de um projeto e continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a serem entrevistadas, com o planejamento da condução das gravações; com a transcrição, com a conferência do depoimento, com a autorização para o uso, arquivamento e, sempre que possível, com a publicação dos resultados, que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas.

Tentando limitar o *lócus*, o contexto geográfico da pesquisa se deu no município de José de Freitas, localizado ao norte do Piauí. O universo da pesquisa se constitui das três primeiras instituições escolares: Grupo Escolar “Padre Sampaio”, Grupo Escolar “Antônio Freitas” e Ginásio Moderno Estadual “Antônio Freitas”, e contou-se com a amostragem de 06 sujeitos (02 ex-diretoras, 02 ex-professoras e 02 ex-alunos) das escolas pesquisadas para obtenção dos relatos autobiográficos desses sujeitos que participaram da educação, em particular das primeiras instituições de ensino com prédio próprio na cidade no período de 1928 a 1971. A seleção dos ex-diretores justificou-se por serem os únicos profissionais da época residentes na cidade, reportando-se ao período determinado. Enquanto que as ex-docentes e os ex-alunos, pela contribuição sócio-política e cultural naquela cidade.

Nesse cenário, para a realização da pesquisa, fez-se uso dos seguintes instrumentos para a coleta de dados:

- **Elaboração de questionário:** questões fechadas e abertas sobre o decurso de sua vida profissional ou estudantil.

- **Entrevista semi-estruturada:** questões abertas baseadas na entrevista narrativa, com foco na trajetória do cotidiano escolar das instituições escolares do período determinado (1928 – 1971).
- **Corpus documental (material escolar):** portaria, livro de matrícula, livro de ponto, diários, objetos, fotografias das festividades escolares, dentre outros encontrados nos arquivos das instituições escolares pesquisadas, no Arquivo Público da Casa Anísio Brito em Teresina-PI e no arquivo da Câmara Municipal de José de Freitas-PI.

Abordou-se no questionário, dados pessoais e profissionais (faixa etária, nível de escolaridade e modalidade de acesso ao trabalho) para traçar o perfil dos sujeitos entrevistados das instituições escolares pesquisadas. Para González Rey (2005, p. 41):

O questionário é um instrumento interessante, no entanto, devemos ter em conta que as respostas de uma pessoa a um questionário estão mediadas pelas representações sociais e pelas crenças dominantes no cenário social em que se aplica o instrumento.

A entrevista semi-estruturada ou semi-dirigida é definida por Gil (2002, p.121) como:

A entrevista focalizada (semi-estruturada ou semi-dirigida), é tão livre quanto a entrevista informal (não estruturada), porém enfoca um tema bem específico. O entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema original, esforça-se para a sua retomada.

Nesse sentido, a entrevista semi-estruturada proporcionou aos participantes a oportunidade de responderem a questionamentos utilizando seus próprios termos, o que possibilita ao entrevistador maior liberdade para investigar além das respostas emitidas, permite ainda ouvir o pesquisado através das narrativas orais. Abordou-se nessa entrevista: memória de cidade – rotina da cidade: comércio, atividade esportiva, cultural e festividades religiosas –, memória de identidade e memória de escola (ambiente físico,

cotidiano do grupo escolar – metodologias, procedimentos de avaliação e recursos didáticos –, festividades escolares, medidas disciplinares e recursos materiais). Para Souza (2007- a), as narrativas são fragmentos da experiência que serão retirados do esquecimento ou extraídos de uma lembrança recente.

Sobre os conteúdos das entrevistas semi-estruturadas e dos percursos de vida profissional, Souza (2007- a) pondera que são construídos por meio de relatos autobiográficos. Para essa contribuição, Ludke (2005, p. 34) destaca que “a entrevista semi-estruturada, se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações”; permitindo, portanto, a observação e reelaboração dos fatos com o objetivo de aprofundamento da temática. De acordo com Félix (1998, p.69): “Em história, pratica-se a observação dos fatos com a função de dar vida e voz às coisas mortas”.

É fato que, ao analisar essas instituições escolares de José de Freitas, situou-se na sociedade, através de referenciais teóricos, fazendo uso de memórias e análise documental, que, conforme as ideias de Ludke (2005, p. 38),

[...] a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema. [...] documentos que incluem desde leis e regulamentos, normas, pareceres, cartas, memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, revistas, discursos, roteiros de programas de rádio e televisão até livros, estatísticas e arquivos escolares.

A pesquisa histórica, segundo Richardson (2010, p. 246), “demanda intenso trabalho bibliográfico-documental e grande paciência do pesquisador”. Assim, remetem a importância dos estudos sobre o cotidiano escolar dos primeiros grupos escolares, ao que destaca Sousa (2000, p. 52):

É preciso incorporar à análise histórica (bem como à análise sociológica e psicológica) a ideia de que para compreender o que a escola realizou em seu passado (ou realiza na atualidade), não é suficiente estudar ideias, discursos, programas, papéis sociais nela desempenhados, suas práticas e métodos de trabalho; torna-se necessário também tentar compreender a maneira com que

professores e alunos reconstruíram sua experiência, como constituíram relações, estratégias, significações por meio das quais construíram a si próprios como sujeitos históricos.

A partir de Nóvoa (2005, p. 13), dentre os três fatos mencionados pela coleção de História e Memória de Educação no Brasil, destacam-se o primeiro: [...] “propostas teóricas e metodológicas que rompem com concepções tradicionais de investigação histórica em educação, avançando pelos caminhos abertos pela história social e pela nova história cultural”.

A História, nos dias atuais, segundo Albuquerque Júnior (2007), não pode ser de construção, mas de desconstrução, que busque compreender os fragmentos e as diferenças que os constituem.

Ao pensar nestes tempos pós-modernos, Albuquerque Júnior (2007, p. 85-86) menciona:

[...] o caráter fragmentário de nossas experiências; a multiplicidade de temporalidade que articulam num instante; o caráter de fabricação do que chamamos de objeto e de sujeito; a espessura própria da linguagem, inventora de nossas coisas e de nossos mundos; a necessidade de mudar a visada, de redirecionar o olhar do grandioso, do heróico, do famoso, do grandiloquente, para o ínfimo, para o menor, para o abandonado, para o traste, para o infame, para o cisco.

Nesse aspecto, destaca ainda Albuquerque Júnior (2007) que não pode deixar de mencionar sobre os versos de Manoel de Barros, ao que Adad (2007, p. 276) também afirma: “Prefiro as palavras obscuras que moram no fundo de uma cozinha tipo borra, latas, cisco”. Ainda Adad (2007, p. 284) menciona que:

[...] nos aproximemos desses poemas de modo que se pense em nós, e que continue cheio de recantos desvãos, pois somos formados de desencontros, de descontinuidades, e das antíteses e ambigüidades que nos congraçam. É por isso que a Educação e a ciência são a invenção de versos plausíveis de nossa trajetória no tempo, para que possamos dela nos afastar nos diferir.

Assim deve ser o papel do historiador: um novo sujeito capaz de administrar as adversidades, e especialmente, estar aberto ao novo, ao

diferente, que questione ou desconstrua o já estabelecido e proponha novas visões para um caminho novo.

O historiador é o tecelão, mas a qualidade do tecido depende da firmeza e cor dos fios.

Sobre a natureza cultural, da História destaca Chartier (1990, p.17):

[...] pensar uma história cultural do social que tome como objeto a compreensão das formas e dos motivos, isto é, das representações do mundo social que, à revelia dos autores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é ou como gostariam que fossem.

Até os primeiros trinta anos do século XX, considerava-se fonte material para escrever história apenas os documentos escritos vistos, já na sua formulação, por suas próprias origens confiáveis. Na medida em que os historiadores foram ampliando os temas abordados em História da Educação, os pesquisadores foram ampliando o uso das fontes, transformando-as em objetos de pesquisa.

Segundo Lopes e Galvão (2005), além dos espaços escolares, pinturas, esculturas, fotografias, cartões postais, obras literárias, autobiografias, correspondências, diários íntimos, relatos de viajantes, jornais e revistas, e ainda caderno e trabalho de alunos, o mobiliário, cadernetas de professores, exercícios, provas, boletins escolares, livros de ocorrências, uniformes, bibliotecas escolares, livros dos alunos e dos professores evidenciam os métodos de ensino, disciplina, currículo, saberes escolares, formação de professores, a história oral e a música etc retratam a História da Educação em cada época e sociedade.

Para tanto, o trabalho com as fontes requer, acima de tudo, paciência; e, quanto maiores o número e os tipos de fontes, ou seja, a pluralidade de documentos, melhor para serem explorados, e maior será a compreensão para se produzir conhecimentos sobre o tema pesquisado. Na fase de análise e interpretação dos dados, adotou-se um processo de análise de conteúdo, o que, de acordo com Bardin (1977, p. 38), [...] “aparece como um conjunto de

técnicas de análises das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”.

### **1.2.1 Os sujeitos e os espaços da pesquisa**

A escolha dos sujeitos interlocutores da pesquisa se deu pelos seguintes critérios: ter participado como aluno, professor ou diretor das escolas – Unidade Escolar “Padre Sampaio”, Unidade Escolar “Ferdinand Freitas” e Unidade Escolar “Antônio Freitas” – no final da década de 1920 ao início da década de 1970.

Nesse contexto, privilegiou-se o habitante nato da cidade de José de Freitas-PI, na condição de ex-aluno, ex-professor e ex-diretor das três primeiras instituições-referência desta pesquisa. Situação esta que possibilitou a tarefa de chegar aos sujeitos da pesquisa que se desenhavam no perfil previamente delineado.

Diante de tal situação, garimpou-se a história e a memória da educação da cidade freitense, como diz Albuquerque Júnior (2007, p. 87),

[...] a tarefa do historiador como a de um garimpeiro de esperanças em meio as cinzas, como aquele responsável por produzir uma contramemória dos vencedores, como aquele comprometido a reacender as pequenas brasas que restassem do calor das refregas e das batalhas que retravaram no passado e que, recobertas de poeira, já não mais cintilavam, nem causavam perigo.

Nessa atividade de pesquisa, configuram-se os seguintes sujeitos: ex-alunos (Sr. Valdir Santos e Sr. Hudson Almendra), ex-professoras, (D. Josefina Oliveira – a D. Maninha – e D. Eunice Silva) e ex-diretoras (D. Pastôra Carvalho e Maria Flôr Almendra Araújo, a Tia Flôr) (Quadro 01). Vale destacar que a ex-professora Maria Josefina também se configura como ex-aluna, assim como a ex-diretora, Maria Flôr, ora ex-aluna, ora ex-professora.



Nº	SUJEITOS DA PESQUISA	IDADE	CARGO OU FUNÇÃO	GRUPO ESCOLAR	PERÍODO DE ATUAÇÃO	FORMAÇÃO ATUAL
01	Valdir Santos	78	Estudante	Grupo Escolar "Padre Sampaio"	1940 – 1943	Contabilidade
02	Hudson Veras de Sampaio Almendra	72	Estudante	Grupo Escolar "Padre Sampaio"	1946 – 1949	Primário
03	Maria Josefina da Silva Oliveira	78	Estudante	Grupo Escolar "Padre Sampaio"	1940 – 1943	Teologia
			Professora		1971	
			Estudante	Ginásio Moderno Estadual "Antônio Freitas"	1968 – 1971	
04	Maria Eunice da Silva Pereira	68	Professora	Grupo Escolar "Padre Sampaio"	1965 – 197?	Pedagógico
05	Pastôra Lopes de Lima Carvalho	84	Diretora	Grupo Escolar "Padre Sampaio"	195? – 1957 1966 – 1968	Pedagogia Administração Escolar
				Grupo Escolar "Antônio Freitas"	1957 – 19??	
06	Maria Flôr Almendra Araújo	67	Estudante	Grupo Escolar "Padre Sampaio"	1951 – 1955	Pedagógico
			Professora	Grupo Escolar "Antônio Freitas"	1964 – 1990	
			Diretora	1970 – 1971		

Quadro 01 – Relação dos sujeitos da pesquisa.  
Fonte: Dados pessoais dos sujeitos da pesquisa (2011).

Na cidade do Livramento, atual José de Freitas-PI, o primeiro grupo escolar foi criado a 19 de abril de 1928, o Grupo Escolar "Padre Sampaio Castelo Branco" (LOPES, 2006), atualmente Unidade Escolar "Padre Sampaio". Recebeu esse nome em homenagem ao padre Dr. Joaquim José Sampaio Castelo Branco, filho natural da Vila do Livramento nascido no dia 13 de dezembro de 1860 na Fazenda Ininga (Figura 01), filho de Antônio José de Sampaio e Merolina Rosa de Jesus Castelo Branco.

Carvalho (1994) relata que o Padre Sampaio iniciou seus estudos em São Luis – MA, prosseguindo-os na Europa. Na cidade de Roma, ordenou-se padre em 1833, e formou-se em Direito Canônico pela Academia Pontifícia de Santo Apolinário. Na França, bacharelou-se em Teologia pela Universidade Católica de Paris. Retornou ao Brasil, em especial à Vila do Livramento, para celebrar a

sua primeira missa no dia 26 de julho de 1883. Ainda, segundo Carvalho (1994, p. 13):

Sua chegada da Europa foi motivo de grandes emoções para a sua família. Um fato importante aconteceu após a sua chegada. Sua mãe colocou todos os seus bens à sua disposição e ele dispensou, alegando não pretender fixar residência aqui na Vila do Livramento, mas num gesto de reconhecimento e de amor pediu a sua mãe que lhe concedesse um outro presente que talvez para a época fosse considerado impossível. Mesmo assim, sua mãe não hesitou em dizer sim ao seu pedido – o de libertar a sua ama, que na época era escrava e a quem estimava como uma segunda mãe. Com a permissão de sua mãe preparou a carta de liberdade e durante o sermão de sua primeira missa comoveu a todos os presentes, mostrando-a em público, abraçando e beijando a escrava, o que fez muitos chorarem durante a missa.



Figura 01 – Casa da Fazenda Ininga. [s.d.]  
Fonte: Arquivo Particular do ex-prefeito Fernando Freitas.

O Padre Sampaio fixou residência em São Luis – MA, onde, além de padre, foi deputado e professor de francês no Liceu Maranhense. Mais tarde, transferiu-se para o Rio de Janeiro, local em que veio a falecido no dia 17 de agosto de 1892, com apenas 32 anos de idade.

A **Unidade Escolar “Padre Sampaio”**, situada a Rua Hugo Napoleão nº 618, no centro da cidade (Figura 02), até hoje mantém a mesma estrutura física da fase de implantação: cinco salas de aula, uma sala da diretoria e uma sala dos professores. Vale destacar o excelente pátio à sombra dos mangueirais.



Figura 02 – Unidade Escolar “Padre Sampaio” (Abril/2011).  
Fonte: Arquivo Particular da Profª. Amparo Holanda.

A **Unidade Escolar “Ferdinand Freitas”** (Figura 03), localizada à Rua José Cândido Gayoso N° 275, centro da cidade, foi inaugurada no dia 07 de abril de 1957 com as seguintes dependências: 05 salas de aula, 01 diretoria, 01 secretaria, 01 cantina, 01 banheiro com chuveiro para os professores e 05 aparelhos sanitários para os alunos, além de uma excelente área de pátio livre, cerca de 100m².



Figura 03 – Unidade Escolar “Ferdinand Freitas” ( Março/2011).  
Fonte: Arquivo Particular da Profª. Amparo Holanda.

A **Unidade Escolar “Ferdinand Freitas”** recebeu este nome em homenagem ao ex-prefeito da cidade, Sr. Ferdinand Carvalho de Almendra Freitas (Figura 04), natural da Vila do Livramento, nascido a 19 de julho de 1920 e falecido no dia 17 de setembro de 1985, filho de Antônio de Almendra Freitas e de Corina de Carvalho Freitas.

Ferdinand Freitas concluiu em 1931 o ensino primário no Grupo Escolar “Padre Sampaio” e sua professora foi Agripina de Castro Portela. Prosseguiu seus estudos no Liceu Piauiense, em Teresina – PI. Em 1940, foi para o Rio de Janeiro e diplomou-se em fevereiro de 1944, no curso de contabilidade, momento em que regressou para a cidade de José de Freitas fixando residência. No estabelecimento comercial da família – a Casa Almendra & Irmãos Ltda, – onde seu pai, Antônio de Almendra Freitas (Figura 05), era sócio, acompanhava-o não somente nas atividades comerciais, mas também nas atividades políticas do município. Partindo desse cenário político, Ferdinand foi eleito, por 5 vezes, prefeito da cidade e veio a falecer no exercício do mandato. (Quadro 02).

Vale ressaltar que, segundo Carvalho (1994, p.37), “o Sr. Ferdinand Freitas, muito comunicativo, herdou do avô José de Freitas e do pai Antônio Freitas habilidades e qualidades próprias de um grande político, [...]. Maior ainda em sua determinação em prol do desenvolvimento da cidade. No início de suas atividades na Prefeitura Municipal ou em seu escritório no estabelecimento comercial, a Casa Almendra, muitas vezes era procurado pela população como uma espécie de juiz de paz, conselheiro diante dos conflitos que existiam em algumas famílias do povo freitense.



Figura 04 – Ferdinand de Almendra Freitas .  
Fonte: Arquivo da Unidade Escolar  
“Ferdinand Freitas”.

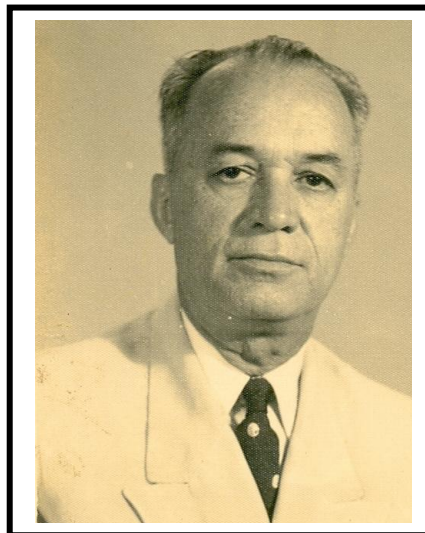


Figura 05 – Antônio de Almendra Freitas.  
Fonte: Arquivo Particular da Prof<sup>a</sup>.  
Livramento Lima.

Depois da implantação do **Grupo Escolar “Padre Sampaio”** e do **Grupo Escolar “Antônio Freitas”**, era grande a necessidade de uma instituição escolar que proporcionasse a continuidade do sistema educacional. Daí então, foi construído um novo prédio para acomodar o curso ginásial com o nome de **Ginásio Moderno Estadual “Antônio Freitas”**, situado à Av. Petrônio Portela nº 680 (Figura 06).



Figura 06 – Ginásio Moderno Estadual “Antônio Freitas” (Março/2011).  
Fonte: Arquivo Particular da Prof<sup>a</sup>. Amparo Holanda.

O patrono também do Ginásio era Antonio de Almendra Freitas, filho de José de Almendra Freitas e de Ana Rosa Castelo Branco de Meneses Costa, nascido na cidade de José de Freitas no dia 30 de abril de 1894. Foi intendente no Livramento no período de 1921 a 1928. Secretário de Fazenda no Piauí, faleceu aos 69 anos de idade, no dia 22 de outubro 1963.

Acompanhando a caracterização do contexto freitense do período em destaque, o capítulo a seguir evidencia o cenário de atividades políticas, econômicas e culturais em que se desenvolveram os primórdios das atividades educacionais na cidade freitense.

## **CAPÍTULO II - MEMÓRIAS DA VILA DO LIVRAMENTO E DO PRIMEIRO GRUPO ESCOLAR “PADRE SAMPAIO”**

Todo ser humano, toda sociedade tem a sua história, seja nos documentos escritos, seja na memória das pessoas. Esta última corre o risco de se perder no espaço se não ocorrer o registro dos fatos e dos acontecimentos passados. Para Felix (1998, p. 45):

Estudar memória, entretanto, é falar não apenas de vida e de perpetuação da vida através da história; é falar, também, de seu reverso, do esquecimento, dos silêncios, dos não-ditos, e, ainda, de uma forma intermediária que é a permanência de memórias subterrâneas entre o esquecimento e a memória social.

Assim, no passado se veem as inúmeras facetas da história em sua dimensão multidisciplinar e a escola funciona como espaço de lembranças, de rememoração das raízes. Sobre a memória, Nunes (2003, p. 22) ressalta que “as trajetórias escolares e as memórias de formação são lugares privilegiados de construção de entendimento, de descobertas de laços entre a memória pessoal e social”.

### **2.1 Da Vila do Livramento à cidade de José de Freitas-PI**

Dentre os desbravadores, Domingos Afonso Mafrense, um dos aliados da tradicional “Casa da Torre”<sup>3</sup>, de Garcia D’Avila (Figura 07), que abandonou a aristocracia baiana, seguia caminho através do Rio São Francisco para desbravar o sertão piauiense, agindo quase sempre a serviço do Império. Segundo Freitas (1954, p.18):

Começando o desbravamento do sertão do Piauí, sob a inspiração dessa continuidade de hábitos e princípios, erguidos ou rústicas construções primitivas, a pequena lavoura e criação, instalado o homem nos campos das regiões sulinas e centrais, banhadas pelos rios Gurguéia, Canindé, Piauí e Poti, são concedidas aos

---

<sup>3</sup> Casa da Torre a de Garcia D’Avila, o primeiro dos D’Avila foi Garcia, que chegou ao Brasil em 29 de março de 1549, acompanhando o governador geral Tomé de Sousa.

bandeirantes, pelo sistema de 'cartas de sesmarias', as terras conquistadas.



Figura 07 – Casa da Torre de Garcia D'Avila. (em ruínas)  
Fonte: Castelo Branco, (2008, p. 15).

Para Araújo e Eugênio (2006, p.114): “A ação dos D'Avila, contudo, não se limitou ao Piauí, estendeu-se à metade leste do Maranhão, ao norte do Tocantins, a porções do Ceará, Paraíba, Pernambuco, a Sergipe e Alagoas”. Assim, os D'Avila frequentemente estavam a serviço da Colônia e da Coroa Portuguesa.

No entanto, a partir do que se divulga, os primeiros habitantes das terras livramentenses foram as famílias Almendra e Freitas, oriundas de Portugal, que chegaram à Província piauiense no século XIX com grande vontade de vencer os obstáculos da terra nova, com muita garra, fortes energias, 'pioneiros a adentrar como em mares nunca dantes navegados'. O jovem José de Almendra Freitas, de 21 anos de idade, viera da capital portuguesa, Lisboa, fixando residência na Casa Grande de São Domingos, localidade São Domingos (Figura 08 e Figura 09), na Vila do Livramento.



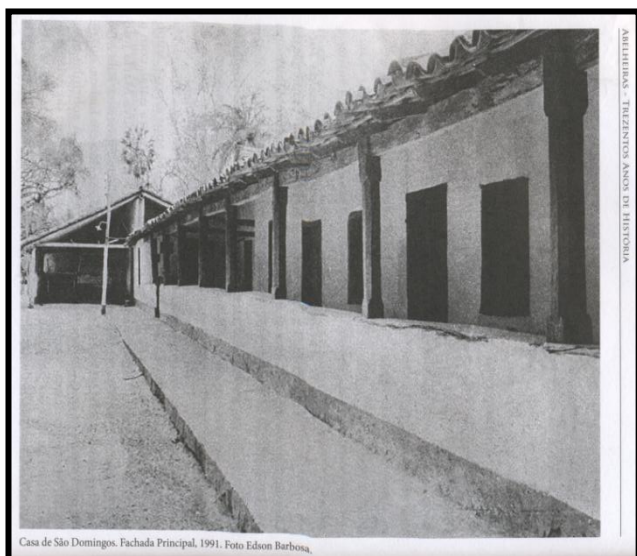


Figura 08 – Casa São Domingos. (Fachada Principal, 1991).  
Fonte: Castelo Branco, (2008, p. 68).



Figura 09 – Casa São Domingos (em ruínas 2011).  
Fonte: Arquivo particular profª. Amparo Holanda.



Figura 10 – Amigos de José de Almendra Freitas  
Fonte: Arquivo particular de D. Maria Luiza, esposa do ex-prefeito Ary Carvalho (falecido).

Rêgo (1950) destaca, nos relatos dos descendentes, parentes e amigos que conviveram com o seu avô José de Freitas, como vemos na Figura 10<sup>4</sup>, que estes vultos contribuíram para o desenvolvimento da sociedade livramentense, atual cidade de José de Freitas-Pi. Sobre isso, Halbwachs (1990, p. 34) diz:

[...] para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum.

Em meio a diversos relatos, que as famílias, Almendra e Freitas, trocaram a vida metropolitana da capital portuguesa, Lisboa, pelo pequeno povoado do Piauí, antiga Fazenda Boa Esperança, onde se construía uma igrejinha, cuja padroeira, Nossa Senhora do Livramento, dera o nome ao povoado, vila e, depois, cidade. Aqui começa a história dos antepassados do povo freitense.

Francisco José de Freitas, nascido a 29 de agosto de 1749, aos 15 anos de idade, deixara seus pais e a vida provinciana para viver na metrópole portuguesa, Lisboa, onde se dedicou ao comércio. Em 1776, casou-se com Maria Josefa Ferreira, nascida em 1752 na vila de Belas (Lisboa). Embora com grande sucesso nas atividades comerciais, com a entrada das forças napoleônicas em Lisboa, fora altamente prejudicado, vivenciando uma grande reviravolta marcada por prejuízos. Treze anos depois de casado, no dia 3 de junho de 1779, nascera o filho Francisco de Paula Freitas.

A união das famílias Freitas e Almendra se deu no dia 19 de agosto de 1804, quando Francisco de Paula Freitas casa com Maria Francisca de Almendra. No dia 8 de junho de 1805 nasce o primeiro e único filho do casal, João Manuel de Freitas, que aos 15 anos embarca, em outubro de 1820, para o Maranhão com objetivo de chegar a Santo Antonio do Surubim de Campo

---

<sup>4</sup> Pedro Freitas, Gentil Freitas, Quincas Duarte, Jacob Gayoso, José Cândido, Antônio Freitas, Antônio Portela, Freitas Filho, José C. Branco e Senhor Carvalho.

Maior, entretanto, por circunstâncias adversas, não conseguiu, sendo obrigado a retornar a Lisboa.

João Manoel de Freitas (Figura 11) se casou com Maria Vitoria Esteves, no dia 23 de junho de 1834, a qual falecera no dia 28 de julho de 1843. Assim, ele contraiu segundas núpcias, agora com Mariana Delfina da Fonseca, (Figura 12) com quem teve 13 filhos: Manoel Venâncio, Pedro Augusto, Matilde Maria, Jacob, João Batista, Joaquim Luis, José, João Maria, Maria Vitória, Gertrudes Magna, Mariana Adelaide, João Manuel e Carolina Amélia.



Figura 11– João Manuel de Freitas  
Fonte: Rêgo (1950).

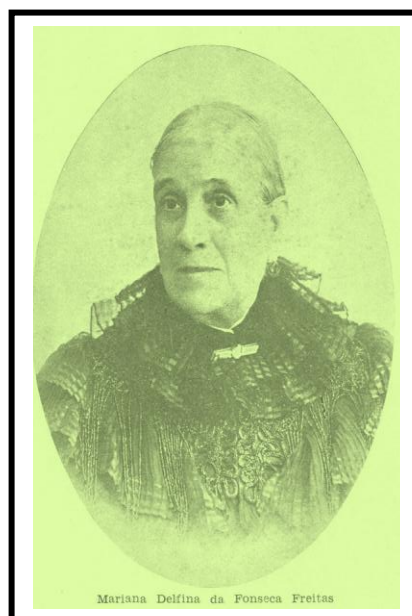


Figura 12– Mariana Delfina da  
Fonseca  
Fonte: Rêgo (1950).

José Rodrigues de Almendra da Fonseca Freitas (Figura 13), nascido em 7 de maio de 1856 – o sétimo filho de João Manoel de Freitas – , vivera sua infância e mocidade em Lisboa; ao atingir sua maioridade, veio para o Brasil, em 1877 (Período de Seca), ao encontro do seu irmão Jacob de Almendra de Fonseca Freitas que morava na Casa de São Domingos – uma das mais importantes do Piauí – a duas léguas da Vila do Livramento. Em José, persistia a ideia de vir fazer futuro no Brasil, e, para isso, deixa a numerosa

família e a pátria do Velho Continente para tentar a sorte no Novo Mundo. Conforme ressalta Halbwichs (1990, p. 127):

Assim, quando numa sociedade que se transformou subsistem vestígios de que existia antes, aqueles que a conheceram em seu estado primeiro podem também deter sua atenção sobre esses traços antigos que lhes dão acesso a um outro tempo e a um outro passado.



Figura 13 – José de Almendra Freitas  
Fonte: Rêgo (1950).

Nesse cenário, percebe-se o passado sendo recriado através da memória de um povo, trazendo vestígios de um tempo longínquo.

Assim viveu José de Freitas, entre Portugal e Brasil, dividido entre as duas pátrias. Viveu mais na segunda nos tempos em que ela se chamou Nossa Senhora do Livramento, fundada por lusitanos. Nela, nova pátria no Novo Mundo, faleceu. Porém está vivo na memória do povo freitense, consagrado no busto de bronze próximo a Praça Pedro Freitas. (Figuras 14).



Figura 14 – Busto de bronze de José Almendra Freitas no centro da cidade.  
Fonte: Arquivo particular da prof<sup>a</sup>. Amparo Holanda.

### **2.1.1 Contexto histórico, político, econômico e cultural**

A antiga Fazenda Boa Esperança foi o local onde se edificara a igreja que, em 20 de julho de 1874, tornou-se Paróquia de Nossa Senhora do Livramento, criada pela Lei Provincial n<sup>o</sup> 873, segundo Rêgo (1950). Logo ali, no dia 23 de maio de 1877, José de Almendra Freitas chega ao Piauí. Através da Lei Provincial n<sup>o</sup> 945, criou-se a Vila de Nossa Senhora do Livramento, que foi solenemente instalada a 7 de abril de 1878. Ora, sobre isso, Thompson (1992, p. 79) relata que “[...] não há substituto para os documentos: se não há documentos, não há história”. A Figura 15 representa um documento importante para a história de José de Freitas-PI.

## Ata da Installação da Villa de Nossa Senhora do Livramento

Nos sette dias do Mes de Abril do Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentas setenta e oito, Quinquagesimo sento da Independencia e do Imperio, no Consistorio da Igreja Matriz da Povoação de Nossa Senhora do Livramento, abiz presente, digo Livramento da Comarca de Campos maior de Piauhij, pela dose horas do dia, estando presente o Doutor Juiz de Direito substituto da Comarca Eugenio Felles da Silveira Fontes, no empediemento de molestia do Juiz propretario, conforme sua Commissão e Carta de quatro do Mes que vai. Corresponde o abaixo vai transcripto; designando-me para o servir de Secretario no presente feito, e havendo o Juiz de Direito assento no topa da Mesa, com o meu Secretario a sua esquerda; e depois da celebração da Missa sollemne pelo Reverendissimo Negario João Manoel de Almeida; e em presença de grande numero de Cidadãos que aqui se achavam reunidos, declarou que hez proceder a Installação da Villa de Nossa Senhora do Livramento, conforme as ordens do Excellentissimo Senhor Segundo Vice Presidente da Provincia, em portaria de dose de Março de mil oitocentas setenta e oito, e quatro de Abril do mesmo Anno, e authorizada pela Resolução Provincial N.º 945, publicada a 22 de Maio de 1847, cuja leitura proceedeu em acto consecutivo, e ordenou-me que fossem transcriptas no Livro desta acta. Concluida a leitura pelo Presidente do acto, este levantando-se, e abiz a applicação do auditorio delgou que

Fac-símile da Ata de Instalação da Vila de Nossa Senhora do Livramento (7-4-1878).

Figura 15 – Ata de Instalação da Vila do Livramento – 07 de Abril de 1878.  
Fonte: Tito Filho (1978).

Sobre a história da Vila do Livramento, Rêgo (1950, p. 22) ressalta:

A 25 de novembro de 1878, comparecia a Livramento o Capitão Clemente Souza Fortes, Presidente da Câmara Municipal de Vila de União que, de ordem do Presidente da Província do Piauí, Sancho de Barros Pimentel, viera instalar a Câmara Municipal, dar posse e proceder ao juramento dos primeiros vereadores da nova vila, de acôrdo com o que preceituava o Decreto de 13 de Novembro de 1832. À sede da nova Câmara, compareceram cinco vereadores, sendo quatro de número, o Tenente Antonio Florêncio da Costa, o Capitão Pacífico Fortes Castelo Branco, o Alferes Pedro do Monte Palmas, Eleutério Pereira da Silva e, por fim, Joaquim Alves de Holanda [...].

Abre-se aqui um parêntese para observar entre os vereadores presentes, Joaquim Alves de Holanda, bisavô da pesquisadora deste estudo, Amparo Holanda.

O Presidente da Câmara Municipal, Antônio Florêncio da Costa (Figura 16), e sua esposa, Delfina Castelo Branco de Meneses Costa (Figura 17), da tradicional família Castelo Branco, uma das importantes do Piauí, moravam na fazenda Contendas, mas vieram para a vila, por causa da seca de 1877, que provocou o grande número de retirantes que passavam pela sua residência, famintos e às vezes ameaçadores na exigência de auxílio aos fazendeiros da região.

Por sua vez, José de Almendra Freitas casou-se no dia 1º julho 1881 com Florência Maria Castelo Branco, filha de Antônio Florêncio da Costa e de D. Delfina Castelo Branco de Meneses Costa, e fixou residência na fazenda Havre da Graça.

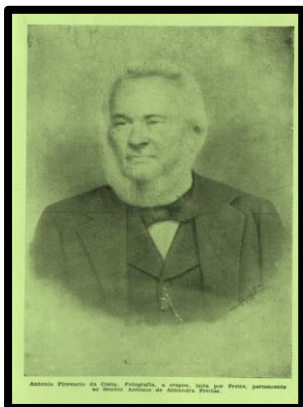


Figura 16 – Antônio Florêncio da Costa  
Arquivo: Fonte: Rêgo (1950).



Figura 17 – Delfina Castelo Branco  
Arquivo: Fonte: Rêgo (1950).

A capela de Nossa Senhora do Livramento foi fundada pelo Comissionário Geral de Cavalaria, Manuel Carvalho de Almeida, nascido em Linhares (Portugal) e descendente de tradicional nobreza portuguesa, que casara com D. Clara da Cunha e Silva Castelo Branco e tivera o filho primogênito Francisco da Cunha e Silva Castelo Branco; este se tornou Capitão de Regimento de Cavalaria Auxiliar da guarnição de Oeiras e casou-se com D. Ana Rosa Pereira Teresa do Lago. Um dos filhos desta casa, Francisco Gil Castelo Branco, casou-se com D. Maria Eugênia Castelo Branco.

Florência Maria, primeira esposa de José de Almendra Freitas, faleceu de parto de Gentil Freitas no dia 25 de maio de 1882. Depois da morte da esposa, ele dedicara-se à plantação e venda de algodão – mercadoria muito procurada – numa pequena casa de comércio em Livramento, sediada na Rua das Flores, atualmente Rua Hugo Napoleão.

Após sete anos de morte de Florência Maria, José de Freitas (Figura 18) se casava com a cunhada, Ana Rosa Castelo Branco de Menezes Costa, a Donana (Figura 19), na Vila do Livramento, a 26 de Janeiro de 1889 – na época, ainda Império –, e estabeleceu residência na casa em que haviam construído alguns anos antes, Vila Tejo. No dia 12 de dezembro de 1889, nascia a primeira filha do casal, Matilde; e, no dia 1º de março de 1891, o segundo filho, Pedro.

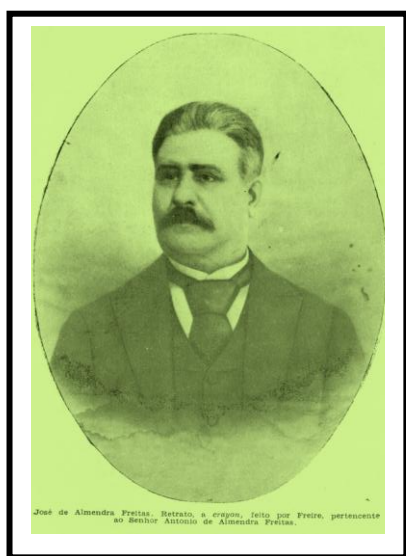


Figura 18 – José de Almendra Freitas  
Arquivo: Fonte: Rêgo (1950).

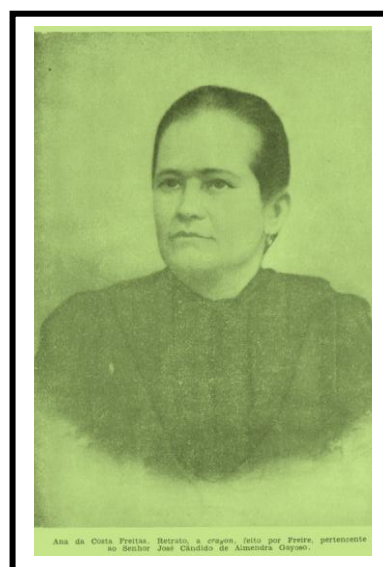


Figura 19 – Ana Rosa Costa Freitas  
Arquivo: Fonte: Rêgo (1950).



Em 1893, fundaram a sociedade – Almendra Irmãos & Cia – com o irmão, Jacob de Almendra Freitas, e o amigo, José Basílio da Silva. Mais tarde, a casa passa a se chamar Almendra & Irmão; e por último, Casa Almendra, uma das mais respeitadas da região, situada na esquina das ruas Hugo Napoleão e Lina Almendra, onde atualmente funciona o Banco do Brasil S.A.

Em 1888, nova seca flagela os nordestinos. O governo federal distribuía, nessa época, verbas para as Províncias. José de Freitas fora encarregado de administrar a construção do açude da Pitombeira, existente até hoje. Também iniciou atividades políticas com a República, e, em 1893, acumulava o cargo de Intendente de Livramento, o que era permitido pela legislação da época. Enquanto deputado estadual, eleito para o período 7/Jan/1893 a 7/Jan/1897, conduziu a chefia do executivo municipal em seis consecutivas reeleições, governando até 1921. Em 1893, abria um livro especial para o registro das leis, regulamentos, decretos e resoluções municipais.

Com o apoio dos Conselhos (vereadores), alguns dos primeiros melhoramentos foram o açude de S. Fernando, a construção do Cemitério Santo Estevão e a iluminação pública, esta última inaugurada a 12 de abril de 1895.

Enquanto isso, Ana Rosa, esposa de José de Freitas, era o seu braço direito, cuidava não somente do lar, mas também da casa comercial Almendra e irmãos & Cia. Nasceria ainda deste casal os filhos: Antonio José, Maria Vitória e João.

As atividades políticas de José de Almendra Freitas iniciaram com a República. E, conforme dados existentes no arquivo da Prefeitura Municipal de José de Freitas, passaram ali até hoje os seguintes administradores (Quadro 02):

<b>PERÍODO</b>	<b>GOVERNOS MUNICIPAIS DE JOSÉ DE FREITAS</b>
<b>PERÍODO</b>	<b>INTENDENTES DE JOSÉ DE FREITAS</b>
1893 – 1921	José de Almendra Freitas
1921 – 1928	Antônio de Almendra Freitas
1928 – 1930	José Batista da Costa
<b>PERÍODO<sup>5</sup></b>	<b>PREFEITOS DE JOSÉ DE FREITAS</b>
	Antônio da Costa Carvalho
	Joaquim Fortes Castelo Branco
	Ivan Tito de Oliveira
	Benedito Batista da Costa
	Antonio da Costa Carvalho
	Antonio Craveiro de Melo
	Asdrúbal de Sousa Martins
	Maria Assunção Furtado de Vasconcelos
1948 – 1951	Edgar Freitas de Almendra Gayoso
1951 – 1955	Ferdinand Carvalho de Almendra Freitas
1955 – 1959	Jacob Sampaio de Almendra Freitas
31/01/1959 a 06/07/1962	Ferdinand Carvalho de Almendra Freitas (2ª vez)
06/07/1962 a 31/01/1963	Edgar Freitas de Almendra Gayoso
31/01/1963 a 31/01/1967	Ary da Costa Carvalho
31/01/1967 a 31/01/1971	Ferdinand Carvalho de Almendra Freitas (3ª vez)
31/01/1971 a 31/01/1973	João Craveiro de Melo
31/01/1973 a 31/01/1977	Ferdinand Carvalho de Almendra Freitas (4ª vez)
01/02/1977 a 01/02/1983	Onofre Felinto Filho
01/02/1983 a 17/09/1985	Ferdinand Carvalho de Almendra Freitas (5ª vez) *Faleceu no dia 17 de setembro de 1985
17/09 /1985 a 15/12/1986	Ary da Costa Carvalho *por motivo de doença afasta-se do cargo
15 /12/1986 a 14/01/1987	Francisco Rodrigues de Sousa
14/01 /1987 a 18/03/1987	Ary da Costa Carvalho *Faleceu no dia 29 de novembro de 1988
17/03/1987 a 31/12/1988	Antônio da Costa Carvalho
01/01/1989 a 06/07/1990	José Gerardo Pontes Linhares *assassinado no dia 06 de julho de 1990
07/07/1990 a 31/12/1992	José Craveiro do Nascimento
01/01/1993 a 31/12/1996	Fernando de Almendra Freitas
01/01/1997 a 31/12/2000	Ricardo Silva Camarço
01/01/2001 a 31/12/2004	Pedro Paulo Macedo da Rocha
01/01/2005 a 31/12/2008	Robert de Almendra Freitas
01/01/2009 a 28/09/2010	Robert de Almendra Freitas *Cassado em Setembro de 2010
29/09/2010 (Atual)	Ricardo Silva Camarço

Quadro 02 – Relação dos Governos municipais (Abril /2011).  
Fonte: Arquivo Câmara Municipal de José de Freitas – PI

<sup>5</sup> No período que corresponde a 1931 a 1947 não foi possível mencionar o período correspondente aos governantes municipais, não encontrados nos arquivos desta instituição.

Como um bom português, José de Freitas, lembrava com saudade de sua mocidade lisboeta. Ele que havia chegado às terras livramentenses com 21 anos de idade, contava agora com 60. Nesse ano (1916), passou a direção da Casa Almendra a seus filhos, mudando o nome da casa comercial para Almendra & Irmãos. Desde 1912, construía o seu chalé, arquetado em estrutura colonial portuguesa adotada na África, chamada ali de Vila Tejo (Figura 20 e 21) – já era 1917 –, onde recebia seus amigos para as festividades e as reuniões sociais, o que ficou na imaginação como um símbolo patriarcal da família. A 3 de novembro de 1927, completava 50 anos no Brasil. No dia 1º de março de 1931, vítima de um colapso cardíaco, veio a falecer.

O Interventor Federal, Joaquim de Lemos Cunha, adversário político, apoiado por políticos contrários a José de Freitas, decretou luto oficial por três dias e através do Decreto nº 1.186, de 18 de março de 1831, em homenagem ao ilustre português, e em reconhecimento ao trabalho dedicado a esta cidade, deu o nome de José de Freitas à cidade do Livramento. Nesse cenário, destaca Halbwachs (1990, p.136):

Os hábitos locais resistem às forças que tendem a transformá-los, a essa resistência permite perceber melhor até que ponto, em tais grupos, a memória coletiva tem seu ponto de apoio sobre as imagens [...]. Com efeito, as cidades se transformam em curso da história. [...] são destruídas e não mais existem, a não ser em estados de ruínas.

Ora, em ruínas, está o tal chalé, ainda que entre outros, o atual prefeito municipal Ricardo Camarço tenha anunciado no dia 29 de janeiro de 2011, reforma e transformação em casa histórica. Informação essa repassada à sociedade local através do Informativo<sup>6</sup>, em que se lê: Prefeitura Municipal de José de Freitas: patrimônio histórico de José de Freitas vai ser recuperado. Como proposta, o prédio ganhará novas dependências, área de lazer, biblioteca, segurança e conforto, especialmente para as crianças e os adolescentes do município.

---

<sup>6</sup> Prefeitura Municipal de José de Freitas- ANO I, N°01, Fevereiro de 2011 Piauí ([www.josedefreitas.pi.gov.br](http://www.josedefreitas.pi.gov.br)):

Percebe-se claramente a carência de biblioteca na cidade como fonte de estudo e pesquisa não somente para a comunidade estudantil, mas também para a comunidade como um todo. A notícia da restauração da Vila Tejo agradou muito aos moradores da rua Hugo Napoleão e também aos educadores da cidade.



Figura 20 – Vila Tejo [s.d.]  
Fonte: Arquivo particular do prof. Eduardo Cardoso.



Figura 21 – Vila Tejo em ruínas (Janeiro/2011)  
Fonte: Arquivo particular da profª. Amparo Holanda.

Livramento até 1878 era pouco habitada e as famílias se dedicavam à lavoura rotineira e à criação de gado. Vale lembrar que, na época, a economia do município era essencialmente rural marcada pela produção agrícola e fazendas de gado. Os roçados eram a sustentação da família, “[...] a transformação da mandioca em seus subprodutos, através das farinhadas [...]” (QUEIRÓZ, 1995, p.8). O Piauí era rural, em função das oligarquias detentoras do poder esforçarem-se para manter a mão de obra no campo, baseada nas relações do povo humilde, o vaqueiro, o lavrador, de um lado e os coronéis do outro. A vida muito lenta, sem muito progresso, regiões sem desenvolvimento, sem abastecimento d’água e sem energia elétrica. De acordo com Tavares (2003, p. 22): “Era assim, em estado praticamente bruto, que o Piauí adentrava no novo século que o aguardava cheio de desafios, muito deles vencidos e muito deles resistindo ao tempo”.

As atividades econômicas tradicionais, tais como a pecuária e agricultura tem características marcantes de subsistência na cidade freitense.

Todos os aspectos da vida diária giravam em torno do gado e da terra. A integração no meio era através do trato de criações e do trabalho laborioso na lavoura incipiente, do machado, da enxada e do fogo para o cultivo de arroz, feijão, mandioca e milho; dentre as lavouras permanentes, destacavam-se banana, acerola, laranja, limão, manga e caju, despertando o interesse para fabricação do doce e preparo de boa cajuína.

Cultivavam o algodão, atividade comercial, na época (1891), muito procurada, conforme relata Rêgo (1950, p.32):

Meu avô comercializava em larga escala com algodão, que comprava, beneficiava e vendia em grande quantidade, comprando as safras dos plantadores e fazendeiros do Livramento e dos municípios vizinhos, e exportando-as para outros Estados e para o exterior, sobretudo para Manchester e Liverpool.

Sobre esse aspecto, o depoimento do ex-aluno (Figura 22), Sr. Hudson Almendra, relata: “O comércio não era um comércio ativo como hoje. [...] era um comércio que fazia inveja em qualquer lugar [...]. A praça comercial não havia um título protestado em cartório, por aí você vê a honestidade do povo desta terra”. (ALMENDRA<sup>7</sup>, DEPOIMENTO ORAL, 2011).

---

<sup>7</sup> ALMENDRA, Hudson Veras de Sampaio. Ex- aluno do Grupo Escolar “Padre Sampaio”.



Figura 22 – Sr. Hudson Veras de Sampaio Almendra - Ex-aluno do Grupo Escolar “Padre Sampaio”. Março /2011.  
Fonte: Arquivo Particular da Profª. Amparo Holanda.

A carnaúba também foi um elemento que muito contribuiu para o desenvolvimento da economia na Vila de Livramento, afirma Freitas (1956). A Lei nº 64, de 17 de dezembro de 1921, proibia expressamente em seu artigo 16 “cortar-se palmeiras de babaçu, carnaubeiras ou buritizeiros, sob qualquer “pretexto, exceto aos proprietários o seu direito de aproveitar as suas terras em culturas, mais vantajosas”. Assim, preservavam os seus carnaubais e babaçuais.

De acordo com Rêgo (1950, p. 71): “[...] pela Lei n.º 32, de 10 de Março de 1907, sujeitava à multa pecuniária e de prisão, a todo vendedor de cêra de carnaúba que apresentasse cêra ao mercado coada por palha ou com mistura de borra ou outras impurezas para aumentar-lhes o peso”. Fazia parte ainda desse rol de plantação a cana-de-açúcar, para a fabricação de rapaduras e aguardentes; atualmente é grande o cultivo para a fabricação de açúcar e álcool na área divisa dos municípios José de Freitas e União. Sobre isso, ressalta Thompson (1992, p.98):

A História oral cresceu onde existia uma tradição de trabalho de campo dentro da própria história, como com a história política, a história operária, ou a história local, ou onde os historiadores têm entrado em contato com outras disciplinas de trabalho de campo, como sociologia, antropologia ou pesquisa sobre dialetos e folclore.

Inicialmente a feira era realizada no Mercado Público, chamado de Mercado Velho, ou Mercado Central, no centro da cidade de José de Freitas (Figura 23). Ali se acomodavam e reuniam para comercializar os seus produtos. Local onde funciona a Guarda Municipal da cidade. No governo de Ary da Costa Carvalho, no dia 06 de agosto de 1966, foi inaugurado um Novo Mercado Público na cidade, onde funciona atualmente. (Figura 24).

Para Halbwachs (1990, p.154): “A sociedade dos comerciantes deve, do mesmo modo, persuadir os clientes [...]. Ela somente consegue estabilizar a si mesma, e se fixar em alguns lugares onde comerciantes e mercadorias se imobilizam à espera dos compradores”.



Figura 23 – Mercado Público (primeiras instalações).  
Fonte: Arquivo Particular da Profª. Livramento Lima.



Figura 24 – Mercado Municipal atual (Março/2011).  
Fonte: Arquivo particular da profª. Amparo Holanda.

Sobre a feira no mercado público, tem-se as declarações do ex-aluno, o Sr. Valdir Santos (Figura 25): [...] “de manhã caminhava para o Mercado Velho para conseguir um punhado de carne e muitas vezes voltavam para casa sem o produto porque era reservado para os brancos (os ricos)”. (SANTOS<sup>8</sup>, DEPOIMENTO ORAL, 2011).



Figura 25 – Prof. Valdir Santos. Ex-aluno do Grupo Escolar “Padre Sampaio”. Março/2011.  
Fonte: Arquivo Particular da Prof<sup>a</sup>. Amparo Holanda.

O comentário desse depoente corrobora com Freitas (2002, p. 49):

Na busca de característica de uma coletividade a realização de depoimentos pessoais permite-nos captar, a partir das reminiscências, o que as pessoas vivenciaram e experimentaram. As análises históricas são construídas a partir de vestígios e/ou registros deixados pelas gerações anteriores. Entretanto, a produção desta matéria-prima quase sempre esteve a cargo das classes dominantes e, até bem recentemente, tal fato não era encarado como uma questão.

Compreendendo a necessidade e importância do comércio para a cidade, a ex-diretora, a Tia Flôr (Figura 26) rememora:

O comércio tinha de tudo um pouco, casa de tecidos e comestíveis: Casa Centro Elegante, Casa Almendra, Casa Portela, Casa Senhor

---

<sup>8</sup> SANTOS, Valdir. Ex-aluno do Grupo Escolar “Padre Sampaio”.



Carvalho, Armazém do Povo. Tinha também o Mercado Central, o casarão velho vermelho, no lugar onde hoje é a Guarda Municipal. (ARAÚJO<sup>9</sup>, DEPOIMENTO ORAL, 2011).

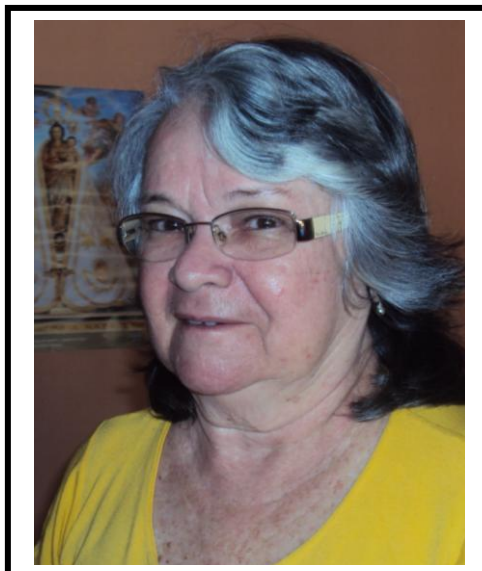


Figura 26 – Maria Flôr Almendra Araújo (a Tia Flôr).  
Fonte: Arquivo particular da profª. Amparo Holanda. (Maio/2011).

Ratifica-se as palavras da Tia Flôr, quando se percebe que, no início, o comércio da cidade de maior propagação foi a Casa Almendra que comercializava de tudo um pouco – arroz, feijão, milho, farinha, enfim secos e molhados –, produtos agrícolas, tecidos, medicamentos, etc. José de Freitas manipulava drogas, na condição de farmacêutico autodidata, exercendo, portanto, de modo rudimentar, à falta de médicos na época, verdadeira medicina social. Atualmente a cidade é bem assistida de casas comerciais, as maiores são filiais de Teresina. Conta-se ainda, em 2011, com fábrica do Guaraná Kero, no bairro Mutirão.

No aspecto cultural da cidade, dramatizações ocorriam no Teatro Municipal. Este inicialmente recebeu o nome de Matias Olímpio que, segundo Antônio Freitas,

---

<sup>9</sup> ARAÚJO, Maria Flôr Almendra, ex- aluna, do Grupo Escolar “Padre Sampaio”. Ex-professora e ex-diretora do Grupo Escolar “Antônio Freitas”.

[...] foi construído em 1925/26 pela sociedade denominada CLUBE RECREATIVO, para nele serem realizadas festas recreativas, representações teatrais, comédias, dramas, festas infantis, conferências, sessões cívicas, etc. chegando a comportar trezentas pessoas.

Tendo sido extinta a sociedade Clube Recreativo, em 1952, fêz antes a entrega do prédio do Teatro à Prefeitura Municipal, na gestão Ferdinand Freitas, o qual mandou fazer substancial reforma, adaptando-o também para cinema sonoro, com cabine e projetores, mudando sua denominação para CINE-TEATRO MATIAS OLIMPIO. (FREITAS, 1956, p.18-19).

Hoje, denominado Teatro Municipal Barítono Raimundo Pereira. (Figura 27) vem raramente sendo palco das festividades culturais da cidade.



Figura 27 –Teatro Municipal Barítono Raimundo Pereira. (Janeiro/2011).  
Fonte: Arquivo Particular da profª. Amparo Holanda.

Quanto ao aspecto religioso, no princípio do século XVIII, José de Freitas nasceu sob o manto de Nossa Senhora do Livramento, D. Manoel Carvalho de Almeida e sua esposa D. Clara da Cunha e Silva Castelo Branco residiam na fazenda Boa Esperança, hoje José de Freitas-PI, local onde foi construída junto à casa de moradia do casal, a igreja, como pagamento de uma promessa (CARVALHO, 1994).

Dentre os destaques culturais da cidade, estão os festejos religiosos da Padroeira da cidade, Nossa Senhora do Livramento, de 05 a 15 de agosto (Figuras 28 e 29). Os fiéis aguardam durante o ano todo para prestarem homenagem e venerações a ela. Durante as festividades religiosas, são realizadas várias atividades, tais como: quermesses, missas, procissões, novenas, leilões, confissões, comunhão, batizados, consagrações, casamentos, benzimentos de imagens, rosários, terços, crucifixos, etc. Dentre os casamentos realizados nesta igreja, destacamos o de Matilde da Costa Freitas, filha de José de Freitas, no dia 12 de dezembro de 1913, com Hugo Napoleão do Rêgo; e, no dia 20 de novembro de 1914, nascia Aluizio Napoleão do Rêgo desta família em que ressaltamos o seu neto, Aluizio Napoleão do Rêgo Neto que passara sua infância na cidade freitense, hoje uma figura piauiense ilustre de renome nacional, atualmente deputado federal.



Figura 28 – A Igreja de Nossa Senhora do Livramento. (Agosto/2011).  
Fonte: Arquivo particular da prof<sup>a</sup>. Amparo Holanda.



Figura 29 – Nossa Senhora do Livramento – Padroeira da cidade de José de Freitas – PI (Imagem trazida de Portugal).  
Fonte: Arquivo particular da prof<sup>a</sup>. Amparo Holanda.

Segundo o diácono Antonio Primo da Costa (2011, p. 13), a coordenação das atividades religiosas da cidade de José de Freitas no período de 1940 a 2011 segue a lista abaixo:

PADRE TARCÍSIO FÉLIX DA CRUZ  
 PADRE DEUSDEDITH CRAVEIRO DE MELO  
 PADRE DEMERVAL DIAS BRASIL  
 PADRE FRANCISCO DAS CHAGAS ALVES  
 PADRE RAIMUNDO NONATO CRUZ DUARTE  
 PADRE RAIMUNDO VIEIRA DOS SANTOS  
 PADRE JUCELINO PASCOAL DE CASTRO  
 DIÁCONO ANTONIO PRIMO DA COSTA  
 PADRE EDVANDO DE OLIVEIRA LIMA  
 PADRE JOSE LIZARDO PONTES NETO  
 PADRE FRANCISCO DAS CHAGAS EDUARDO  
 PADRE GILCIMAR DE LIMA MACHADO

Sobre esse aspecto religioso local, o Sr. Valdir Santos, natural de José de Freitas, lembrou das peculiaridades do templo e os ritmos religiosos da população livramentense nas festividades santas. Assim descreve:

As festividades religiosas, no início, eram marcadas por novenas de Nossa Senhora do Livramento, a padroeira da cidade. Festejavam-se também os santos: São José e Santa Rita, estes com três dias de novenas, chamados de tríduo. Apenas os festejos de Nossa Senhora do Livramento duravam nove noites de novenas com encerramento no décimo dia com a procissão. [...] Para animar o ambiente, após as novenas, tinha o parque de diversões do velho Genário. Com a construção da Igreja do nosso glorioso São Francisco intensificaram mais os festejos de nossos santos. (SANTOS<sup>10</sup>, DEPOIMENTO ORAL, 2011).

Em particular, ressalta-se a noite dos vaqueiros com animação da Banda de Música Estrela do Norte (Figuras: 30 e 31); Sobre a qual, Freitas pontua (1956, p. 24):

A chegada de uma Banda de Música à Vila de Livramento era um grande acontecimento, recebido com verdadeiro entusiasmo do povo e um encantador alvoroço da criançada, que seguia música por todas as ruas, esquecendo-se dos pais e das casas. Foi, então, quando meu inesquecível irmão, Gentil de Almendra Freitas, que tinha um grande encanto e entusiasmo por música, conseguiu do nosso saudoso pai, José de Almendra Freitas, pedir o instrumental para o Rio de Janeiro, e fundar aqui uma Banda de Música denominada “Estrêla do Norte”. Gentil Freitas Diretor da Música contratou o maestro José Cícero Corrêa Lima [...].

---

<sup>10</sup> SANTOS, Valdir. Ex-aluno do Grupo Escolar “Padre Sampaio”.

A população livramentense ou freitense se encantava ao som da Banda principalmente numa singela novena, festa da padroeira, porém de muito significado para as pessoas da cidade. Por ocasião do novenário, nas noites de luar do mês de agosto, o toque da música – alvoradas e retretas –, do soar dos sinos e as queimas de fogos de artifícios, na praça Pedro Freitas, conservados na memória do povo livramentense, têm permanecido nas festividades comemorativas da cidade até hoje. Nesse aspecto, relembra Ferro (2010, p. 158): “O cotidiano da cidade àquela época era típico do momento, com repique dos sinos nas torres das igrejas, apitos de fábricas, bandas de músicas tocando retretas nas praças, [...] cerimônias religiosas nas igrejas, com altares bem ornamentados [...]”.

Assim, destaca Halbwachs (1990, p. 169) ao afirmar: [...] “as lembranças musicais são infinitamente diversas, acreditamos estar aqui, como dizem os psicólogos, no domínio da qualidade pura. Cada tema, cada frase, cada parte de uma sonata ou de uma sinfonia é única em seu gênero.”



Figura 30 – A Banda de Música: Estrêla do Norte - Comemoração dos 50 anos de existência. (1960).

Fonte: Arquivo particular da profª. Livramento Lima.

A Banda de Música “Estrêla do Norte”, fundada em 1910, contava com a participação de 15 pessoas, dentre elas destacam-se, além do Maestro José Cícero, Manoel Leite de Santiago, Joaquim da Costa Oliveira – pai de Maria Josefina da Silva Oliveira, a D. Maninha –, Aureliano da Costa Oliveira, Benedito de Oliveira Costa (Cambirote), dentre outros.



Figura 31 – A Banda de Música e a festa no Dia dos Vaqueiros – 12 de Agosto [s.d]  
(Festejos da Padroeira da cidade, Nossa senhora do Livramento).  
Fonte: Arquivo particular da prof<sup>a</sup>. Maria Flôr Almendra Araujo.

Vale ressaltar que, até hoje, esta banda, tem sido contratada por vários municípios piauienses: União, Lagoa Alegre, Altos, Barras, Piripiri, Beneditinos, Alto Longá, Novo Santo Antônio, entre outros, para fazer animação do povo destas cidades em dias de festividades comemorativas, sob o comando do professor Ronaldo Chaves (Figura 32).



Figura 32 – A Banda de Música nos Festejos da Padroeira da cidade, Nossa senhora do Livramento. Agosto de 2011.

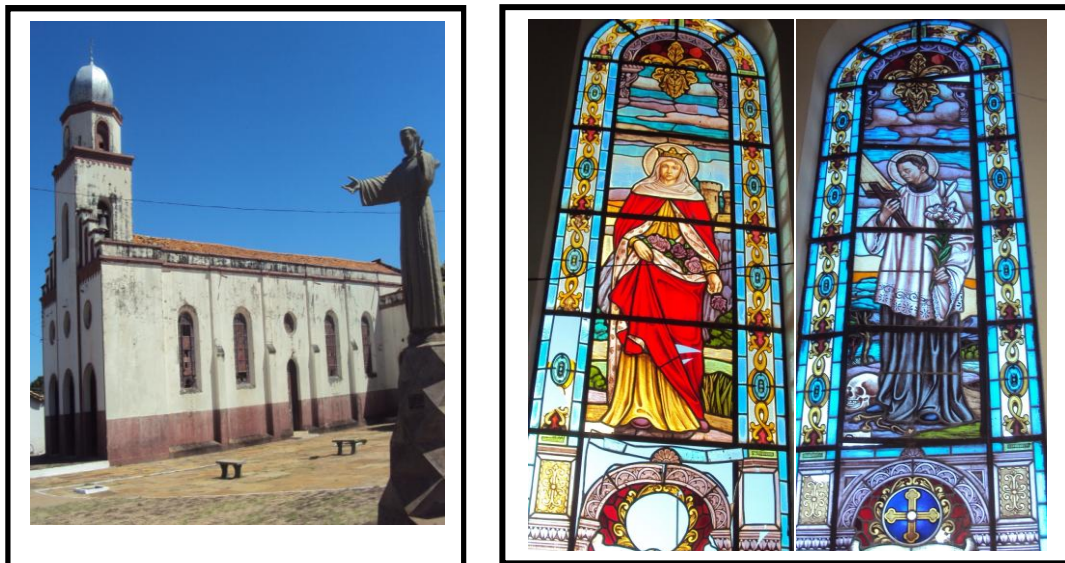
Fonte: Arquivo particular da prof<sup>a</sup>. Amparo Holanda.

A cidade de José de Freitas conta ainda com a rica Igreja de São Francisco das Chagas, (Figura 34), construída em memória de Francisco Ivo da Cunha por sua filha D. Cândida de Figueiredo Cunha. A Construção foi iniciada a 07 de julho de 1942 e concluída a 17 de julho de 1943, conforme Figura 33.



Figura 33 – Placa de construção da Igreja de São Francisco das Chagas.

Fonte: Arquivo particular da prof<sup>a</sup>. Amparo Holanda.



Figuras 34 e 35 – A Igreja de São Francisco e os vitrais da Igreja de São Francisco das Chagas. (Julho/2011).

Fonte: Arquivo particular da profª. Amparo Holanda.

A igreja conta com portas de modelos históricos e lindos vitrais (Figura 34 e 35). D. Cândida, possuidora de muitos bens, deixou em testamento: o Templo de São Francisco das Chagas, uma fazenda de gado, o São José e várias casas de moradia ao lado da Igreja mencionada.

Após anos de um processo jurídico sobre o ato de doação, foi decidido no dia 29 de junho de 2011, pelo Poder Judiciário, que o patrimônio remanescente da Fundação do Patrimônio Beneficente da Igreja de São Francisco das Chagas seja transferido à Fundação Cândida Figueiredo Cunha (Figura 36).



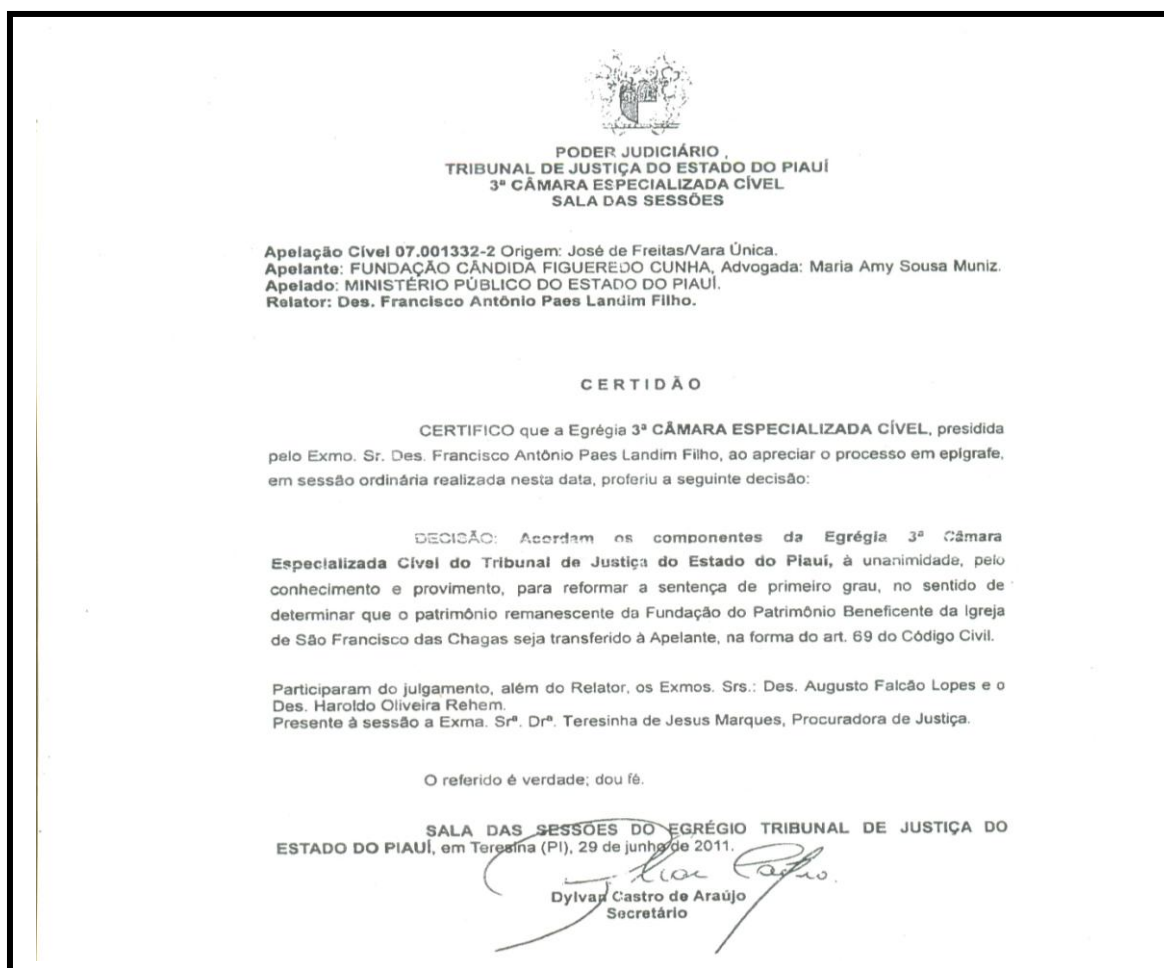


Figura 36 – Certidão de decisão do patrimônio da Igreja de São Francisco das Chagas - Junho/2011.

Fonte: Arquivo particular do Presidente da Fundação Cândida Figueredo Cunha, José Carlos da Costa Cunha.

Os festejos a São Francisco (Figura 37) acontecem no período de 24 de setembro a 04 de outubro, momento em que grande número de pessoas vestidas em trajes de cor marrom paga promessas, realizadas em prol da fé católica.



Figura 37 – Procissão de fé, São Francisco das Chagas.  
 Fonte: Arquivo particular da profª. Livramento Lima.

Sobre o espaço e a manifestação religiosa, Halbwachs (1990, p.155) afirma:

Não basta franquear a entrada de uma igreja para que nos lembremos em detalhes e de modo preciso, de nossas relações com o grupo dos que têm as mesmas crenças que nós. Em todo o caso, encontramos-nos com a mesma disposição de espírito dos fiéis, [...] está bem aí o fundamento e o conteúdo da memória coletiva religiosa.

Além das festividades religiosas, entre os aspectos culturais, marcantes ressalta-se a Festa do Reisado. De origem portuguesa, e era realizada sob o comando do Sr. Pedro Alves de Oliveira (já falecido) e abrilhantada com as figuras folclóricas representadas pelos animais (a burrinha, o boi, a ema) e os caretas, em comemoração aos Reis Magos; festa essa que prosseguia a noite com danças folclóricas e se prolongava até o amanhecer.

Mas a maior festividade cultural da cidade freitense é o Zé Pereira. Famoso no Estado, o carnaval acontece uma semana antes do previsto no calendário civil. De origem portuguesa, com suas fantasias exóticas, é uma festa típica da cidade, tornando-se referência nacional (Figura 38 e 39). Realizada com máscaras, teve início no século XIX na cidade do Rio de

Janeiro. Sua origem se deve a um jovem de nome José Pereira, que convidou um grupo de amigos para fazer uma festa na rua uma semana antes das datas carnavalescas. Sendo Zé Pereira oriundo de família pobre, entendeu que a semana anterior às datas carnavalescas era o momento de participar dessa festividade, pois na semana seguinte estava prestando serviços como serviçal às famílias da nobreza portuguesa.



Figuras: 38 e 39 – Festa Folclórica do Zé Pereira. (à esquerda, figura da década de 1930 e, à direita e de fundo, 2011).

Fonte: Arquivo Particular da profª. Livramento Lima e da profª. Amparo Holanda.

Nesse contexto, ficou tradicionalmente conhecida a festa Zé Pereira, chegando a José de Freitas por intermédio do ex-prefeito Ary da Costa Carvalho, que sempre viajava para o Rio de Janeiro e, juntamente com José Cândido Gayoso, fizeram com que essa data seja festejada até hoje com a participação de todos os segmentos da sociedade freitense, marcando presença várias pessoas do estado do Piauí e do Brasil.

Já durante a Semana Santa, a grande multidão – antes no Açude da Pitombeira – concentra-se atualmente na Barragem do Bezerro (Figura 40).

Construída no governo de Antônio de Almendra Freitas Neto, foi inaugurada no dia 27 de março de 1994. Como ponto turístico, recebe pessoas não só dos diversos municípios piauienses, mas também de outros estados brasileiros nos banhos durante o dia e nos bares durante o dia e à noite.



Figura: 40 – A Barragem do Bezerra. (Semana Santa - 23 de abril 2011).  
Fonte: Arquivo Particular da prof<sup>a</sup>. Amparo Holanda.

Por sua vez, o esporte em José de Freitas foi marcado pelas seguintes entidades esportivas: Artístico Futebol Clube e José de Freitas Futebol Clube (Figura 41). Esta última, fundada em 1º de janeiro de 1937, de acordo com seu Estatuto (Capítulo I - Art. 2º e 3º): “O Club funcionará no teatro ‘Matias Olímpio; O Club se abstem de toda e qualquer manifestação de caracter religioso e de política partidária.”



Figura 41 – José de Freitas Futebol Club – 08 de Agosto de 1961  
 Fonte: Arquivo particular D. Maria Luiza, esposa do ex-prefeito Ary Carvalho (falecido).

Sobre os clubes de futebol, as ex-professoras Maria Josefina – a D. Maninha –, e Eunice, entrevistadas, relembram:

Eu conheci muito bem o Tio Joaquim Eva que era dono do Artístico Futebol Clube, depois foi o Mundico Lozinho, parente nosso que trabalhava nos Correios e ele fundou o Guriatan Esporte Clube, que era rivalidade, era igual a política. (RISOS), era grande rivalidade. (RISOS). Depois foi José de Freitas Esporte Clube, fundado por Raimundinho Dú e Agostinho Melquíades e tinha a sede em frente a casa de Agostinho Melquíades, depois fundaram o Brasil Esporte Clube de Zeferino Araujo. (OLIVEIRA<sup>11</sup>, DEPOIMENTO ORAL, 2011).

Como atividades esportivas contavam-se apenas com três times de futebol que eram: Brasil Futebol Clube, José de Freitas Esporte Clube, e Artístico Futebol Clube, o qual foi fundado por meu saudoso pai Joaquim José da Silva (in memoriam), era mantido com recursos próprios e a colaboração de seus jogadores, chegava a jogar em localidades e cidades próximas como Barras e David Caldas. (PEREIRA<sup>12</sup>, DEPOIMENTO, 2011).

No dia 25 de junho de 2011, na cidade de Bom Jesus (PI), José de Freitas Futebol Club (Figura 42), liderou a taça do campeonato piauiense tornando-se campeão.

<sup>11</sup> OLIVEIRA, Maria Josefina da Silva. Ex-aluna, ex-professora do Grupo Escolar “Padre Sampaio”.

<sup>12</sup> PEREIRA, Maria Eunice da Silva. Ex-professora do Grupo Escolar “Padre Sampaio”.



Figura 42 – José de Freitas Futebol Club. (25 de Junho de 2011).  
Fonte: Arquivo particular do jogador Gilselane Santos.

Em termos geográficos, o município de José de Freitas é distante da capital do Estado do Piauí, Teresina, 48 Km. Atualmente conta com população urbana e rural de 36.138 habitantes (IBGE 2010). Limita-se ao Norte: município de Cabeceiras do Piauí; ao Sul: Teresina, capital do Piauí; a Oeste: municípios de União e Lagoa Alegre; a Leste: município de Campo Maior e a Sudeste: município de Altos. (Figuras 43, 44 e 45).

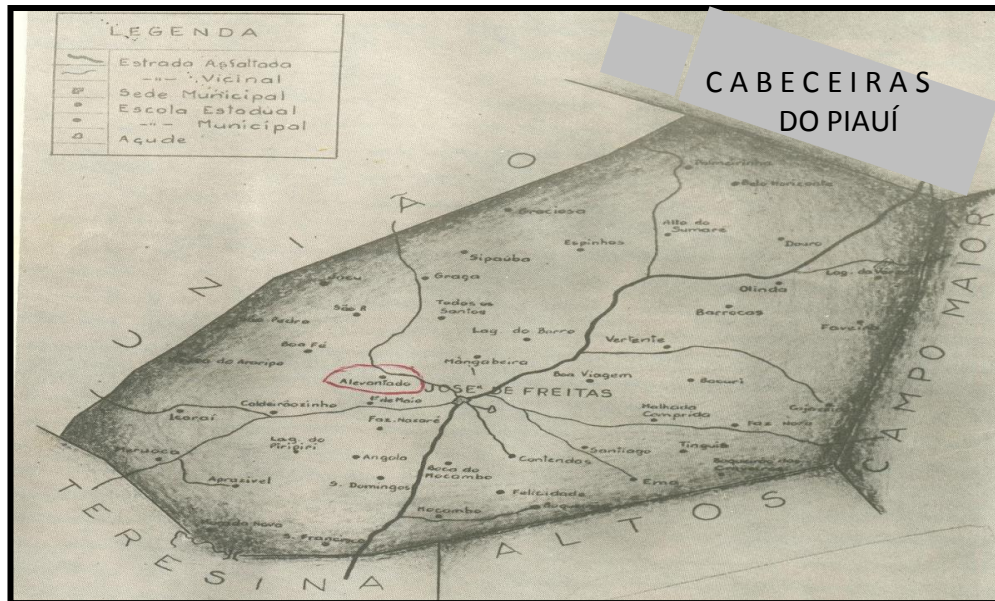


Figura 43 – Mapa de José de Freitas – PI.  
 Fonte: Tito Filho (1978), Livro José de Freitas: comunidade exemplar.  
 ADAPTAÇÃO: Prof<sup>a</sup>. Amparo Holanda



Figura 44 – Mapa do Piauí -José de Freitas- PI  
 Fonte: <http://pt.wikipedia.org/> acessado dia 19 de julho de 2011.



Figura 45 – Mapa do Piauí – (Vila Livramento, atual José de Freitas – PI).  
 Fonte: Ferro (1996. p. 84)

O núcleo populacional das cidades piauienses, no início do século XVIII, se devia à existência das fazendas de gado e junto a elas a construção de um templo religioso, a capela.

A lei Provincial nº 873, de 20 de julho de 1874, criou a Paróquia de Nossa Senhora do Livramento. Governava o Piauí neste ano, o Presidente Adolfo Lamenha Lins, pernambucano. No dia 23 de maio de 1877, sob o governo de Graciliano de Paula Batista, a Lei da Província nº 945 criou a Vila de Nossa Senhora do Livramento. A Instalação solene da vila se deu a 7 de abril de 1878, no governo de José de Araújo Costa (2º vice-presidente da Província do Piauí).

No dia 7 de julho de 1924, através de Lei 1.088, o governador Matias Olímpio Melo (Figura 46) elevava Nossa Senhora do Livramento ou, simplesmente Livramento na consagração popular, à categoria de cidade. Sete anos depois, Joaquim Lemos Cunha (Figura 47), oficial do Exército e interventor federal no Piauí, no dia 18 março de 1931, baixava o Decreto de nº 1.186, através do qual dava à Livramento o expressivo nome de José de Freitas em homenagem ao lisboeta José Rodrigues de Almendra da Fonseca Freitas, pelos honrosos serviços prestados ao povo livramentense ou freitense, como também é chamado.

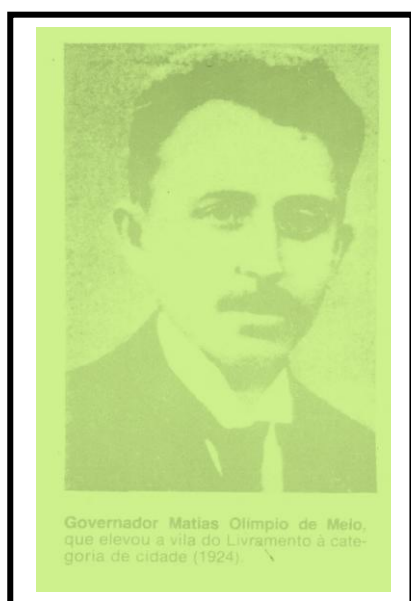


Figura 46 – Governador Matias Olímpio de Melo (1924).  
Fonte: Tito Filho (1978).

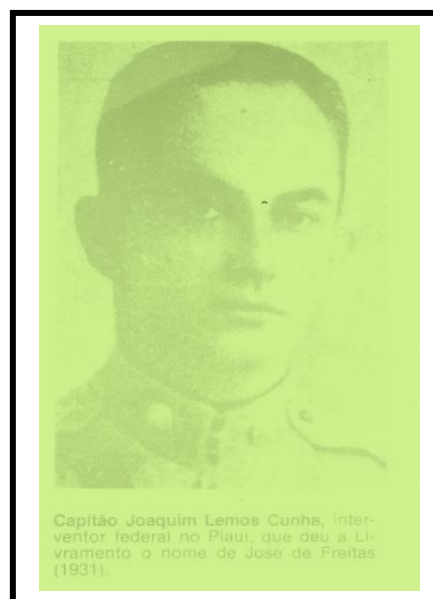


Figura 47 – Capitão Joaquim Lemos Cunha, interventor federal (1931)  
Fonte: Tito Filho (1978).



A fazenda Boa Esperança, a capela, a vila de Nossa Senhora do Livramento, enfim a cidade de José de Freitas está localizada e construída entre um forte olho d'água e um morro, o qual serviu como concentração de forças de combate em Livramento. Depois da Batalha do Jenipapo – Campo Maior – nas lutas pela independência ou Guerra do Fidié (Figura 48 e 49), a 13 de março de 1823, Fidié invadiu a fazenda Boa Esperança de propriedade do Sr. Francisco Gil Castelo Branco para descansar e se alimentar.



Figuras 48 e 49– BR 316 – Monumento da Batalha do Jenipapo berço da Independência no Piauí em 1823 (Campo Maior – PI).

Fonte: Arquivo particular da profª. Amparo Holanda.

Nas lutas pela independência do Brasil, o Morro que está localizado no centro da cidade de José de Freitas – PI serviu de acampamento, durante alguns dias, às tropas do português, João José da Cunha Fidié<sup>13</sup> (Figura 50), do qual rendeu-lhe a denominação Morro do Fidié.

<sup>13</sup> João José da Cunha Fidié\_– militar português, Tenente-General reformado, comendador da ordem de Avis, diretor do Real Colégio Militar, etc, assentou praça como cadete em janeiro de 1809, tomou parte na guerra combatendo contra a invasão de Portugal pelos franceses e espanhóis. Afilhado de D. João VI, a quem prestava incondicional obediência, foi enviado para o Piauí para a missão especial de servir de obstáculo às idéias nacionalistas de independência. Além de bravo oficial era também um homem culto, entre seus escritos está a obra “Vária fortuna de um soldado português”, que é uma memória pessoal onde descreve sua passagem pelo Piauí. (REIS, 2009, p. 39).

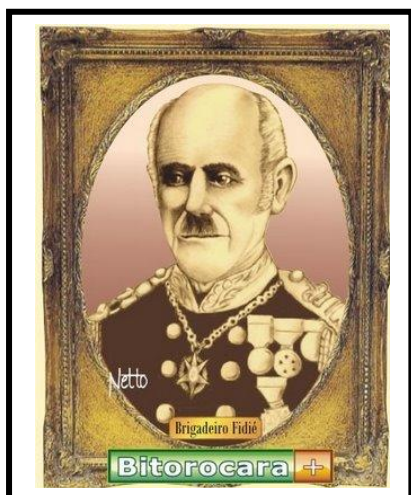


Figura 50 – João José da Cunha Fidié  
 Fonte: <http://www.google.com.br>  
 Acesso em 13 de Janeiro de 2011.

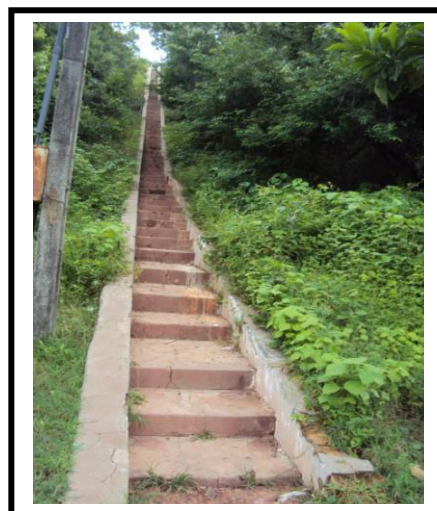


Figura 51 – Escadaria do Morro do Fidié. Março/2011  
 Fonte: Arquivo particular da profª. Amparo Holanda.

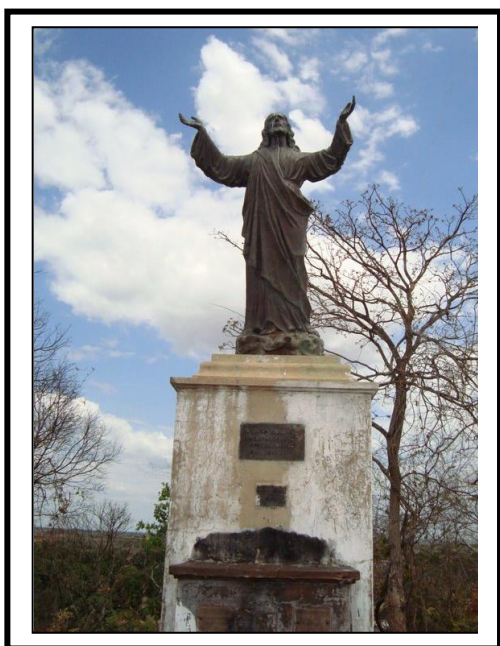


Figura: 52 – Imagem Cristo Redentor  
 Fonte: Arquivo Particular do ex-prefeito Fernando Freitas.

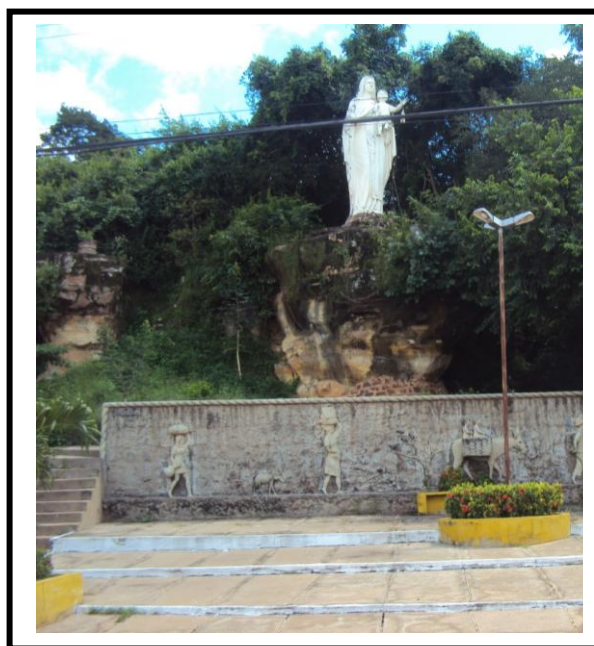


Figura: 53 – Imagem de Nossa Senhora do Carmo  
 Fonte: Arquivo Particular da profª. Amparo Holanda.

O morro do Fidié hoje conta com 141 degraus (Figura 51) e, em seu cume, a Imagem do Cristo Redentor de 1,86 m de altura (Figura 52). Ainda existe, em um dos lados, frente a PI 113, a imagem de Nossa Senhora do Carmo (Figura 53). Locais estes onde os fiéis pagam suas promessas.

Percebe-se, portanto, a presença marcante da fé católica no povo livramentense.

Nesse cenário natural, Freitas (1956, p. 86) faz menção ao livro “O Pyauhy”, do Dr. Benjamim Baptista, ao destacar: “A sympathica e progressiva villa do Livramento está situada nas fraldas de um morro (não chama montanha), que domina a villa”.

## **2.2 Memórias das primeiras escolas ao Grupo Escolar “Padre Sampaio”.**

A década de 1920 foi um período de modernização das cidades brasileiras. Os discursos políticos propunham modificações no ensino primário. Entretanto, havia dificuldades nos trâmites políticos e burocráticos do Império. Segundo Bencostta (2005, p. 60):

[...] na Constituição de 1891, a primeira da República, que caberia aos Estados e municípios a responsabilidade pela organização, implementação e manutenção do ensino primário, esvaziando a possibilidade do governo central assumir tais responsabilidades.

Dessa forma a ideia de se criar os grupos escolares no Piauí surgiu, de acordo com Lopes (2006, p. 82):

[...] em mais um momento de avaliação negativa que o governo estadual fazia da instrução primária, tachada de lastimável, e em mais um reformismo da legislação escolar estadual. Insatisfação e reformismo que já estavam presentes nos discursos oficiais antes de 1905.

Entretanto, no município de Jaicós, em 1820, foi fundada a Escola Boa Esperança, de iniciativa particular, pelo Padre Marcos de Araújo Costa em sua fazenda. Por ser considerada, no Piauí, a primeira escola, o padre, por sua vez, torna-se o primeiro Mestre-escola piauiense, afirma Ferro (1996).

Ao descrever as façanhas dos mestres-escolas, naquele tempo, observou-se que eles exerciam uma função importante, como destaca Sampaio (1996). Ser professor-professora era fazer marcar presença na profissão tanto quanto ser Reitor de Universidade atualmente. As aulas eram voltadas apenas para a aprendizagem da leitura, escrita e conhecimentos matemáticos das quatro operações fundamentais.

Notável também nestas escolas eram os castigos. Sampaio (1996, p. 25) descreve sobre os castigos do mestre-escola Belarmino, o Bola de Ouro:

[...] conforme a gravidade da falta cometida – quase sempre uma lição mastigada ou um traslado mal feito – o discípulo relapso era posto de joelhos em cima de montinhos de caroços de milho, com os olhos vendados por grotescos óculos de caco de cabaça, ou então, caso fosse época da canícula e o sol estivesse abrasador, era mandado para o terreiro, onde ficava descalço no meio da areia quente, tendo ainda uma cadeira na cabeça, sobre a qual Mestre Belarmino colocava uma pedra crescida, ou em falta da pedra, qualquer objeto pesado. E se o sujeito era mesmo tapado, sendo incapaz de resolver direito a lição de leitura e a escrita, Mestre Belarmino punha-o de quatro-pés no meio da sala, a fim de ser cavalgado por um discípulo mais aberto, que o esporeava com os calcanhares nos vazios, mostrando aos outros a quem passava, que o pobre coitado era mesmo burro.

Nesse cenário, destaca Lopes (2006, p. 82):

Em 1905, governador Álvaro de Assis Osório Mendes (1904-1907) reclamava do descompasso existente entre os investimentos e os resultados da educação pública primária. Elogiando o empenho do novo diretor da Instrução Pública, Miguel de Paiva Rosa, em mudar este quadro, anunciava que este havia, dentre diversas medidas sugeridas para modificar a instrução pública, proposto a '(...) transformação das quatorze escolas da capital em três grupos escolares (...)’.

De acordo com Bencostta (2005), o modelo de Grupo Escolar no Brasil foi implantado pela primeira vez, em 1893, no estado de São Paulo. A discriminação dos grupos escolares em todo o território brasileiro era símbolo de modernização e poder, prestígio.

Sobre a educação no Piauí, Brito (1996, p. 9) afirma: “Somente em 1757, – alvará de 3 de maio daquele ano –, o governo luso cria duas escolas primárias públicas [...]”.

O ano de 1933 funciona como marco inicial em face do alvará que autorizava no Piauí o funcionamento de um estabelecimento de ensino que não chegou a ser implantado. Entretanto, o primeiro grupo escolar no Piauí foi criado em 1922, o Grupo Escolar “Miranda Osório”, na cidade de Parnaíba (REIS, 2009).

Na capital piauiense, os principais objetivos de estruturação da rede primária, segundo Lopes (2006 p. 83), eram [...] “fiscalizar de modo mais eficaz o trabalho pedagógico da escola, transformá-la em ‘repartição pública de verdade’ – [...] a higienização do espaço escolar também estaria mais facilitada no mercado agrupado de escolas”. Em 1926, foi criado o primeiro grupo escolar em Teresina, capital piauiense, o Grupo Escolar “Demóstenes Avelino”, sendo construído pela junção das Escolas Isoladas Frei Serafim e Casusa Avelino. Ainda Lopes (2006, p. 98-99) ressalta:

Em 1928, o modelo de *grupo escolar* foi ampliado em Teresina, com a criação dos Grupos Escolares José Lopes, Antonino Freire, Teodoro Pacheco e Matias Olimpio. Esse modelo de instituição escolar passava a se consolidar como a representação máxima de modernidade escolar seja pedagógica, seja de instalações materiais e recursos didáticos.

O modelo grupo escolar emergiu em oposição ao modelo casa-escola, em que a falta de espaços e materiais higienicamente concebidos eram prejudiciais à saúde e à aprendizagem dos alunos. Ainda como aspecto negativo, a distância das instituições escolares uma das outras as tornavam isoladas, o que dificultava a fiscalização, e onerava os cofres públicos na realização de pagamento dos professores e aluguéis das casas-escolas. Dessa forma, Vidal (2005, p. 52) menciona que [...] “os professores não eram controlados, os dados estatísticos eram falseados, os professores misturavam suas atividades de ensino, não funcionavam literalmente”. Por outro lado, com o modelo dos grupos escolares, os custos eram onerosos para os cofres públicos, principalmente comparado à casa-escola. Motivo que provocou atraso em sua

implantação, a qual ocorreu de forma gradativa nos municípios que, tendo pelo menos quatro escolas primárias, podiam requerer a criação de um grupo escolar.

A reforma de instrução pública de 1910 inseriu propostas de mudanças no regime republicano que aconteceram gradativamente, assim as escolas de nível primário deveriam se dividir em escolas isoladas, grupos escolares e escola modelo. Sobre esse aspecto, ressalta Ferro (1996, p. 44),

[...] as Escolas Isoladas tinham apenas uma sala de aula, onde funcionava a 1ª e 2ª séries; as escolas Agrupadas possuíam mais de uma sala de aula e atendiam alunos de 1ª e 3ª séries. No início da República firma-se o ensino graduado com o aparecimento de Grupos Escolares com turmas até a quarta e quinta séries [...].

Na Vila do Livramento (atual de José de Freitas-PI), não foi diferente, como apontam os relatos do ex-aluno, o Sr. Hudson Almendra:

No começo, os fazendeiros contratavam professores particulares para ensinar seus filhos, porque não haviam escolas nem pública e nem particular, sabe-se que primeiro existiam três escolas particulares: de Dona Edina Soares que funcionava na Rua das Flores, atual Hugo Napoleão, que tinha como auxiliar a Dona Eduarda Santana, a Dona Dú. Depois surgiu a escola particular de Dona Linoca Castelo Branco, que funcionava na casa onde mais tarde foi a residência de Sr Damião Carvalho e a terceira escola particular, a do professor Tomáz da Cunha. Somente depois de muito tempo foi que surgiu as escolas públicas que tinham os seguintes nomes: Escolas isoladas – que possuíam uma sala de aula; Escolas Agrupadas – as que possuíam mais de uma sala e lá ensinavam 1ª, 2ª e 3ª séries e os Grupos Escolares – os que possuíam a partir de 5 salas de aula 1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª séries. (ALMENDRA<sup>14</sup>, DEPOIMENTO ORAL, 2011).

No início do povoamento da cidade, a economia era essencialmente rural marcada pela produção agrícola e criação de gado pelos fazendeiros da região, que contratava o mestre para ensinar seus filhos, como bem relata acima o depoente Almendra, por não existir escola pública e nem tão pouco privada.

Assim os ensinamentos aconteciam em espaço não apropriado para o funcionamento da escola. Para Vidal e Faria Filho (2005, p. 46): "O pagamento

---

<sup>14</sup> ALMENDRA, Hudson Veras de Sampaio. Ex-aluno do Grupo Escolar "Padre Sampaio".

do professor era de responsabilidade do chefe da família que o contratava, geralmente, um fazendeiro”.

Freitas (1956, p. 96) faz referência à instrução no relatório<sup>15</sup> do ano de 1922:

Desde tempos remotos sempre houve nesta bôa terra grande interesse pela instrução, e rara era a casa abastada onde se não ensinasse a ler e, até, officios, a grande numero de crianças, devendo mencionar o portuguez velho Patrício, em São Domingos, e aqui o talentoso padre capellão Serafim, filho de Crateús, que era até poeta e cultivava com intelligência as musas. Educaram grande numero de crianças das quaes ainda algumas existem. Para attestar o que acabo de dizer, ahi estão (e para o lugar grande eleitorado) 290 eleitores.

Hoje, só existe dentro da Villa uma aula mista, regida por professora diplomada, tendo uma ajudante, paga pela intendência, funcionando em predio municipal e custeada pelos cofres municipaes.

No tempo do império havia duas escolas publicas, e hoje só uma, regida pela normalista d. Antonia Costa Basilio, quando existem só aqui dentro nada menos de 160 crianças em idade escolar. Das antigas professoras não de furto ao dever de mencionar D.D. Lydia Burlamaqui e Rachel Paz, que deixaram grande numero de crianças educadas. E' um preito de homenagem devida que aqui lhes presto nestas desprerenciosas linhas.

Livramento, 31 de dezembro de 1922.

O período que vai de 1922 a 1930 é considerado por Lopes (2006) de implantação e consolidação do novo modelo de grupo escolar no Piauí, sendo criados, na capital e no interior, dezessete grupos escolares, conforme se pode perceber no Quadro 03:

<b>Nome do Grupo Escolar</b>	<b>Localização e status da localidade</b>	<b>Data da criação</b>	<b>Modo de constituição</b>
G.E. Miranda Osório	Parnaíba – interior	17 de março de 1922	Junção de duas escolas Isoladas estaduais e duas municipais.
G.E. Demóstenes Avelino	Teresina – capital	23 de fevereiro de 1926	Junção das escolas Isoladas Serafim e Cazuza Avelino .
G. E. José Lopes	Teresina – capital	23 de janeiro de 1928	Junção das Escolas Reunidas José Lopes e Escola Complementar Antonino Freire.
G. E. Antonino Freire	Teresina – capital	23 de janeiro de	Antiga Escolas Reunidas 24

<sup>15</sup> Nota: Foi mantida a ortografia da publicação primitiva: (JOSÉ DE FREITAS: seu histórico e seu exemplo de Antônio de Almendra Freitas (1956, p.96).

		1928	de Janeiro.
G. E. Teodoro Pacheco	Teresina – capital	23 de janeiro de 1928	Antiga Escolas Reunidas Teodoro Pacheco.
G. E. Fenelon Castelo Branco	União – interior	23 de janeiro de 1928	Antiga Escolas Reunidas Fenelon Castelo Branco, criada em 13 de julho de 1927, com a fusão das escolas isoladas estaduais e municipal existentes na localidade.
G. E. Matias Olimpio	Teresina – capital	13 de fevereiro de 1928	Criado como tal.
G. E. José Narciso	Parnaíba – interior	19 de abril 1928	Fusão das escolas isoladas ao bairro Tucuns.
G. E. Pe. Sampaio Castelo Branco	Livramento (atual José de Freitas) – interior	19 de abril de 1928	Antiga Escolas Reunidas Padre Sampaio Castelo Branco, criada em 15 de janeiro de 1925 pela fusão das escolas isoladas estadual e municipal e criação de mais uma escola.
G. E. Matias Olimpio	Barras – interior	19 de abril de 1928	Antiga Escolas Reunidas Matias Olimpio, criada em 20 de maio de 1926 pela fusão das escolas isoladas estaduais existentes na localidade.
G. E. Valdivino Tito	Campo Maior – interior	12 de setembro de 1928	Fusão de duas escolas isoladas estaduais existentes no município.
G. E. Coelho Rodrigues	Picos – interior	3 de novembro de 1928	Criado como tal
G. E. Agrônomo Parentes	Floriano – interior	3 de novembro de 1928	Criado como tal
G. E. Marechal Pires Ferreira	Pedro II – interior	27 de janeiro de 1930	Fusão de duas escolas estaduais existentes no município.
G. E. José Basson	Cocal – povoado do município de Parnaíba	27 de janeiro de 1930	Criado como tal
G. E. Barão de Gurguéia	Teresina – capital	27 de janeiro de 1930	Antiga Escolas Reunidas Barão de Gurguéia, criada em 21 de janeiro de 1929 com a ampliação do número de cadeiras da escola isolada do mesmo nome.
G. E. Padre Freitas	Piripiri – interior	29 de janeiro de 1930	Antiga Escolas Reunidas Padre Freitas, criada em 1924 com a fusão de duas escolas estaduais e uma municipal.

Quadro 03 – Grupos Escolares criados no Piauí: 1922-1930.

Fonte: Lopes (2006, p. 91-92).



### 2.3 **Consolidação da primeira instituição escolar:** Grupo Escolar “Padre Sampaio”.

Para escrever a história de uma escola, é necessário compreender a existência histórica da própria escola e dispor numa discussão ampla sistematizada, (re)escrevendo sua memória e história nos aspectos: físico, organizacional, cultural e social, contextualizando e destacando sua evolução ou regressão ou ainda estagnação na sociedade em que está inserida. Nesse cenário, Buffa (2002, p. 25) menciona:

Pesquisar uma instituição escolar é uma das formas de se estudar filosofia e história da educação brasileira pois as instituições escolares estão impregnadas de valores e idéias educacionais. As políticas educacionais deixam marcas nas escolas.

Os municípios faziam adaptações e construíaam prédios escolares e os equipavam, e, para exercer as atividades docentes, procuravam atrair as normalistas para esses grupos escolares. O Decreto de n 846, publicado no dia 15 de janeiro de 1925 (ANEXO F), determina que: “Crêa mais escola publica na cidade de Livramento, fundindo à já existente e a uma municipal com a denominação de escolas reunidas – Padre Sampaio – [...]”. Em 1928, dá-se o processo de interiorização do modelo grupo escolar nos municípios: União, Livramento (atual José de Freitas), Barras, Campo Maior, Picos e Floriano. (PIAUI, 1928).

Na cidade de José de Freitas, a data de criação do Grupo Escolar Padre Sampaio se deu no dia 19 de Abril de 1928, sob o modelo arquitetônico da Figura 54.



Figura 54 – Modelo arquitetônico do Grupo Escolar que serviu de base para a construção do Grupo Escolar “Padre Sampaio”.  
Fonte: Arquivo Público do Piauí - Casa Anísio Brito.

Nesse aspecto, o governo piauiense Matias Olímpio de Melo (1924 – 1928) avaliava de maneira positiva a instrução e veio a instalar escolas através do Decreto de 15 de janeiro de 1925, dentre outras, as escolas Reunidas “Padre Sampaio”, em Livramento (atual José de Freitas).

Na Vila do Livramento (atual município de José de Freitas – PI), as atividades escolares marcaram o início do século XX. A escola foi situada na rua Hugo Napoleão. Documentos registrados no Arquivo Público de Teresina (ANEXO G) mencionam que o grupo era instalado num salão, dividido por gradil de madeira, para funcionamento nos turnos: manhã 1º e 2º anos e a tarde 2º e 4º anos. Relembrar essas histórias, a partir da memória dos grupos escolares, mais do que relembrar é interpretá-los, como pontua Albuquerque Júnior (2007, p.153): [...] “devemos seguir suas linhas de constituição, o rendilhado de lutas, de experiências e falas que deram origem ao seu desenho, atentos para os silêncios que são incontornáveis, mas são também elementos de sua tecitura”.

Vejam-se os relatos da depoente abaixo sobre a implantação do Grupo Escolar “Padre Sampaio”:

A implantação da primeira escola na Vila do Livramento ocorreu no ano de 1925, em um galpão situado na rua hoje Hugo Napoleão de frente da garagem da prefeitura e do Posto de Saúde. Era onde é hoje a casa do Laika. Anos após transferiram a mesma para outro local onde fica hoje o Hotel Municipal. No ano de 1936, foi fundada definitivamente a Escola 'Padre Sampaio', na mesma rua Hugo Napoleão com sede própria, até hoje. (OLIVEIRA<sup>16</sup> DEPOIMENTO ORAL, 2011).

Através de decreto, datado de 15 de janeiro de 1925, foram instaladas, a 12 de março do mesmo ano, as Escolas Reunidas "Padre Sampaio", no comando do Intendente Antônio de Almendra Freitas, que adquiriu e destinou ao seu funcionamento, um prédio escolar sob a responsabilidade da professora Agripina de Castro Portela, (PIAUÍ, 1925, p. 68) (ANEXO H) esposa do comerciante Antônio Portela Lima, que vieram de Portugal.

Sobre a instalação das primeiras instituições escolares com prédio próprio, em especial o "Padre Sampaio", faz-se imprescindível um mergulho na memória cultural e escolar de participantes daquela época. Nesse sentido, o próximo capítulo se propõe a trazer à superfície lembranças de sujeitos até aqui anônimos.

---

<sup>16</sup> OLIVEIRA, Maria Josefina da. Ex-aluna e ex-professora do Grupo Escolar "Padre Sampaio"

### **CAPÍTULO III – MERGULHANDO NA MEMÓRIA: O NASCER DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES COM PRÉDIO PRÓPRIO EM JOSÉ DE FREITAS-PI (1928 – 1971)**

A história das instituições educativas tem avançado no contexto da história da educação brasileira, num processo de renovação no campo temático de historiografia de educação no Brasil, (GATTI JÚNIOR, 2002). Como bem relatam Nosella e Buffa (2009), aos estudos de instituições escolares representam atualmente um tema de pesquisa significativa entre os educadores, em particular no campo da história da educação.

Nas terras freitenses, não foi diferente dos outros municípios, faltava empenho dos governantes, bem como professores preparados para exercer a função de educar. Com esse intuito, emergem as primeiras escolas, já mencionadas no capítulo anterior. Com relação às instituições escolares previa-se uma nova forma de administrar pedagogicamente, provocando assim mudanças estruturais relacionadas ao espaço com prédios próprios, chamados grupos escolares.

Nesse processo, para investigar as instituições escolares, recorre-se à História Oral para historiar com os sujeitos mais velhos envolvidos na história, considerando que as fontes nos arquivos das escolas nem sempre estão inteiramente guardados e conservados, tais como: livros de matrículas, livro de pontos, eventos cívicos e comemorativos através de iconografia (fotografia) que deixam contribuição para o estudo da história das instituições escolares. Segundo Lopes (2006, p.101):

O ano de 1928 é um marco no processo de interiorização do modelo *grupo escolar*, com a criação desse tipo de escola nos municípios de União, Livramento (atual José de Freitas), Barras, Campo Maior, Picos e Floriano (Piauí 1928a) – interiorização esta concentrada na região norte do Piauí, da qual se excluem apenas Picos e Floriano.

Relembrar a história dos grupos escolares nos faz evocar Delgado (2010, p. 46) ao afirmar: “São as vozes da memória que adquirem pela costura dos

fragmentos das lembranças dimensão de tecido social e de identidades coletivas”.

Observa-se, através da Figura 55, o posicionamento dos alunos fardados e separados por sexo. A fala da ex-aluna, Maria Flôr, destaca as brincadeiras no horário do recreio: “O pátio muito bom de brincar, dividiam-se as partes das meninas e dos meninos, as brincadeiras não se misturavam os homens com as mulheres”. Sobre essa separação por sexo, também relata o ex-aluno, Sr Hudson Almendra: “o pátio era grande, tinha dois lados. O Prédio ficava no meio. O lado esquerdo educação física das meninas e o lado direito a educação física dos meninos”. Portanto, não havia proximidade física que garantisse uma verdadeira possibilidade de entrosamento entre o alunado, pois até mesmo no recreio eram separados.



Figura 55 – Professoras e Alunos do Grupo Escolar Padre Sampaio. (193?)  
Fonte: Arquivo particular da prof<sup>a</sup>. Maria Flôr Almendra Araujo.

Percebe-se ainda que esta separação por sexo se dava também no livro de registro de frequência diária (Figura 56) do alunado do Grupo Escolar “Padre Sampaio”. Primeiro era elencado o sexo masculino e depois o sexo feminino, nesta mesma página; além de registrar os dias letivos do mês, eram

somados as presenças e as faltas das quais evidenciavam as entradas tarde e saídas cedo dos alunos por sexo. Constata-se ainda espaço para o registro de movimento mensal onde eram mencionados as médias dos discentes, bem como o aproveitamento, o comportamento e a aplicação, sendo responsabilidade da professora o preenchimento da ficha mensal, na qual não havia espaço para registro dos conteúdos das disciplinas ministradas.

NOME DO ALUNO		SEXO		TURMA		MÊS		MOVIMENTO DIÁRIO												MOVIMENTO MENSAL																																									
								DUAS DO MES												SOMAS						MEDIAS																																			
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
<b>SEXO MASCULINO:</b>																																																													
10	Oswaldo de Oliveira																																																												
11	César de Almeida																																																												
12	Couto Gilvato dos Santos																																																												
13	Benevenuto de Azevedo																																																												
14	Júlio Augusto de Azevedo																																																												
15	Fidelis Pereira de Azevedo																																																												
16	Mário José de Azevedo																																																												
17	José Augusto de Azevedo																																																												
18	José Augusto de Azevedo																																																												
19	José Augusto de Azevedo																																																												
20	José Augusto de Azevedo																																																												
21	José Augusto de Azevedo																																																												
22	José Augusto de Azevedo																																																												
23	José Augusto de Azevedo																																																												
24	José Augusto de Azevedo																																																												
25	José Augusto de Azevedo																																																												
26	José Augusto de Azevedo																																																												
27	José Augusto de Azevedo																																																												
28	José Augusto de Azevedo																																																												
29	José Augusto de Azevedo																																																												
30	José Augusto de Azevedo																																																												
31	José Augusto de Azevedo																																																												
<b>SEXO FEMININO:</b>																																																													
32	Ana Maria de Azevedo																																																												
33	Ana Maria de Azevedo																																																												
34	Ana Maria de Azevedo																																																												
35	Ana Maria de Azevedo																																																												
36	Ana Maria de Azevedo																																																												
37	Ana Maria de Azevedo																																																												
38	Ana Maria de Azevedo																																																												
39	Ana Maria de Azevedo																																																												
40	Ana Maria de Azevedo																																																												
41	Ana Maria de Azevedo																																																												
42	Ana Maria de Azevedo																																																												
43	Ana Maria de Azevedo																																																												
44	Ana Maria de Azevedo																																																												
45	Ana Maria de Azevedo																																																												
46	Ana Maria de Azevedo																																																												
47	Ana Maria de Azevedo																																																												
48	Ana Maria de Azevedo																																																												
49	Ana Maria de Azevedo																																																												
50	Ana Maria de Azevedo																																																												
51	Ana Maria de Azevedo																																																												
52	Ana Maria de Azevedo																																																												
53	Ana Maria de Azevedo																																																												
54	Ana Maria de Azevedo																																																												
55	Ana Maria de Azevedo																																																												
56	Ana Maria de Azevedo																																																												
57	Ana Maria de Azevedo																																																												
58	Ana Maria de Azevedo																																																												
59	Ana Maria de Azevedo																																																												
60	Ana Maria de Azevedo																																																												
61	Ana Maria de Azevedo																																																												
62	Ana Maria de Azevedo																																																												
63	Ana Maria de Azevedo																																																												
64	Ana Maria de Azevedo																																																												
65	Ana Maria de Azevedo																																																												
66	Ana Maria de Azevedo																																																												
67	Ana Maria de Azevedo																																																												
68	Ana Maria de Azevedo																																																												
69	Ana Maria de Azevedo																																																												
70	Ana Maria de Azevedo																																																												
71	Ana Maria de Azevedo																																																												
72	Ana Maria de Azevedo																																																												
73	Ana Maria de Azevedo																																																												
74	Ana Maria de Azevedo																																																												
75	Ana Maria de Azevedo																																																												
76	Ana Maria de Azevedo																																																												
77	Ana Maria de Azevedo																																																												
78	Ana Maria de Azevedo																																																												
79	Ana Maria de Azevedo																																																												
80	Ana Maria de Azevedo																																																												
81	Ana Maria de Azevedo																																																												
82	Ana Maria de Azevedo																																																												
83	Ana Maria de Azevedo																																																												
84	Ana Maria de Azevedo																																																												
85	Ana Maria de Azevedo																																																												
86	Ana Maria de Azevedo																																																												
87	Ana Maria de Azevedo																																																												
88	Ana Maria de Azevedo																																																												
89	Ana Maria de Azevedo																																																												
90	Ana Maria de Azevedo																																																												
91	Ana Maria de Azevedo																																																												
92	Ana Maria de Azevedo																																																												
93	Ana Maria de Azevedo																																																												
94	Ana Maria de Azevedo																																																												
95	Ana Maria de Azevedo																																																												
96	Ana Maria de Azevedo																																																												
97	Ana Maria de Azevedo																																																												
98	Ana Maria de Azevedo																																																												
99	Ana Maria de Azevedo																																																												
100	Ana Maria de Azevedo																																																												

Figura 56 – Livro de registro de frequência diária (Abril de 1946)  
Fonte: Arquivo do Grupo Escolar “Padre Sampaio”.

Ainda Sr. Hudson explícita sobre o uniforme escolar. (tal como se configura na fotografia 55) do alunado no Grupo Escolar “Padre Sampaio”:

Tinha fardamento para os homens, calça curta e camisa branca de manga comprida e gravata com lista azul de acordo com o ano. Cada lista na gravata representava o ano. 1º ano, uma lista; 2ºano, duas listas; 3º ano, três listas e 4º ano, quatro listas. As meninas saía azul e a blusa branca e a gravata. (ALMENDRA<sup>17</sup>, DEPOIMENTO ORAL, 2011).

Segundo o Sr. Valdir Santos, faziam parte também do fardamento escolar, os tamanquinhos:

O governo distribuía uns tamanquinhos de madeira coberto de couro. Eu achava engraçado (RISOS). [...] O pessoal encarregado do silêncio pedia: Silêncio! Arriba os pés! Porque era uma zoadá, os tamanquinhos, Toc, Toc, Toc, Toc (RISOS). Eu usei muitos tamanquinhos. (SANTOS<sup>18</sup>, DEPOIMENTO ORAL, 2011).

Em relação ao uso dos uniformes escolares, presentes no cotidiano dos alunos, Nunes (2003, p. 138) destaca:

[...] nas escolas, as vestimentas específicas funcionam com seus usuários como exigências de construção de novos papéis sociais. [...] os uniformes escolares até justificaram a especialização de alguns profissionais da cultura no ‘fardamento escolar’. Quem hoje não se lembra das boinas (branca e/ou azuis. Também podiam ser verdes!), das gravatinhas, das golas de marinheiro, ou então do Vulcabrás, par de sapatos trágico e durável, mas do qual se tinha vergonha por que geralmente era comprado num número que excedia o tamanho dos pés de seus destinatários. [...] desgastaram no cotidiano, mas não da nossa recordação em que estão tão presente quanto antes. Elas revelam também as marcas da vida familiar, da dependência infantil e dos efeitos de uma qualificação social.

Com certeza, ainda estão presentes na memória dos indivíduos as lembranças da vida escolar, claramente se percebe na fala dos sujeitos da pesquisa, Hudson Almendra e Valdir Santos.

---

<sup>17</sup> ALMENDRA, Hudson Veras de Sampaio. Ex-aluno do Grupo Escolar “Padre Sampaio”.

<sup>18</sup> SANTOS, Valdir. Ex-aluno do Grupo Escolar “Padre Sampaio”.

Ouvindo as vozes dos sujeitos entrevistados vai-se permeando mais a história dos grupos escolares, como a Unidade Escolar “Padre Sampaio”, que está presente na memória de Santos<sup>19</sup>, Oliveira<sup>20</sup> e Almendra<sup>21</sup>, ex-alunos da escola.

Veja os relatos dos depoentes abaixo sobre as lembranças do Grupo Escolar “Padre Sampaio”:

Iniciei os estudos com sete anos de idade e minha professora foi a Dona Agripina Portela. Comecei com ela no 1º até o 5º Ano. Nesse tempo foi professora todo o tempo uma só professora. Ela foi minha professora esse tempo todo.

Tinha a Dona Eduarda Santana era professora particular conhecida como Dona Du, e a auxiliar chamada de Dona Edina Santana, ela foi quem pegou na minha mão para eu fazer as primeiras letras do alfabeto ABC, me lembro muito, ela era auxiliar. (SANTOS, DEPOIMENTO ORAL, 2011).

O início das aulas era 1º de março. Nessa época funcionava apenas o 1º ano A; 1º ano B; 1º ano C; 2º ano, 3º ano e 4º ano [...]. Os alunos do 4º ano. Parava no 4º ano. Nessa época não tinha 5º ano. A minha primeira escola foi o Grupo Escolar “Padre Sampaio”. Onde iniciei e terminei meu ensino primário. Comecei em 1940 e terminei em 1943. Iniciei os meus estudos com 7 anos de idade completo, NÉ. Naquele tempo só entrava com 7 anos ou próximo de completar. Meus professores do ensino primário foram: D. Agripina de Castro Portela, D. Hilda Veras de Sampaio Almendra. Naquela época era uma só. Porque Dona Agripina adoeceu e se aposentou. Naquela época eram poucos os professores. Sempre aquela que recebia uma turma no 1º ano. Levava a mesma turma até o 4º ano. (OLIVEIRA, DEPOIMENTO ORAL, 2011).

A minha primeira escola foi o grupo Escolar Padre Sampaio a minha primeira professora foi Dona Agripina de Castro Portela e a professora particular foi a Dona Dú que era na base da palmatória. (RISOS). Comecei a estudar em 1946, como ouvinte, porque naquela época se entrava na escola aos sete anos e como eu sou de 39 não tinha idade e entravam como ouvinte eu, a Teresinha, Ivaneide, Pretinha, esposa do Chico Torres [...]. A minha primeira professora foi a Agripina Portela, naquele tempo era muito difícil trocar, a professora pegava do 1º ao 4º. Era difícil trocar. (ALMENDRA,, DEPOIMENTO ORAL, 2011).

Observou-se que, nos tempos escolares, os educandos iniciavam suas atividades estudantis aos sete anos de idade e permaneciam na escola de

<sup>19</sup> SANTOS, Valdir. Ex-aluno do Grupo Escolar “Padre Sampaio”.

<sup>20</sup> OLIVEIRA, Maria Josefina da Silva Ex-aluna do Grupo Escolar “Padre Sampaio”.

<sup>21</sup> ALMENDRA, Hudson Veras de Sampaio. Ex-aluno do Grupo Escolar “Padre Sampaio”.



ensino primário, durante quatro ou cinco anos geralmente com a mesma professora, o que proporcionava maior conhecimento sobre os aspectos cognitivos e comportamentais de cada estudante.

A atual Unidade Escolar “Ferdinand Freitas” inicialmente pertencia ao sistema municipal de ensino, sendo chamado **Grupo Escolar Municipal “Antônio Freitas”** (Figura 57).

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA									
ANO DE 1966									
Grupo Escolar Municipal Antônio Freitas					Série 5ª				
Aluno Verulúcia de Jesus Farias					N.º de Mat. 429				
MÊS	COV.	APL.	FREQ.	FLUTAS	MÉDIA	ASSINATURA DO RESPONSÁVEL	CAIXA ESCOLAR	RUBRICA	
Março	10	9	27	-	9	Francisco Farias	Cr. 20	Assinada	
Abril	10	8,4	22	-	8,4	Francisco Farias	Cr. 20	Assinada	
Mai	10	9,5	25	-	9,5	Francisco Farias	Cr. 180	Assinada	
Junho	10	8,8	24	-	8,8	Francisco Farias	Pg	Assinada	
Julho	10	8,8	24	-	8,8	Francisco Farias	Pg	Assinada	
Agosto	10	8,9	23	-	8,9	Francisco Farias	Pg	Assinada	
Sembro	10	8,5	25	-	8,5	Francisco Farias	Pg	Assinada	
Outubro	10	8,5	22	-	8,5	Francisco Farias	Pg	Assinada	
Novembro	10	8,7	23	-	8,7	Francisco Farias	Pg	Assinada	

ELIMINADO EM 1 / 19 POR

M.ª do Sacramento Pacifico Chaves PROFESSORA

Maria Madalena P. de Melo DIRETORA

Figura 57 — Boletim Escolar (1966).  
Fonte: Arquivo da Unidade Escolar “Antônio Freitas”

O segundo grupo escolar, já anteriormente mencionado, tinha o nome de “Antônio Freitas” e o Ginásio recebeu o nome também de “Antônio Freitas”. Em virtude de já existir um prédio com esse mesmo nome, o Ginásio, por sugestão do Superintendente do Complexo Escolar desta cidade, o Padre Deusdedit Craveiro de Melo resolveu mudar o nome para Grupo Escolar “Ferdinand Freitas”, com o qual permanece até hoje (Figura 04). A partir de 1974, a Prefeitura Municipal de José de Freitas entregou esse prédio para o Governo do Estado. Havia mudanças na legislação, com a reforma de ensino, a lei n° 5.692/71<sup>22</sup>.

<sup>22</sup> Reforma de Ensino, cujas modificações foram consagradas em lei, em dois planos complementares:

- No plano vertical, a modificação se fez com a junção do curso primário e do curso ginasial num só curso fundamental de 08 anos.[...].

Sobre o surgimento das três primeiras instituições escolares na cidade freitense, o Sr, Hudson Almendra, relembra:

- A primeira escola pública de José de Freitas foi a Agrupada Padre Sampaio que funcionava numa casa que tinha pertencido ao Senhor Joãozinho Batista, depois foi funcionar na ex-cadeia pública, hoje Hotel Municipal. A primeira zeladora foi a Dona Eduarda Santana (a Dona Du). Somente em 1936, no governo (municipal) do Sr. Antônio da Costa Carvalho, vulgo Senhor Carvalho, é que o governo federal mandou verba.
- O segundo prédio foi inaugurado em 1957, no governo de Jacob Sampaio Almendra que foi da seguinte maneira: era o deputado federal na época, Hugo Napoleão do Rêgo, que é avô do atual Deputado Federal, Hugo Napoleão do Rêgo Neto, fez um convênio com o Sr. Jacob Sampaio Almendra, que era prefeito a época em José de Freitas, enviou uma verba [...] esse dinheiro não dava para contratar empresa [...] colocou pedreiro na diária para construir uma escola. E teve ajuda do Sr. Antônio de Almendra Freitas, aposentado da firma Casa Almendra. [...] depois de pronto o prédio, o prefeito Jacob Sampaio, enviou um projeto para a Câmara Municipal dando o nome de Antônio Freitas. [...] a inauguração foi no dia 07 de Abril de 1957. O Secretário de Educação era o Sr. Joel Mendes, filho da cidade de José de Freitas, e o governo do Piauí era o Jacob Gayoso, que ficou emocionado com a obra a ser construída com tão pouco dinheiro e disse: “Eu, Governador do Estado, vou dar, Jacob, toda a mobília e os professores para a escola”. Pois os recursos da prefeitura municipal eram poucos. [...] Me lembro que a Pastora Lopes de Carvalho foi a primeira diretora do Grupo Escolar “Antônio Freitas” e [...] começaram com as professoras: Dona Lenita Craveiro, Maria do Carmo Craveiro, Rosiné Lopes, Maria Ivanete Almendra, todas professoras do Estado. Eu me lembro ainda que os outros funcionários eram: Dona Maria Alves, zeladora; Dona Iracema Alves, merendeira; e, como inspetora, a Dona Maria Carvalho.
- Aí, José de Freitas tinha a necessidade de um Ginásio. [...] existia em José de Freitas um patrimônio de São Francisco das Chagas, deixado por Dona Cândida de Figueiredo Cunha que construiu a Igreja e deixou esse grande patrimônio [...], deixou fazendas de gado e casas de aluguel. Então esse patrimônio, o padre Tarcisio da Cruz, vigário da paróquia de José de Freitas, compartilhando com a vontade do povo de José de Freitas de ter um Ginásio, foi a Dom Avelar, pois José de Freitas pertencia a paróquia de Teresina e conseguiu assim o colégio, sustentado pelo patrimônio da Igreja de São Francisco. Assim foi criado o colégio com o nome de Escola de Comércio São Francisco das Chagas, que teve como primeiro diretor o professor Roberto Freitas, funcionando em 1958 e 1959 à noite sob sua direção no Grupo Escolar “Antônio Freitas”. Em 1960, passa a direção para o vigário de José de Freitas, o Padre Deusdedith Craveiro, e, em 1961, colocou grau a primeira turma da Escola de Comércio São Francisco das Chagas. O funcionamento

---

b) No plano horizontal, as mudanças ocorridas dizem respeito à eliminação do dualismo antes existente entre a escola secundária e escola técnica, com a criação de uma escola única de 1º e 2º graus. (ROMANELLI, 2010, p. 248).

dessa escola se deve graças a D. Cândida de Figueiredo Cunha, o padre Tarcísio juntamente com Dom Avelar.

Agora, Dom Avelar, nesta época, sentindo a necessidade que a escola tivesse prédio próprio, aí, conseguiu fazer um convênio da arquidiocese com a prefeitura - o prefeito era na época o Sr Ferdinand Freitas: a prefeitura entrando com o terreno e D. Avelar, com seu prestígio, conseguiu uma verba onde o prédio ficou em uma certa altura. [...] No governo de Petrônio Portella, eleito governador em 1962 e assumindo em 1963, e já era casado com uma moça, filha de José de Freitas, do Sr. Pedro de Almendra Freitas, ex-governador do estado, disse que terminaria o prédio e exigiu uma condição: que a arquidiocese doasse o prédio para o Governo do estado, que ele terminava a construção, e a outra era permitir [...] que mudasse o nome da Escola de Comércio São Francisco das Chagas para Ginásio Moderno Estadual Antônio Freitas, prevalecendo o bom senso de D. Avelar, não botou obstáculo e foi inaugurado no dia 05 de outubro de 1964 pelo Governador do Estado Petrônio Portella e na época era prefeito de José de Freitas Ary da Costa Carvalho; e o Ginásio teve como seu primeiro diretor o padre Deusdedith Craveiro de Melo até o ano de 1971. (ALMENDRA<sup>23</sup>, DEPOIMENTO ORAL..., 2011).

A partir da compreensão explicitada pelo ex-aluno, o Sr, Hudson Almendra, a existência da primeira escola pública foi a Agrupada Padre Sampaio e o segundo prédio foi o Grupo Escolar “Antônio Freitas”, inaugurado a 07 de Abril de 1957, e outra escola de prédio próprio foi o Ginásio Moderno Estadual “Antônio Freitas”, inaugurado no dia 05 de outubro de 1964. Porém, antes de mencionar esse Ginásio, é necessário ressaltar a Escola de Comércio São Francisco das Chagas fundada pelo padre Tarcísio Cruz, vigário da paróquia da cidade freitense, e o arcebispo de Teresina-PI, Dom Avelar Brandão Vilela (Figura 58), juntamente com o prefeito municipal Ary da Costa Carvalho (Figura 59). Recebeu esse nome porque era mantido pelo patrimônio da Igreja de São Francisco das Chagas. Na época, contou com a participação dos seguintes funcionários: Diretor, Roberto Freitas; Professores: Padre Deusdedith Craveiro de Melo, Bernardinho de Araújo Chaves, Durvalina Pereira dos Santos, Maria Amélia Carvalho e Almendra, Francisco Craveiro de Melo e Washington Batista (Figura 60).

Segundo Tavares (2003, p. 75), Dom Avelar [...] “mostrou que não se deve esperar apenas pela ação dos governantes. Foi um homem de diálogo. Deu garantia e proteção a muitos políticos perseguidos pelo regime militar de

---

<sup>23</sup> ALMENDRA, Hudson Veras de Sampaio. Ex-aluno do Grupo Escolar “Padre Sampaio”.

64”. Dom Avelar foi um arcebispo que muito contribuiu para a implantação de vários ginásios nos municípios piauienses. Também foi fundador da Rádio Pioneira de Teresina-PI.



Figura 58 – Dom Avelar Brandão Vilela.  
Fonte: Arquivo do Ginásio Moderno Estadual  
“Antônio Freitas”.

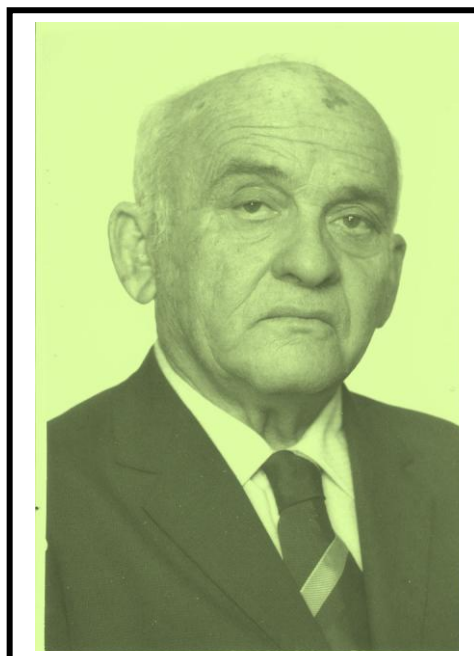


Figura 59– Prefeito Municipal: Ary da  
Costa Carvalho.  
Fonte: Arquivo particular da profª.  
Livramento Lima.

Outro fato marcante lembrado pelo mesmo depoente, Sr. Hudson, foi a colação de grau da primeira turma da Escola de Comércio São Francisco das Chagas. A Figura seguinte representa um quadro de formatura dessa escola.



Figura 60 – Quadro de Formatura da Escola de Comércio São Francisco das Chagas (1963).  
Fonte: Arquivo particular da profª. Livramento Lima.

Ainda sobre o surgimento do Ginásio Moderno Estadual “Antônio Freitas”, ao vasculhar os Livros de Atas na Câmara Municipal de José de Freitas, foi encontrada a Lei nº 180, de 22 de outubro de 1959 (Figura 61), que, em seu Art. 1º, determina: “Fica doada a Escola de Comércio “São Francisco das Chagas”, a área de terreno compreendida entre as Ruas Estevão Lopes Francisco Fortes, Jacob de Freitas e Mariano da Costa, medindo 8.818m² para a construção de sua sede”; sendo autorizado pelo Prefeito Municipal Ferdinand Freitas, como bem relata o Sr. Hudson Almendra em seu depoimento ao destacar o surgimento das primeiras instituições escolares com prédios próprios na zona urbana de José de Freitas.

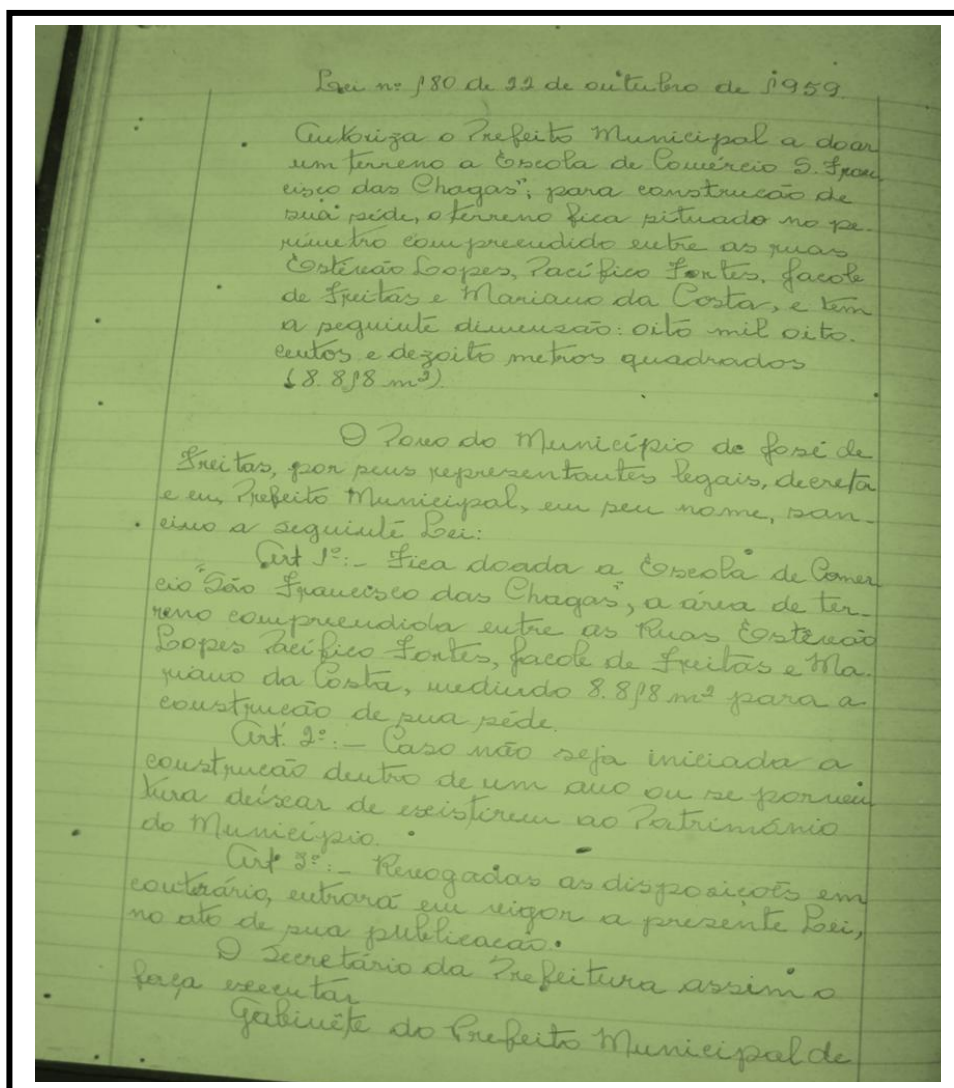


Figura 61 – Lei nº 180 de 22 de outubro de 1959.  
Fonte: Câmara Municipal - Livro de Leis Sancionadas (1958 – 1966).

A ex-diretora, Tia Flôr, guarda até hoje a memória e lembranças do Grupo Escolar “Ferdinand Freitas” e ressalta o valor da verba do governo federal que era de setecentos cruzeiros (CR\$ 700,00) para a inauguração e a mudança do nome da escola – já mencionado anteriormente –, o que se pode comprovar pelo registro em seu caderno sobre o Grupo escolar “Antônio Freitas” (conforme ANEXO I). Contudo, percebe-se a grande dificuldade na criação de grupos escolares devido aos poucos recursos recebidos dos governos: federal e estadual, sobretudo, na manutenção dos mesmos.



Figura 62 – Os funcionários do Grupo Escolar “Antônio Freitas” [s.d.]  
 Fonte: Arquivo particular da profª Maria Flôr. (da esquerda para a direita: Profª. Socorro Chaves; Profª. Nazaré Costa; Profª. Nazaré Andrade; Inspetora, Maria Carvalho; zeladora, Maria Alves; Profª. Maria Flôr e Profª. Socorro Costa).

A imagem fotográfica dos funcionários do Grupo Escolar “Antônio Freitas” traz à memória as lembranças do quadro de pessoal deste Grupo Escolar. Com isso, apoiamo-nos nas expressões de Ciavatta (2004, p. 26),

[...] a imagem fotográfica permite a presentificação do passado, como uma mensagem que se processa através do tempo [...] as imagens são históricas, que dependem das variações técnicas e estéticas do contexto histórico que as produziram e das diferentes visões de mundo que concorrem no jogo das relações sociais. [...] um dia já foram memória presente, próxima àqueles que as possuíam, as guardavam e colecionavam como relíquias, lembranças ou testemunhos.

Observa-se que as professoras guardam as passagens da sua vida escolar nas gavetas, nas fotos, nos cadernos já amarelados pelo tempo.

### **3.1 Tecendo fios de memória: cotidiano escolar do Grupo Escolar “Padre Sampaio” ao Ginásio Moderno Estadual “Antônio Freitas”.**

Nesse trabalho de dissertação de mestrado, buscou-se entender a escola como um espaço privilegiado de memórias, como afirma Nunes (2003), já ressaltado anteriormente, a escola é também celeiro de memórias.

Essa relação memória, autobiografia ou história de vida, amálgama ao cotidiano escolar das instituições escolares de José de Freitas-PI, cidade da região Nordeste, nos convida a reconhecer como surgiram essas instituições na cidade freitense.

Nessa relação com a História da Educação, busca-se o entendimento esquecido no tempo, porém guardado na memória, procurando ressignificado, através da trajetória de vida que se bifurca.

Verificou-se não haver conservação das atividades escolares escritas dos alunos. Segundo os depoentes, depois de certo período e das mudanças de residências há danificações nos papéis e posteriormente refugo, considerando assim descartáveis. Essa reconstrução das práticas pedagógicas se deve a partir dos testemunhos orais. Cabe ao historiador a competência de procurar as fontes na tentativa de elaboração de certa realidade, como afirma Dominique Julia (2001, p.17), “o historiador sabe fazer flechas com qualquer madeira”.

Partindo desse contexto, o método autobiográfico desvela a história na metodologia com base nas narrativas orais e escritas da própria história, como relata Josso (2004, p. 85): “Tratando-se de uma metodologia de pesquisa e de formação orientada por um projeto de conhecimento coletivo e individual, associado a um processo de formação existencialmente individualizado”. Corroborando com Bauer e Gaskell (2002, p. 90):

Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Contar histórias implica estados intencionais que aliviam ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal.



Os relatos da vida cotidiana escolar dos profissionais da educação de José de Freitas-PI daquele período foram obtidos a partir de narrativas escritas e das entrevistas semi-estruturadas, as quais constituíram como referências as narrativas autobiográficas. De acordo com Bauer e Gaskell (2002, p. 104):

Projetos que combinem história de vida e contextos sócio-históricos. Histórias pessoais expressam contextos sociais históricos mais amplos e as narrativas produzidas pelos indivíduos são também constitutivos de fenômenos sócio-históricos específicos, nos quais as biografias se enraízam.

O mundo dos objetos tem marcado presença como componente da interpretação histórica da cultura material escolar. Para Sousa (2007b), esse material escolar representa o conjunto dos artefatos, materiais, mobiliários e acessórios necessários para o funcionamento das escolas, envolvendo desde infra-estrutura do prédio escolar, até os utensílios destinados ao ensino das matérias, como lousa ou quadro-negro, cartilhas, livros, mapas, globos, dentre outros; que ajudarão a decifrar as práticas educacionais nos grupos escolares num determinado contexto histórico social. Assim sendo, Gonçalves e Faria Filho (2005, p. 54) destacaram que:

[...] no âmbito da história da educação, não há dúvida de que a renovação dos estudos esteve (e está) intimamente atrelada à possibilidade de uma nova história das instituições escolares e a pretensão de se produzir uma história do cotidiano escolar – a famosa assertiva acerca da possibilidade de entrar na *caixa preta* da escola proposta pela sociologia – e de dar visibilidade aos diversos sujeitos que participam da cultura escolar, notadamente aos professores.

Em razão disso, o depoimento da Tia Flôr enfoca sua própria história, ao protestar, de forma melancólica, o afastamento da sala de aula para se aposentar:

Saudades!!! (baixava a cabeça e os olhos lacrimejavam) Eu não queria me aposentar, eu me achava muito nova e fui forçada, e isso me frustrou. É a causa da minha doença. O Câncer vem de frustrações. Mas, Deus me deu muitos dons, o meu negócio era a

sala de aula. Graças a Deus, a minha mentalidade é boa. (ARAÚJO<sup>24</sup>, DEPOIMENTO ORAL, 2011).

As lembranças da vida escolar também estão presentes na memória da ex-diretora Pastôra Carvalho (Figura 63), que faz referência ao cotidiano escolar marcado pelas festividades escolares:

Fazíamos dramas, festividades, a gente fazia [...] para render dinheiro para auxiliar nos custos da escola. A escola era do governo. Então mal pagava a gente e às vezes atrasava de quando em vez.

Agora a gente fazia *tango romano*<sup>25</sup> dentro da escola para poder sustentar as festividades.

A gente se animava também e gastava o dinheirinho da gente. Quantos banquetes nós fizemos na escola fazendo aquela contribuição que a gente recebia pouco, mas todos tinham coragem de contribuir e ajudar para fazer o almoço. Era bom demais. Ora, era uma beleza. (CARVALHO<sup>26</sup>, DEPOIMENTO ORAL, 2011).



Figura 63 – Pastôra Lopes de Carvalho. Ex-Diretora do Grupo Escolar “Padre Sampaio” e do Grupo Escolar “Antônio Freitas”. Dezembro/2010.  
Fonte: Arquivo particular da Profª. Amparo Holanda.

Comungando com as ideias de Ferro (2010), na escola em que Pastôra Carvalho foi diretora, organizavam festividades juntamente com os professores

<sup>24</sup> ARAÚJO, Maria Flôr Almendra. Ex-professora e ex-diretora do Grupo Escolar “Antônio Freitas”.

<sup>25</sup> *Tango romano*, expressão romana que significa dizer, “você se vira como pode”, explica depoente Pastôra Carvalho.

<sup>26</sup> CARVALHO, Pastôra Lopes de Lima. Ex-diretora do grupo escolar “Padre Sampaio” e do Grupo Escolar “Antônio Freitas”.

para arrecadar fundos necessários ao desenvolvimento das festividades escolares.

Ainda sobre essas festividades, a depoente, Maria Josefina, a D. Maninha, menciona:

Desfile no dia sete de setembro (Independência do Brasil).

- Desfile no Dia da Criança, 12 de outubro.

- Festa junina, na quadra da escola.

- Festa “Dia da árvore”. No pátio da escola tinha que se plantar uma árvore e cantava: “Quem planta uma árvore enriquece”.

Considerando esse aspecto, tem-se a narração da Tia Flôr sobre as festividades do Grupo Escolar que dirigia: “O desfile 7 de setembro (Figuras 64 e 65), as outras datas comemorativas eram o Dia da Escola, o Dia das Mães, da Árvore, da Criança. Eu fazia as festinhas, bingo, para dar brindes. Comprar um presentinho para essas datas” (Figura 66).



Figuras 64 e 65 – Desfile do 7 de Setembro. [s.d.].

Fonte: Arquivo particular da ex- diretora, Maria Flôr Almendra Araújo.



Figura 66 – Festividade de Primeira Comunhão dos alunos do Grupo Escolar “Antônio Freitas” [s.d.].

A Tia Flôr guarda, em seu caderno de atividade, lembranças sobre o Dia da Árvore:

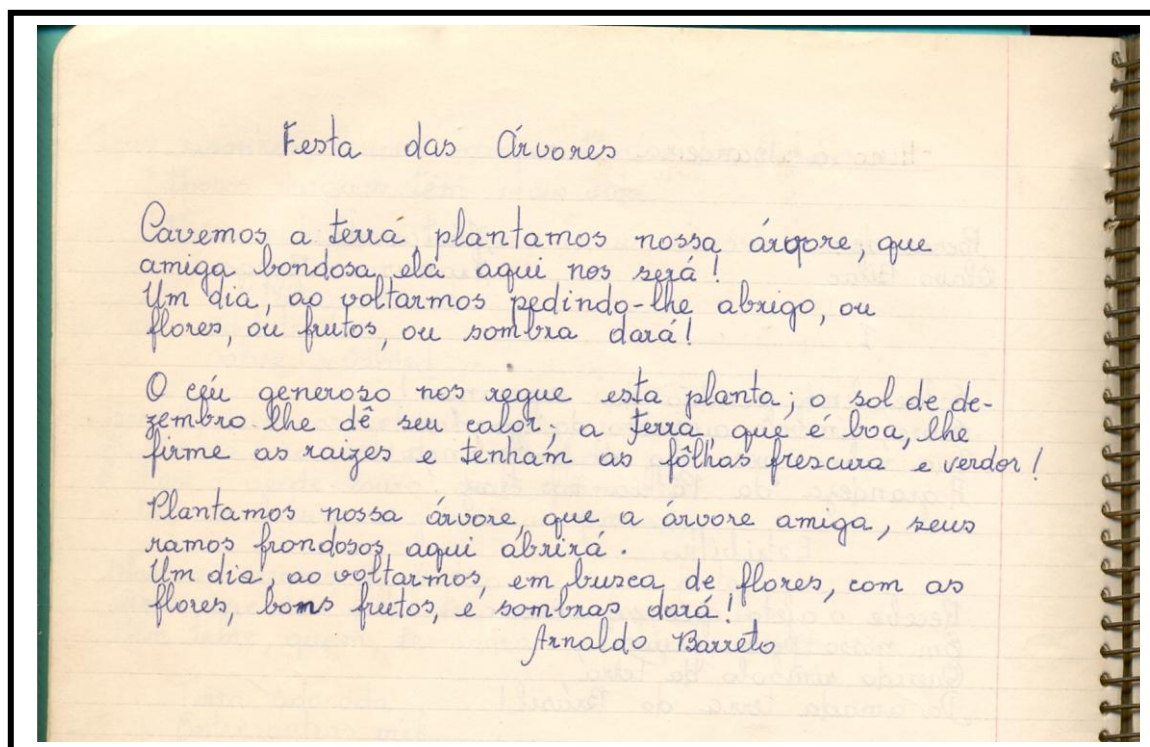


Figura 67 – Caderno de Atividades da Tia Flôr sobre a Festa das Árvores do Grupo Escolar “Antônio Freitas”.

As datas festivas no ano letivo, o Dia da Criança, o 7 de setembro, o 21 de setembro eram as mais frequentes nas instituições escolares nas primeiras décadas do século XX. Dessas, o 7 de setembro era de comemoração obrigatória, como bem relembra Eunice Pereira:

O Dia 07 de setembro é uma data cívica muito importante porque era tipo uma competição, onde cada escola queria apresentar melhor o seu desfile. Eram semanas e semanas ensaiando e nos preparativos para apresentar seus carros alegóricos que apresentavam personagens históricos como: D. Pedro I, Princesa Isabel e seus escravos, D. João VI, Cláudio Manuel da Costa e outros.  
- Era um dia festivo em José de Freitas: toda a comunidade se concentrava em praça pública para assistir o desfile das escolas. Formava-se um palanque no alto da Câmara Municipal composto pelas autoridades municipais, para julgar qual a escola que apresentava melhor o seu desfile.

Além das datas cívicas, era registrado o 21 de setembro – Dia da Árvore. Nesse dia era plantada pelos alunos uma árvore, acompanhados pela Banda de Música “Estrêla do Norte”.

A partir da compreensão explicitada de Bencostta (2006, p. 300-301): “Entendo aqui os desfiles patrióticos dos grupos escolares como transmissores de uma linguagem coletiva, capaz de expressar concomitantemente múltiplos planos simbólicos que os levam a ser identificados como uma grande festa [...]”. Percebemos uma espécie de acervo de lembranças compartilhadas, em que está o acontecimento da memória coletiva.

Nesse sentido, diz Halbwachs (1990, p. 51): “Dessa massa de lembranças comuns, e que se apoiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles”.

Além das festividades escolares, outros aspectos marcaram o cotidiano dos grupos escolares como: as avaliações, o ritual dos cantos, dos hinos, e as festividades de encerramento do ano letivo. Desse modo, o Sr, Hudson Almendra ressalta em seu depoimento:

Começavam as aulas, às 7 horas batia a campainha para a entrada, 9 horas batia a campainha para o recreio - 15 minutos para merendar, brincar e voltar, e às 11 horas batia a campainha para saída.  
Só que antes de retirar da escola, cada dia da semana de segunda à sexta – feira uma turma cantava o Hino Nacional, o Hino da Bandeira e o Hino do Piauí, e que hoje não existe. Naquele tempo, qualquer

menino sabia o Hino Nacional, O Hino da Bandeira de có, todo mundo sabia. Era cantado na entrada e na saída. Hoje ninguém sabe cantar.

Um fato marcante (PARADA LONGA, FICA EMOCIONADO, OLHOS LACRIMEJAM). Olhe, assim o ultimo leilão do último ano, no 4º ano. Aí quando passou o leilão e tudo, eu me emocionei, até chorei porque era minha despedida, que eu já sabia que no ano seguinte, eu não ia mais estudar naquele colégio. Isso até hoje quando me lembro me emociona.( ALMENDRA<sup>27</sup>, DEPOIMENTO ORAL , 2011).

As reminiscências das pessoas que vivenciaram esses espaços escolares proporcionam conhecer fatos ocorridos no ambiente escolar que não se encontram em documentos. Assim, menciona Gonçalves (2006, p.133):

Conhecer a maneira como a escola, se produziu nas relações cotidianas é voltar-se para seu funcionamento interno, o lugar onde a escola se faz, se realiza como escola. É nesse lugar que é possível apreender a cultura que ali se produziu no longo do tempo histórico. No cotidiano de uma escola são estabelecidas várias relações, que vão desde as relações de amizade às relações mais complexas, impostas pela vida profissional. Essas várias relações não são fáceis de ser analisadas isoladamente. São imbricadas, fazendo parte integral da formação da pessoa, que ao adentrar a vida escolar o faz carregando consigo a sua história de vida, o seu caráter, a sua crença, o seu ser.

Nesse aspecto, percebe-se a identificação de movimentos marcantes na trajetória de vida das pessoas; assim as narrativas orais têm lugar privilegiado na reconstrução de histórias de vida, possibilitando a reflexão dos tempos históricos, políticos, sócio-culturais na época vivida nesse contexto.

### **3.1.1 Mobiliário, material didático e metodologia**

Na década de 30 do século XX, houve várias transformações no campo político e o marco na história educacional brasileira. Na política, ocorre a Revolução de 1930; e no campo educacional, a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública – MESP, em 1930, pelo Ministro Francisco

---

<sup>27</sup> ALMENDRA, Hudson Veras de Sampaio. Ex-aluno do Grupo Escolar “Padre Sampaio”.

Campos. Em especial, ocorre o movimento dos Pioneiros da Escola Nova, no ano de 1932. Para Vidal (2006, p.11):

O termo Escola Nova passou a significar os esforços de renovação escolar, o novo, em detrimento do passado, do velho. [...] no interior do texto do Manifesto dos Pioneiros lançados em 1932, [...] ideal ao mesmo tempo carente de definições e capaz de aglutinar pessoas e ações.

Tal manifesto, chamado Os Pioneiros da Educação Nova, contava com 26 participantes selando o compromisso no qual intelectuais inspirados em novos ideais pedagógicos formaram uma aliança em prol da modernização da educação brasileira no início da década de 30.

Assim, tal modernização estava sendo representada com o aparecimento dos grupos escolares em todo o país.

Nesse cenário, Bencostta (2005, p. 71) afirma que:

Além de prédios próprios que tinham como princípio à racionalização dos espaços, outras novidades integram-se à realidade dos grupos escolares, tais como: a mobília que substituía os torturantes bancos sem encostos; o quadro-negro; o material escolar vinculado ao novo método que marcaria a história do ensino primário brasileiro – o método intuitivo ou lições de coisas – que previa o uso de mapas, gabinetes, laboratórios, globos, figuras e quadros de Parker, dentre outros, afim de facilitar o desenvolvimento das faculdades de apreensão sensorial dos alunos; a instrumentalização das leituras didáticas repletas, diga-se de passagem, de uma linguagem que, a todo o momento, procurava enaltecer os brios republicanos. É certo que o método intuitivo foi uma marca indelével no ensino proposto na história dos grupos escolares, e constantemente utilizada como forma de convencimento para essa moderna pedagogia que se tornava uma realidade.

Após a década de 30, o Brasil deu continuidade a industrialização e a urbanização<sup>28</sup>. Sabe-se que quanto mais urbano se torna um país, amplia assim os setores de serviços, que conseqüentemente promove uma procura

---

<sup>28</sup> Intensificou-se o processo de urbanização, no período de 1940 a 1970, “cresceu a densidade demográfica. Mas o ritmo do crescimento da população urbana foi muito mais intenso do que o ritmo do crescimento da população rural. [...]. A urbanização, portanto, é o fator predominante do movimento demográfico do período assinalado. Isso demonstra que, paralelamente ao aumento da população, ocorreu uma acentuada concentração populacional da zona urbana, com o conseqüente aumento da demanda efetiva de educação escolarizada”. (ROMANELLI, 2010, p. 75).

efetiva por mais escolas. Destacam-se ainda, nesta década o Estado Novo, governo ditatorial de Vargas (1937 – 1945), em que o ministro Gustavo Capanema empreendeu uma série de leis chamadas Leis Orgânicas<sup>29</sup> decretadas entre 1942 e 1946.

O Grupo Escolar “Padre Sampaio”, como pioneiro nas atividades públicas educacionais no final da década de 20 até meados da década de 50, mantém até hoje a mesma estrutura física: 05 salas de aula, dois banheiros e um grande pátio localizado, atrás da escola. As salas, com janelas amplas e bem ventiladas, facilitam a boa iluminação. Dos sujeitos da pesquisa (ex-aluna e ex-professora), ao serem indagados sobre o mobiliário e o material escolar, tem-se os relatos:

Eram cinco salas de aulas bem amplas - seis por oito metros de dimensão mais ou menos - quadro negro adequado, decoração da escola apropriada. Eram os desenhos da parede: tinha o gato correndo atrás do coelho, gato correndo atrás de uma bola, era uma coisa maravilhosa! Tinha banheiro. A sala do meio, era de reunião e sala dos professores, diretoria, bilheira com os potes.

As carteiras eram coletivas de madeira polida de cedro com dois acentos, com lugar próprio para escrever na frente que era uma tábua, lugar para colocar o tinteiro caneta com a pena.

A Biblioteca com bons livros infantis para leitura na sala da diretoria. (OLIVEIRA<sup>30</sup>, DEPOIMENTO ORAL, 2011).

As carteiras eram de madeira resistente, de 1 metro e 20 centímetros, [...], comportando assim dois alunos, um de cada lado, nas carteiras foram feitas dois buraquinhos de cada lado de mais ou menos 6 cms de diâmetro, onde se colocava um tinteiro com a tintas azul escuro, escrevíamos com a caneta de pena, pois na época não existia canetas esferográficas. (PEREIRA<sup>31</sup>, DEPOIMENTO, 2011).

As lembranças do espaço escolar, seu mobiliário e materiais didáticos utilizados nas aulas, ainda estão presentes na memória de Oliveira e Pereira (Figura 68).

<sup>29</sup> As Leis Orgânicas, também conhecidas como “Reformas Capanema” abrangendo os ensinos industrial e secundário (1942) comercial (1943) normal, primário e agrícola (1946), complementados pela criação de Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai, 1942) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac, 1946). (SAVIANI, 2005, p. 33).

<sup>30</sup> OLIVEIRA, Maria Josefina da Silva. Ex-aluna e ex-professora do Grupo Escolar “Padre Sampaio”.

<sup>31</sup> PEREIRA, Maria Eunice da Silva, ex-professora do Grupo Escolar “Padre Sampaio”.





Figura 68 – Maria Eunice da Silva Pereira. Ex-professora do Grupo Escolar “Padre Sampaio”. Junho/2011.

Fonte: Arquivo particular da prof<sup>a</sup>. Amparo Holanda.

Ao se pretender expor alguns olhares acerca das metodologias dos professores dos grupos escolares da cidade de José de Freitas (PI), é salutar refletir a educação primária na transição do século XIX para o século XX. Nessa época, as atividades desenvolvidas pelos professores eram próprias da pedagogia do método lancasteriano<sup>32</sup>, pelo método mútuo, baseado no ensino de leitura e escrita e das quatro operações matemáticas e no zelo pelos princípios morais e cristãos.

Quanto à mobília da sala de aula, a Figura 69 nos mostra os bancos de madeira de assento duplo, confirmando os relatos dos depoentes. Enquanto a Figura 70 evidencia utensílios típicos daquele período: o livro de Admissão ao Ginásio, tinteiro e a caneta-tinteiro.

---

<sup>32</sup> Método Lancasteriano, adotado na Europa e depois no Brasil em 15 de outubro de 1827 por decreto imperial.



Figura 69 – Bancos de madeira de assento duplo.  
Fonte: Arquivo particular da Profª. Teresinha Holanda.



Figura 70 – Materiais escolares: Livro – Admissão ao Ginásio, Tinteiro e Caneta Tinteiro  
Fonte: SOUSA (2005, p. 44).

Ao serem indagados sobre os recursos didáticos e metodologias trabalhadas nos grupos escolares no início do processo de escolarização, as entrevistadas deram as seguintes respostas:

Os materiais eram bons livros: Português, Matemática, Ciências, Geografia e outros. Tinha globo, mapas, ábaco, etc. Os livros a gente comprava. Meu pai cansou de comprar, meu pai deixava a roça de mandioca para comprar o material escolar dos seus filhos. Ele comprava livros de Português, Matemática, Ciências e Geografia. Aí tinha os cadernos N° 1; N° 3 e N° 5. Assim o N° 1 era para escrita; o N° 3 tinha a linha estreita era de caligrafia e o N° 5 era para Desenho. Hoje em dia os alunos adoecem da coluna e sai sem aprender. [...]. (OLIVEIRA<sup>33</sup>, DEPOIMENTO ORAL, 2011).

Os Recursos Didáticos naquela época eram poucos, a lousa, mais era o blá - blá - blá dos professores. A gente usava os recursos que a gente própria tinha que era a sabedoria da gente. (CARVALHO<sup>34</sup>, DEPOIMENTO ORAL, 2010).

Na alfabetização eu trabalhava o Método de Sete Semanas: Ex: A gente dava as vogais: A E I O U e as palavras: A - ATA; E - EMA ; I- IGREJA ; O – OVO; U- UVA.

Sugar do aluno os pedacinhos e faziam as famílias. Para fazer novas palavras. Hoje se vê alunos na 3ª Série e não sabem ler [...].

Da 1ª a 3ª Série era Polivalência as disciplinas eram globalizadas.

Na 4ª Série com áreas: Ciências, Português, Matemática e Geografia.

O Conteúdo estava no Livro Nordeste

Recursos: Globo, Mapa, Quadro de Imagem, figuras.

Eu fazia quase tudo cantando; ao chegar na sala, eu perguntava:

‘posso entrar?

E cantavam todos:

‘Entrando na nossa escola

Cantamos com alegria

Saudando a nossa mestra

Bom dia! Bom dia!

Bom dia para os colegas

Agora vamos rezar

Pedindo a papai do céu

Para nos abençoar’.

Nas brincadeiras na hora do recreio:

‘Lá vai a bola girando na roda

Passando adiante sem demora.

Mas no fim dessa canção.

Você que estiver com a bola na mão

Depressa pule fora’. (ARAÚJO<sup>35</sup>, DEPOIMENTO ORAL..., 2011).

O principal objetivo era que aprendêssemos a ler, escrever, e as quatro operações fundamentais: somar, diminuir, multiplicar e dividir.

<sup>33</sup> OLIVEIRA, Maria Josefina da Silva. Ex-aluna e ex-professora do Grupo Escolar Padre Sampaio

<sup>34</sup> CARVALHO, Pastôra Lopes de Lima. Ex-diretora do Grupo Escolar “Padre Sampaio” e o Grupo Escolar “Antônio Freitas”.

<sup>35</sup> ARAÚJO, Maria Flôr Almendra. Ex-professora e ex-diretora do Grupo Escolar “Antônio Freitas”.

O professor de séries iniciantes tinha que primeiro fazer o aluno conhecer o alfabeto completo, para poder ser alfabetizado.

Tendo o aluno aprendido o alfabeto, ele iria juntando vogais e consoantes para formar sílabas simples, como palavras de duas sílabas simples, como palavras de duas sílabas, de três sílabas, de quatro sílabas ou mais. Esse método tinha que ser soletrando mesmo.

Para aprender a tirar contas, o aluno tinha que primeiro aprender a tabuada, com isso ele tinha a possibilidade de aprender as quatro operações fundamentais, e ir em frente para desenvolver todos os cálculos em Matemática. (PEREIRA<sup>36</sup>, DEPOIMENTO, 2011).

Entende-se, a partir da depoente Carvalho, que os recursos didáticos eram limitados à lousa e ao giz. Entretanto, Oliveira destaca outros recursos didáticos além dos livros, cadernos com numeração específica para uso do aluno, o globo terrestre, os mapas e o ábaco. Recursos esses que contribuíram para melhor desempenho do processo ensino e aprendizagem.

Para Souza (2007 - b, p. 164), eram os materiais escolares de uso “em sala de aula para finalidades diretas do ensino: quadro-negro, mapas, livros, etc. Essa diversidade é reveladora dos múltiplos sentidos que o termo materiais escolares obteve no final do século XIX e nas décadas iniciais do século XX”.

Percebe-se, nos depoimentos sobre a metodologia utilizada no processo de alfabetização, que era o método das sete semanas na base do soletrar: aprendiam as sílabas para formação das pequenas palavras simples e depois as frases curtas.

Finalmente, as Figuras 71 e 72 representam aquelas que, durante muito tempo, foram usadas como instrumentos das escolas, determinando o início e fim das atividades escolares.

---

<sup>36</sup> PEREIRA, Maria Eunice da Silva. Ex-professora do Grupo Escolar “Padre Sampaio”.



Figura 71 – Campanha do Grupo Escolar “Padre Sampaio”

Fonte: Arquivo do Grupo Escolar “Padre Sampaio”.



Figura 72 – Campanha do Grupo Escolar “Ferdinand Freitas”

Fonte: Arquivo do Grupo Escolar “Ferdinand Freitas”.

### 3.1.2 Procedimentos de avaliação e medidas disciplinares

Nas narrativas orais autobiográficas sobre a disciplina escolar, em especial as medidas disciplinares como os castigos físicos, destacam-se a ação do mestre no uso da palmatória. Sobre a descrição da ação pedagógica como ato disciplinar no uso da violência, destaca José Lins do Rêgo em seu livro “Meus Verdes Anos” (1980, p. 214): “O mestre era um negro vindo do sertão, homem de calibre, homem que não abria a boca pra sorrir. A palmatória era a sua vara de condão. Fazia luz nos meninos à custa de surras e bolos”.

Nesse cenário, os sujeitos entrevistados ressaltaram, quando indagados, sobre as avaliações e medidas disciplinares (castigos físicos):

Na sabatina, fazia uma roda de estudantes e de acordo com o número de aluno era o número de perguntas (SORRISOS). Se errasse, levava bolo e diminuía a nota. Uma vez eu peguei 06 bolos na escola particular de Dona Eduarda Santana, a Dona Dú. (SORRISOS). (SANTOS<sup>37</sup>, DEPOIMENTO ORAL, 2011).

<sup>37</sup> SANTOS, Valdir. Ex-aluno do Grupo Escolar “Padre Sampaio.

Um momento marcante em minha vida. (LÁGRIMAS NOS OLHOS). Eu não gosto de revelar, eu falei na professora América, ela era da 1ª série, era rígida, durou menos de um mês e eu pedi minha mãe para sair. Foi assim: ela mandou eu apanhar piçarra na frente do Grupo Escolar Padre Sampaio para eu me ajoelhar em cima da piçarra. Por causa da tabuada, ela não queria que eu repetisse. Ela perguntava: quanto é  $8 + 8$ ? Eu repetia:  $8 + 8$ ;  $8 + 8$ ;  $8 + 8$ . De tanto medo que eu tinha dela, eu colocava as minhas mãos para trás e ela acha que eu não sabia e imaginava que eu estava contando nos dedos. Mas, eu não estava contando, eu estava era nervosa. Por isso eu fui castigada. (ARAÚJO<sup>38</sup>, DEPOIMENTO ORAL, 2011).

Quanto à disciplina, os alunos eram diferentes de hoje em dia, eram pacatos, mais calmos, sobretudo pode-se dizer acanhados. Respeitavam seus professores da mesma maneira que respeitavam seus pais em casa. Mas, ainda surgiam aqueles que eram mais extrovertidos, quando estes não prestavam atenção às aulas ou fazia qualquer coisa mostrando indisciplina, aí não, vinha aquele castigo como: apresentar-se na Diretoria para conversar com a diretora, ou ficar de pé na frente do quadro-de-giz. Durante o castigo, não poderia desenvolver nenhuma atividade em sala de aula. (PEREIRA<sup>39</sup>, DEPOIMENTO, 2011).

O início das aulas era 1º de março. Nessa época funcionava apenas o 1º ano A; 1º ano B; 1º ano C; 2º ano, 3º ano e 4º ano. Naquela época, todo mundo era bom.

Os alunos do 4º ano. Parava no 4º ano. Nessa época, não tinha 5º ano. Por que não tinha Ginásio naquela época. Eu, depois de 21 anos que eu tinha feito o primário, fiz o Exame de Admissão. Era uma espécie de vestibular. Eu não fiz o 5º ano. Os alunos do 4º ano no final do ano letivo, além da prova escrita tinha também a prova oral, ministrada por uma equipe de professores de Teresina, inclusive veio uma Zé de freitense na turma, Dona Maria Matos Abreu, para fazer a prova oral.

Na prova oral, tinha que chamar o aluno na frente. Lá tinha o globo terrestre para você dizer quando lhe perguntava sobre isso e isso, você mostrava no globo e no mapa mundi. E elas iam dando a nota da pessoa. Lembro que até uma colega deu um passamento, a Elisa Cardoso, filha do mestre Ricardo Cardoso, ela era muito nervosa, ela desmaiou no pé da professora.

As férias do final do ano eram três meses: dezembro, janeiro e fevereiro e no meio do ano as férias eram em julho, um mês, e no final do ano três meses e voltava no dia 1º de março. (Maria Josefina (OLIVEIRA<sup>40</sup>, DEPOIMENTO ORAL, 2011).

Não, não, eu não alcancei. Existia na Escola Particular de Dona Du, essa tinha palmatória. (CARVALHO<sup>41</sup>. DEPOIMENTO ORAL, 2010).

<sup>38</sup> ARAÚJO, Maria Flôr Almendra. Ex-aluna do Grupo Escolar “Padre Sampaio”.

<sup>39</sup> PEREIRA, Maria Eunice da Silva. Ex-professora do Grupo Escolar Padre Sampaio.

<sup>40</sup> OLIVEIRA, Maria Josefina da Silva. Ex-aluna do Grupo Escolar “Padre Sampaio” e Ginásio Moderno Estadual “Antônio Freitas”.

<sup>41</sup> CARVALHO. Pastora Lopes de Lima. Ex-diretora do Grupo Escolar “Padre Sampaio” e Grupo Escolar “Antônio Freitas”

Se fazia 3 sabinas nos três primeiros sábados e, no último, a prova . O aluno ganhava bônus, quem tirasse dez (10) era quem ganhava bônus . Esse bônus se guardava e no fim do ano, no mês de dezembro tinha um leilão. Aí, ia chamando do 1ª ao último. Então isso aí era um incentivo muito bom o aluno se interessava para ganhar, era uma disputa, mais era uma disputa amigável, não era de briga não. Apenas eu me esforçava para estudar e para ganhar o bônus. E eu ainda tinha o seguinte: no dia em que eu não ganhava lá o 10, o bônus, quando eu chegava em casa eu ganhava o bolo de minha mãe que segundo ela não justificava eu não tirar 10 e dizia: você tem uma professora excelente, você estuda particular com a Dona Dú, só em dizer o nome não precisa mais referências e eu lhe oriento e você não tira 10. Então em vez de ganhar o bônus, eu ganhava bolo (RISOS). A Palmatória da minha mãe não tinha o buraco no meio, a da Dona Dú tinha buraco no meio da palmatória. (ALMENDRA<sup>42</sup>, DEPOIMENTO ORAL, 2011).

Nas análises das narrativas, percebe-se a descrição das formas de avaliar, e também diversas medidas disciplinares. As provas ocasionavam bastante ansiedade no corpo discente, pela rigidez com que as professoras se direcionavam aos alunos, principalmente nas provas realizadas oralmente. Ao errar a resposta da pergunta na prova oral, era feito o uso da palmatória, símbolo de tortura, terror e violência. Sabinas era prova realizada aos sábados. Segundo Guedes-Pinto (2008, p.56) “[...] a divisa entre o dizível e o indizível é tênue. E a memória pode aflorar quando o sujeito sente que há respaldo para fazê-lo brotar, mesmo que as conseqüências sejam duras e acompanhadas de sofrimento”. Foucault (2009, p.179) afirma: “O exame permite ao mestre, ao mesmo tempo em que transmite seu saber, levantar um campo de conhecimentos sobre seus alunos”.

A depoente Tia Flôr, enquanto professora do Grupo Escolar “Antônio Freitas”, afirma: “uma vez no mês após as avaliações eu fazia as tertúlias<sup>43</sup> como forma de promover boas relações entre os colegas ao som das músicas de Roberto Carlos. Aí, eu dançava com todos os meus alunos”. A professora Tia Flôr promovia esses encontros para melhor conhecer seus alunos, uma forma de estabelecer, boas relações interpessoais.

---

<sup>42</sup> ALMENDRA, Hudson Veras de Sampaio. Ex-aluno do Grupo Escolar “Padre Sampaio”.

<sup>43</sup> Tertúlias, significam festas dançantes durante o dia.

Quanto às avaliações no final do ano, eram realizadas por outras pessoas que não os professores da escola e, chegando ali, [...] “faziam um aluno ler, fazer ditado, faziam perguntas. Os examinadores davam notas para os alunos e para os professores” (SOUZA, 2000, p. 81 e 82). A distribuição de prêmios (bônus) era uma das formas mais conhecidas e utilizadas para disciplinar o comportamento dos educandos. Segundo Souza (2008, p. 130): “Deve-se salientar que a premiação não se restringia aos alunos. Fica claro que a aprovação dos alunos se constituía em uma maior valorização dos professores que recebiam elogios dos colegas, diretores, inspetores e examinadores nas provas”.

Para Azevedo (2009, p. 218):

A prática dos exames, por exemplo, além de normatizar, qualificar, classificar, sancionar e porque não punir, contribuía também para a legitimação do ideal republicano por meio da ordem que instituíam, posta como meio para alcançar o progresso.

Os relatos de Maria Josefina, a D. Maninha, ao mencionar as lembranças da sala de aula, como aluna, sobre seus professores e seus colegas, narram brevemente as medidas disciplinares do Ginásio Moderno Estadual “Antônio Freitas”: “Um dia, eu me lembro que Vespasiano Carvalho era líder de turma [...] respondeu mal o professor Sebastião e foi até o Padre Deusdedith e disse que não ia dar aula com esse aluno. O padre deu-lhe uma suspensão não sei de quantos dias”.

Sobre esse relato, ao mexer e remexer os arquivos na Unidade Escolar “Antônio Freitas”, encontrou-se o registro de suspensão do aluno Vespasiano Carvalho, que, na época, fora suspenso de suas atividades escolares por 15 dias úteis. O comunicado manuscrito feito pelo Professor Sebastião Rocha para o Pe. Deusdedith Craveiro, então diretor da escola, exprime em um dos parágrafos, o seguinte:

Hoje quando fazia perguntas sobre horas em inglês, dirigi-me ao aludido aluno perguntando-o como se traduzir 19 horas em inglês, cujo ponto já havia dado até mesmo em ano anterior. O mesmo não respondia, ficando em silêncio absoluto depois de muita insistência minha o aluno em causa limitou-se a dizer que não sabia então disse-



lhe que psicologicamente notava que ele não estava dando atenção a aula e muito pouco a mim como professor. Bastou estas palavras para que o mesmo explodisse temperamentalmente, querendo criar discussão, não o fazendo porque não o atendi. (ANEXO J).

Esse relato escrito foi o suficiente para que o Diretor, Pe. Deusdedith Craveiro de Melo, aplicasse o corretivo, ou seja, a suspensão, com a Portaria N° 2 do ano de 1971, com os seguintes termos:

**RESOLVE:**

Suspender por grave indisciplina o aluno da 4ª Série, Vespasiano Alves da Carvalho, por 15 (quinze) dias úteis a partir de amanhã:  
**REGISTRE-SE, PUBLIQUE-SE E CUMPRA-SE**  
Diretoria do Ginásio Moderno Estadual “Antônio Freitas”, em José de Freitas, 05 de Abril de 1971.” (ANEXO L).

Tal fato ocorrido leva a imaginar que o citado aluno perdera as avaliações mensais, pois o registro da Ficha Individual do aluno (Vespasiano Carvalho) contém a nota ZERO, escrita por extenso, no mês de Abril de 1971, o que coincide com o período de suspensão – o que foi um absurdo – : 15 dias úteis representava quase um mês sem participar das atividades escolares. Mesmo assim, consegue, no decorrer do ano, recuperar a nota após realizar prova final na citada disciplina (ANEXO M). Como se pode perceber na Figura 73, ele era um aluno de transferência recebida que atestava boa conduta.

Vespasiano Alves de Carvalho tem boa conduta.' The date is 'Teresina, 25 de junho de 1967'. The signature is 'Prof. Magalhães Filho' with '(Pelo Ginásio)' underneath. At the bottom, it says 'TRABALHA E CONFIA'."/>

Ginásio "Des. Antônio Costa"

Uma Organização a Serviço do Ensino  
 EDUCANDÁRIO QUE INSTRUI E EDUCA  
 FUNDADOR PROF. MAGALHÃES FILHO  
 RUA FÉLIX PACHECO, 1589 — FONE: 2645  
 PRÉDIO PRÓPRIO  
 TERESINA — PIAUÍ

**ATESTADO DE CONDUTA**

ATESTO, para os devidos fins, que Vespasiano  
Alves de Carvalho  
 tem boa conduta.

Teresina, 25 de junho de 1967

Prof. Magalhães Filho  
 (Pelo Ginásio)

TRABALHA E CONFIA

Figura 73 – Atestado de Conduta (Ano: 1967).  
 Fonte: Arquivo do Ginásio Moderno Estadual "Antônio Freitas"

Nesse sentido, Diana Vidal (2005, p.19) esclarece que os arquivos são lugares de memória, espaços de guarda de seus acervos e, ao mesmo tempo, [...] "constantemente abertos a novas leituras acerca do passado e o presente".

Vale ressaltar que o contexto histórico vivido no período, início da década de 1970, era de efervescência pela Ditadura Militar<sup>44</sup>, marcada por repressão e intensa violência. Naquela época, existiam determinações apenas de deveres, pois os direitos e as garantias pessoais eram quase eximidos diante de uma excessiva vigilância sobre os alunos nas escolas. Maior era o impacto do poder ditatorial instalado no Brasil, como bem resalta Raul Pompéia na sua obra “O Ateneu: crônica de saudades” (1992, p. 64): “Com a insensibilidade pétrea que encorajava para as humilhações, [...] Os olhares caíram-lhe em cima, como os projéteis de um fuzilamento”.

Sobre esse aspecto, resalta Foucault (2009, p. 177): “É um controle normatizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir”. As normas encrudecem sobre os alunos na época da década de 60 e início da década de 70 do séc. XX, o que se percebe no slogan do presidente da república, General Emílio Médici, entre 1969 e 1974: “Brasil: ame-o ou deixe-o”. Dussel e Caruso (2003, p.63) relatam que

[...] o único modelo disponível para esta tarefa era modelo militar, portanto a sala de aula foi estruturada como um espaço no qual se produz uma militarização particular [...]. tudo parece indicar que, aquela época, os pedagogos não viam numerosos conjuntos de alunos com uma ‘tropa’ mas sim como ‘rebanhos’.

A escola atualmente é caracterizada pela instituição de regulamentos, estatutos e projetos voltados para os conteúdos de ensino, paralela à observação da conduta do educando, formando assim uma cultura escolar marcada por hábitos de civilidade. Segundo Julia (2001, p.10),

[...] poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de prática que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos: normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as

---

<sup>44</sup> Ditadura Militar, período de 1964 a 1985 da política brasileira em que os militares governaram o Brasil. Caracterizou-se pela falta de democracia, supressão de direitos constitucionais, censura, perseguição política e repressão aos que eram contra o regime militar.

épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas e simplesmente de socialização).

Tais normas e práticas devem ser analisadas sem se levar em consideração o corpo profissional dos agentes, ou seja, os professores, que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a realizar dispositivos pedagógicos que facilitem sua aplicação.

Por conseguinte, é necessário entender o interior da escola. A cultura escolar não pode ser estudada sem análises das relações correspondentes a cada período de sua história, seja ela religiosa, popular ou política. Para Julia (2001), a cultura escolar se desenvolve a partir de três eixos: o interesse pelas normas e finalidades que regulamentam a escola; a avaliação do papel desempenhado pela profissionalização da atividade do educando; e o interesse pela análise dos conteúdos e das práticas escolares ensinados. Com apoio nas ideias de Faria Filho (2007, p. 197), vê-se que:

Penso que há na categoria cultura escolar um potencial analítico que está ancorado, por um lado, na articulação dos diversos elementos de constitutivos da experiência escolar que se propõe, e, de outro, na visibilidade que dá às práticas de divulgação, de imposição e de apropriação efetivadas no interior do campo educacional em dado momento histórico.

No interior do Ginásio, eram trabalhadas pelos professores as disciplinas<sup>45</sup> que compunham a grade matricular (hoje matriz curricular), as quais eram as seguintes:

Em 1969:

**1ª e 2ª Séries:** Português, Matemática, Geografia, História, Iniciação à Ciências, Técnicas Agrícolas.

**3ª e 4ª Séries:** Português, Matemática, Geografia, História, Inglês, Estudos Sociais do Piauí, Técnicas Agrícolas.

Em 1970:

---

<sup>45</sup> As disciplinas ministradas nos anos anteriores a 1969, correspondendo ao período da pesquisa, não foi possível mencionar em face da falta de organização dos arquivos correspondente ao período (1964-1968) na instituição escolar pesquisada.

**1ª e 2ª Séries:** Português, Matemática, Geografia, História, Iniciação à Ciências, Inglês, Desenho, Educação Moral e Cívica.

**3ª Série:** Português, Matemática, Geografia, História, Inglês, Educação Moral e Cívica, Técnicas Comerciais, O.S.P.B. (Organização Social e Política do Brasil).

**4ª Série:** Português, Matemática, História, Ciências, Inglês, Educação Moral e Cívica, Técnicas Comerciais, O.S.P.B.

Em 1971:

**1ª e 2ª Séries:** Português, Matemática, Geografia, História, Iniciação à Ciências, Inglês, Desenho, Educação Moral e Cívica.

**3ª Série :** Português, Matemática, Geografia, História, Inglês, Educação Moral e Cívica, Técnicas Comerciais, O.S.P.B.

**4ª Série:** Português, Matemática, História, Ciências, Inglês, Educação Moral e Cívica, Técnicas Comerciais, O.S.P.B.

Vale destacar que, no ano de 1969, foram inseridas na grade curricular as disciplinas Educação Moral e Cívica e O.S.P.B. (Organização Social e Política do Brasil).

Sobre a Educação Pública do Piauí, registrado no Livro de Ponto do Grupo Escolar “Padre Sampaio” (Junho de 1966), percebe-se um número reduzido de funcionários públicos lotados naquele estabelecimento de ensino, o que permaneceu em 1969, exceto a diretora. Neste quadro, a diretora também exercia docência em um dos turnos. Abaixo, no quadro, o rol de funcionários públicos estaduais do Grupo Escolar “Padre Sampaio”:

<b>PESSOAL DOCENTE – ANO: 1966</b>			
<b>NOME DO(A) PROFESSOR(A)</b>	<b>FUNÇÃO</b>	<b>MANHÃ (1º turno)</b>	<b>TARDE (2º turno)</b>
Pastôra Lopes de Lima Carvalho	Diretora Professora	5ª Série	Direção
Francisca de Andrade Araújo	Professora	1ª Série A	2ª Série
Francisca da Costa e Silva	Professora	1ª Série B	-

Maria Inês Pereira dos Santos	Professora	3 <sup>a</sup> Série B	3 <sup>a</sup> Série B
Maria Eulália Soares de Paiva	Professora	4 <sup>a</sup> Série	-
Filomena Alves de Oliveira	Professora	-	1 <sup>a</sup> Série B
Maria Eunice da Silva	Professora	-	2 <sup>a</sup> Série
Maria do Socorro Portela de Carvalho	Professora		4 <sup>a</sup> Série

**PESSOAL ADMINISTRATIVO**

<b>NOME</b>	<b>FUNÇÃO</b>	<b>MANHÃ (1º turno)</b>	<b>TARDE (2º turno)</b>
Pastôra Lopes de Lima Carvalho	Diretora	-	X
Nadir da Costa Araujo Chaves	Inspetora	X	-
Edina Santana da Silva	Zeladora	X	-
Elvira Pacífico de Alencar	Inspetora	-	X
Francisca de Oliveira Silva	Zeladora	-	X

**PESSOAL DOCENTE – ANO: 1969**

<b>NOME DO(A) PROFESSOR(A)</b>	<b>FUNÇÃO</b>	<b>MANHÃ (1º turno)</b>	<b>TARDE (2º turno)</b>
Maria Eulália Soares de Paiva	Diretora Professora	1 <sup>a</sup> Série B	Direção
Francisca de Andrade Araújo Marques	Professora	1 <sup>a</sup> Série A	4 <sup>a</sup> Série
Maria Inês Pereira dos Santos	Professora	1 <sup>a</sup> Série B	3 <sup>a</sup> Série
Filomena Alves de Oliveira	Professora	2 <sup>a</sup> Série	2 <sup>a</sup> Série
Maria Eunice da Silva	Professora	3 <sup>a</sup> Série	1 <sup>a</sup> Série B
Maria do Socorro Portela de Carvalho	Professora	5 <sup>a</sup> Série	3 <sup>a</sup> Série

**PESSOAL ADMINISTRATIVO**

<b>NOME</b>	<b>FUNÇÃO</b>	<b>MANHÃ (1º turno)</b>	<b>TARDE (2º turno)</b>
-------------	---------------	-----------------------------	-----------------------------

Maria Eulália Soares de Paiva	Diretora	-	<b>X</b>
Nadir da Costa Araujo Chaves	Inspetora	X	X
Edina Santana da Silva	Zeladora	X	-
Elvira Pacífico de Alencar	Inspetora	-	X
Francisca de Oliveira Silva	Zeladora	-	X

Quadro 04 – Relação dos Funcionários do Grupo Escolar “Padre Sampaio” (1966 e 1969)  
 Fonte: Arquivo do Grupo Escolar “Padre Sampaio”.

Com isso, percebe-se que o grupo de profissionais era essencialmente feminino, o que fortalecia os laços de amizade, pois o quadro de docentes permanecia o mesmo, desenvolvendo, quase sempre atividades nos dois turnos na mesma escola. Três figuras residentes na sociedade freitense merecem destaque como profissionais no Grupo Escolar “Padre Sampaio”: primeiro, a ex-diretora, Pastora Lopes de Carvalho, como gestora dos dois primeiros grupos escolares; segundo, Maria Josefina, a Dona Maninha, (Figura 74) ex-professora, ex-aluna, ex-merendeira, ex-zeladora e ex-diretora, tendo participado da diversidade de funções no campo educacional, no qual se aposentou na função de diretora na referida escola; e, por fim, a ex-inspetora, Elvira Pacífico (Figura 75), pelo carinho e dedicação às atividades profissionais nas Instituições de Ensino Grupo Escolar “Padre Sampaio” e Grupo Escolar “Antônio Freitas”. Ao que Halbwachs (1990, p. 133) afirma, “o lugar recebeu a marca do grupo e vice-versa. [...] cada detalhe desse lugar em si mesmo tem um sentido [...].



Figura 74 – Maria Josefina Oliveira.  
Ex-professora do Grupo Escolar  
“Padre Sampaio”. Junho/2011.  
Fonte: Arquivo Particular da Prof.  
Amparo Holanda.



Figura 75 – Elvira Pacífico - Ex-  
inspetora do Grupo Escolar “Padre  
Sampaio” e do Grupo escolar  
“Antônio Freitas”  
Fonte: Arquivo Particular da  
Assistente Social Jonilza Chaves.

Assim, esses sujeitos, reveladores de tantas nuances, vivenciaram um cabedal de experiências nos primeiros grupos escolares de José de Freitas. Nessa assertiva, coaduna Vidal (2005, p. 23-24):

Integrado à vida da escola, o arquivo pode fornecer-lhe elementos para a reflexão sobre o passado da instituição, das pessoas que a freqüentaram ou freqüentam, das práticas que nelas se produziram e, mesmo, sobre as relações que estabeleceu e estabelece com seu entorno (a cidade e a região na qual se insere).

Tanto os arquivos quanto as reminiscências trazem à tona fatos ocorridos no passado que ajudam a compreender a história. Dessa forma, retrata Delgado (2010, p. 59): “Memória e transmissão de experiências são faces diferentes de um único cristal que inclui a História”. Nos relatos dos ex-alunos, ex-professoras e ex-diretora, as análises revelam a trajetória pessoal e profissional ao longo da vida.

É importante lembrar os profissionais da educação, em especial, os administradores dos primeiros grupos escolares desta cidade, como disposto no Quadro 06, a seguir:



<b>ADMINISTRADORES</b>
<b>DAS PRIMEIRAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES DE JOSÉ DE FREITAS</b>
<b>GRUPO ESCOLAR “PADRE SAMPAIO”</b>
- Agripina de Castro Portela
- Maria Amélia Carvalho e Almendra
- Pastôra Lopes de Lima Carvalho
- Maria Dolores Veras da Silva
- Maria Eulália Soares de Paiva
- Doraci Muniz de Almendra
- Maria de Jesus Duarte
- Maria do Amparo Holanda
- Maria Josefina de Oliveira
- Deusalina de Sousa Araujo
- Maria Antônia Saraiva Monte
- Luzanira Alves Pinheiro Silva
- Maria da Natividade da Silva Morais
- Ana Lúcia Cardoso Cavalcante
- Areolino Francisco da Cunha
- Maria Vitória Nunes de Melo
- Teresinha Ferreira Calaça
- Maria do Socorro Ribeiro Cavalcante
- Maria do Socorro Ferreira da Silva
- Maria do Livramento Carvalho
- Maria do Perpétuo Socorro Fonseca de Araujo Coêlho (atual).

<b>GRUPO ESCOLAR “FERDINAND FREITAS” (Ex- Grupo Escolar “Antônio Freitas”)</b>
- Pastôra Lopes de Lima Carvalho
- Maria Madalena Craveiro de Melo
- Maria do Carmo Craveiro de Melo
- Maria Ivanete Almendra Araujo
- Rosiné Lopes de Lima
- Bernardinho de Araujo Chaves Filho
- Maria Flôr Almendra Araujo
- Maria do Socorro Costa
- Doraci Muniz Almendra
- Francisca das Chagas Cardoso e Almendra
- Maria do Amparo Holanda
- Maria Neri de Aguiar
- Maria do Livramento Araújo Borges
- Isaura Neri de Aguiar
- Maria Dalva Cardoso da Silva
- Maria do Socorro Ferreira da Silva
- Rosilda Maria Felipe da Silva
- Lucilene Holanda da Silva Almeida
- Maria Alzemir da Silva Sales
- Maria de Lourdes Gomes da Cunha
- Hilda Maria Luz Ribeiro (atual)

<b>GINÁSIO MODERNO ESTADUAL “ÂNTÔNIO FREITAS”</b>
- Deusdedith Craveiro de Melo
- Maria do Carmo Craveiro de Melo
- Maria do Amparo Holanda da Silva
- Durvalina Pereira dos Santos
- Pedro Paulo Macêdo da Rocha
- Valdir Santos
- Maria de Jesus Ribeiro Cavalcante
- Maria de Fátima Rodrigues Sepúlveda
- Luiz Gonzaga Borges
- Francisca das Chagas Cardoso Almendra
- Francisca de Paula Soares
- Maria de Fátima Carvalho Almeida
- José Luis Alves Cardoso
- Maria de Vasconcelos Torres
- Cleide Maria Farias
- Luzia de Sampaio Pinto
- Joel Gomes de Araújo
Isaura Neri de Aguiar
- Rosilda Maria Felipe da Silva
- Georgina Maria Fontinele Florindo
- Maria do Rosário Nunes da Costa Cunha
- Francisco da Costa Araújo
- Areolino Francisco da Cunha (atual)

Quadro: 05 – Relação dos diretores das primeiras instituições escolares de José de Freitas-PI.  
 Fonte: Arquivos - Grupo Escolar “Padre Sampaio”; Grupo Escolar “Antônio Freitas e Ginásio  
 Moderno Estadual “Antônio Freitas”.

Verifica-se, no quadro 05, a quantidade de pessoas que ajudaram a construir a história das primeiras instituições escolares pesquisadas, contribuindo não apenas para o crescimento da sociedade freitense, mas também piauiense, na construção do conhecimento e na formação de cidadãos.

Portanto, o processo de construção de uma sociedade é analisado a partir das relações conflituosas ou pacíficas em que está inserida, levando em consideração o período de sua história. Dessa forma, este trabalho oportunizou reconstituir a história e a memória das três primeiras instituições escolares de José de Freitas-PI, através de memórias dos ex-diretores, ex-professores e ex-alunos na zona urbana, a partir do final da década de 20 ao início da década de 70 do século XX, para que esta história e memória fiquem guardadas nas reminiscências das pessoas e, ainda, para que seja divulgada para que outros possam compreender a importância dos grupos escolares e do Ginásio para a sociedade piauiense.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação é resultado do percurso de um longo caminho, marcado por desafios na busca de solução para os questionamentos latentes nesta pesquisa. Segundo Albuquerque Júnior (2007, p. 153), “retramar o que está tramado, redizer o que está dito, rever o que já foi visto”, assim sendo, buscou-se trazer novos subsídios à historiografia piauiense, particularmente aos estudos das primeiras Instituições Escolares com prédio próprio de José de Freitas-PI.

Para tanto, foi significativa a garimpagem das fontes documentais junto aos arquivos públicos estaduais e municipais. Mudou-se o recorte temporal de 1936, antecipando-o para 1928, como forma de compreender melhor o processo de consolidação da Escola Agrupada “Padre Sampaio”, que se tornou o primeiro Grupo Escolar na cidade, registrando assim não apenas o aspecto educacional, mas também o aspecto sócio-econômico, político e cultural da sociedade freitense.

Nesse caminhar, contou-se com embasamento teórico metodológico da Nova História Cultural, com contribuições de diversas fontes bibliográficas, documentais, narrativas orais e escritas, e ainda iconográficas, abrindo assim um leque, vasto caminho rumo à pesquisa, em que muitas vezes surgiram dúvidas, inquietações, ansiedades para reconstituir a história e a memória das primeiras instituições escolares de José de Freitas – PI (1928 – 1971).

Quanto ao surgimento das primeiras instituições escolares, observou-se que a Unidade Escolar “Padre Sampaio” foi criada em 1928 e, somente em 1957, foi construído um segundo prédio, agora para o Grupo Escolar “Ferdinand Freitas”. Portanto, durante aproximadamente três décadas, a Escola Padre Sampaio foi pioneira no processo educacional na zona urbana da cidade freitense. Nessa época, as exigências por uma escolarização pública foi gradualmente se ampliando. Surge então o Ginásio Moderno Estadual “Antônio Freitas”, inaugurado em 1964, para contemplar a necessidade de prosseguimento aos estudos dos alunos da sociedade local.

A realidade histórica educacional de José de Freitas não foi diferente dos outros municípios piauienses, faltava empenho dos governantes, bem como professores preparados para exercer a função de educar. Nesse processo, para investigar as instituições escolares, recorreu-se à História Oral para historiar com os sujeitos mais velhos envolvidos na história, considerando que as fontes nos arquivos das escolas nem sempre estão inteiramente guardados e conservados, tais como: livros de matrículas, livro de pontos, eventos cívicos e comemorativos através de iconografia (fotografia) que deixam contribuição para o estudo da história das instituições escolares.

Face aos desafios e inovações vividos pelos historiadores, torna-se necessário compreender os avanços proporcionados pela história oral através das narrativas dos sujeitos que apresentam percepções do passado como algo ainda presente em suas vidas. Nesse trabalho, isso fica bem visível quando os mesmos relatam seu processo de escolarização básica no século XX: lembranças, sentimentos e emoções no âmago, as memórias que se bifurcam, foram os fios para a tessitura deste trabalho, que, sem dúvida, tem sua história; mas recorda que muitas outras precisam ser desbravadas e/ou produzidas.

Entre os sujeitos entrevistados, percebeu-se um certo saudosismo que transparece ter sido o passado mais glorioso. Como afirma Arroyo (2004, p.387), nesses relatos emergem valores, sentimentos pessoais que afloram dando voz a alunos e mestres, momento em que a “maioria revela que muitas vezes se perguntaram em silêncio por que teria de ser assim, mas ‘calados fomos nos adaptando’”.

Quanto ao cotidiano escolar, percebeu-se que havia separação por sexo, na fila, na sala de aula, nas brincadeiras durante o recreio, como também no livro de registro de frequência diária. Observou-se ainda que os alunos permaneciam na sala de aula 4 horas, com intervalo de 15 minutos para merendar e brincar. O início e o fim das atividades na sala de aula eram marcados pelo canto dos Hinos (Nacional, da Bandeira e do Piauí). Os alunos do 1º ano prosseguiram até 5º ano com a mesma professora, e passavam por medidas severas que faziam parte da disciplina da escola. Para os alunos, isso representava ansiedade e até mesmo tortura. Foram evidenciadas também pelas professoras entrevistadas as dificuldades nas realizações das

festividades escolares por falta de recursos financeiros, o que era solucionado com a utilização de recursos próprios para concretização das festas escolares que enalteciam os valores cívicos.

Constatou-se por fim, que as primeiras instituições escolares pesquisadas desde aquela época até hoje continuam contribuindo com suas atividades educacionais para a construção do conhecimento sistematizado e, sobretudo, na formação de cidadãos e cidadãs freitenses. Portanto, os esforços somados para realização desse trabalho de dissertação de mestrado oportunizou a rememoração dos primórdios da educação na Vila livramentense, atual cidade freitense. Convém esclarecer que o trabalho de pesquisa não se esgota aqui, pois novos olhares podem ser lançados sobre a história da educação local, prosseguindo assim com as pesquisas sobre as instituições educacionais desta e de outras cidades. A história e a memória dessas primeiras instituições escolares, mais que importantes, são imprescindíveis não somente para a reconstituição da história das escolas, mas também para o (re)conhecimento de aspectos da própria sociedade piauiense.

## REFERÊNCIAS

### A- Fontes Bibliográficas

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. Manoel de Barros e os ensinamentos para os historiadores da educação. In: VASCONCELOS, José Geraldo et al (orgs.). **Interfaces metodológicas na história da educação**. Fortaleza: UFC edições, 2007.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Bauru, São Paulo: Edusc, 2007.

ARAUJO, Maria Mafalda Balduino de. EUGÊNIO. João Kennedy. **Gente de longe: história e memória**. Teresina: Halley, 2006.

ARAUJO, Maria Mafalda Balduino de **Cotidiano imaginário: um olhar historiográfico**. Teresina: EDUFPV/Instituto Dom Barreto, 1997.

ARROYO, Miguel G. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

AZEVEDO, Crislane Barbosa de. **Grupos escolares em Sergipe: cultura escolar, civilização e escolarização da infância**. Natal RN: EDURFN- UFRN, 2009.

AZEVEDO, Fernando de. A transmissão da cultura. In: **A cultura brasileira**. Parte 3. São Paulo: Melhoramentos/Brasília, DF: Instituto Nacional do Livro, 1976.

BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Grupos escolares no Brasil: um novo modelo de escola primária. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. **Histórias e memórias da educação no Brasil**, vol. III: século X. (orgs.) Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. (Org.) **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1986.



BOGDAN, Robert.; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Lisboa: Porto, 1994.

BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade.** Lembranças de velhos. 7 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRITO, Itamar Sousa. **História da Educação no Piauí.** Teresina: EDUFPI, 1996.

BUFFA, Ester. História e filosofia das instituições escolares. In: ARAUJO, José Carlos Souza; GATTI JR, Décio. **Novos temas em história da educação brasileira:** instituições escolares e educação na imprensa. Campina (SP): Autores Associados, 2002. p. 25-38.

BURKE, Peter. **A escrita da história:** novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

CARVALHO, Pastôra Lopes de Lima. NAPOLEÃO. **José de Freitas:** passado e presente. Teresina: Gráfica Expansão Ltda, 1994.

CASTELO BRANCO. Anfrísio Neto Lobão. **Abelheiras:** trezentos anos de história. Teresina, 2008.

CATANI, Denice Barbara. **Docência, memória e gênero.** [et al.]. 4 ed. São Paulo: Escrituras Edidora, 2003.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural.** Rio de Janeiro: Difel, 1990.

CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda. (org.). **A Leitura de imagens na pesquisa social:** história, comunicação e educação. São Paulo: Cortez, 2004.

COSTA, Antônio Primo da. **Missionário e a missão:** paróquia de Nossa Senhora do Livramento: 136 anos de história. Teresina: Gráfica Livramento, 2011.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral:** memória, tempo, identidades. 2. ed. Belo Horizontes: Autêntica, 2010.

DUSSEL Inês; CARUSO Marcelo; **A Invenção da sala de aula.** São Paulo: Moderna, 2003.

FARIA FILHO. Luciano Mendes de. Escolarização e cultura escolar no Brasil: reflexões em torno de alguns pressupostos e desafios. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas:** itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007.

\_\_\_\_\_. **As lentes da história:** estudos de historiografia da educação no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

\_\_\_\_\_. O Jornal e outras fontes para a história da educação mineira do séc XIX: uma introdução. In: GATTI JÚNIOR, Décio & ARAUJO, José Carlos Sousa. (Org.) **Novos temas em história da educação brasileira:** instituições escolares e educação na imprensa. Campinas, SP: Autores Associados, Uberlândia, MG: EDUFU, 2002.

\_\_\_\_\_. GONÇALVES, Irlen Antônio. In: SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa (orgs.) **a Cultura escolar em debate:** questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

FELIX, Loiva Otero. **História e memória:** a problemática da pesquisa. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

FERRO, Maria do Amparo Borges. **Educação:** prioridade nacional. Brasília, 1982.

\_\_\_\_\_. **Educação e sociedade no Piauí republicano.** Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 1996.

\_\_\_\_\_. **Cazuza e o sonho da escola ideal.** São Luis: EDUFMA, 2010.

FINGER, Mathias. As implicações sócioepistemológicas do método biográfico. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, Mathias. **Método (auto)biográfico e a formação.** Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

FREITAS, Sonia Maria de. **História oral:** possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: 2002.

FREITAS, Jose Gayoso. **O município de José de Freitas na História do Piauí.** Centro de estudos do Piauí. Caderno N°5, 1954.

FREITAS, Antônio de Almendra. **José de Freitas:** seu histórico e seu exemplo. 1956.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete. 37 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GATTI JUNIOR, Décio; ARAUJO. A história das instituições educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. In: GATTI JUNIOR, Décio; ARAUJO Jose Carlos Sousa. (orgs.). **Novos temas em história da educação brasileira:** instituições escolares e educação na imprensa. Campinas, SP: Autores Associados, Uberlândia, MG: EDUFU, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

\_\_\_\_\_. **Métodos e técnicas de pesquisa social**, 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GONÇALVES, Irlen Antônio. **Cultura escolar: práticas e produção dos grupos escolares em Minas Gerais (1891/1918)**. Belo Horizonte: Autêntica/FCH – FUMEC, 2006.

GONZAGA, Amarildo Meneses. A pesquisa em educação: um desenho metodológico centrado na abordagem qualitativa. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pesquisa em educação: alternativas investigativas com objetos complexos**. São Paulo: Loyola, 2006, p.65-92).

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia; SILVA, Leila Cristina Borges da; GOMES, Geisa Genário. **Memórias de leitura e formação de professores**. Campinas. S.P. Mercado de Letras, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice. Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HOBSBAWM, Eric J. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. Tradução José Claudino e Julia Ferreira. São Paulo: S.P. Cortez, 2004.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas (SP): Autores Associados, n. 1, p. 09-43, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5 ed. Campinas, S.P: UNICAMP, 2003.

LOPES, Antonio de Pádua Carvalho. Das escolas reunidas ao grupo escolar: a escola como repartição pública de verdade. In: VIDAL, Diana Gonçalves (org.) **Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893 – 1971)**. Campinas São Paulo: Mercado das Letras, 2006.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LOPES, Eliane Marta Teixeira, **Perspectivas históricas da educação**. 5 ed. São Paulo: Ática, 2009.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2005.

MINAYO, Maria Cecília S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

NOSELLA, Pablo; BUFFA, Ester. **Instituições escolares: por que e como pesquisar**. Campinas, SP: Alínea, 2009.

NÓVOA, Antônio. Porque a história da educação. In: STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena C. **História e memórias da educação no Brasil**. Vol. II – Século XIX, Petrópolis, RJ: Vozes, 2005..

NOVOA, Antonio. (org.). **Vidas de professores**. 2 ed. Portugal: Porto Editora, 2000.

NUNES, Clarice. Memória e história da educação: entre práticas e representações. In: LEAL, Maria Cristina; PIMENTEL, Marília Araújo Lima. (org). **História e memória da escola nova**. São Paulo: Loyola, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1998.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida como artes formadoras da existência. In: SOUZA, Elizeu C. de: ABRAHÃO, Maria Helena M.B. (Orgs). **Tempos narrativas e ficções: a invenção e si**. Porto Alegre, Edipucs/Salador:EDUNEB,2006,. P.41-59.

QUEIRÓZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Educação no Piauí**. Imperatriz, MA: Ética, 2008.

\_\_\_\_\_. Teresinha. **Museu do Piauí**. Teresina: COMEPI, 1995.

REGO, José Lins do. **Meus verdes anos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jose Olypio, 1980.

REIS, Amada de Cássia Campos. **História e memória da educação em Oeiras- Piauí: de meados do século XVIII à primeira metade do século XX**. Teresina: Expansão- EDUFPI, 2009.

RICHARDSON, Roberto Jarry. [et al.] **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

REY, Fernando González. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

REGO. Aluizio Napoleão de Freitas. **Meu avô José de Freitas**. Rio de Janeiro: (Edição Íntima): 1950.

RÊGO, José Luis do. **Meus verdes anos**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

ROMANELLI. Otaiza de Oliveira. **História da educação no Brasil**. 35. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SAVIANI, Dermeval. A Política educacional no Brasil. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. (orgs.) **História e memórias da educação no Brasil**. Vol. III: século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

SAMPAIO, A. **Velhas escolas grandes mestres**. Teresina. COMEPI, 1996.

SILVA, Edilene Lima da; FERRO, Maria do Amparo Borges. História da educação no Piauí: o ensino primário e a feminização do magistério. IN: FERRO, Maria do Amparo Borges; NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa; SOUSA, Lourenilson Leal de. (orgs.). **História da Educação: novos olhares, velhas questões**. Teresina: EDUFPI, 2009.

SOUZA, Antônio Vital Menezes de. **Marcas de diferença: subjetividade e devir na formação de professores**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007a

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O Conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professor**. Rio de Janeiro, RJ: DP&A. Savaaldor. BA: UAEB, 2006.

SOUSA, Jane Bezerra de. **Picos e a consolidação de sua rede escolar: do grupo escolar ao ginásio estadual**. Teresina, 2005. 156f. Dissertação (Mestrado em Educação). Teresina: UFPI, 2005.

SOUZA, Maria Cecilia Cortez Christiano de. **A escola e a memória**. Bragança Paulista: IFANCDAPH. Editora da Universidade de São Francisco. EDUSF, 2000.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTA, Marcus Levy Albino. (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007b

SOUZA, Rita de Cássia de. **Histórias das punições e da disciplina escolar: grupos escolares de Belo Horizonte**. Belo Horizonte, MG: Argvmenyvm> FAPEMIG, 2008.

STRAUSS, Anselm. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o dsenvolvimento de teoria fundamentada**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TAVARES, Zózimo. **O Piauí no século 20: 100 fatos que marcaram o estado de 1900 a 2000.** Teresina: Alínea Publicações Editora, 2003.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral** 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_, História oral e contemporaneidade. Trad. Andréia Zhouri e Ligia Maria Leite Pereira. **Revista da Associação Brasileira de História Oral.** n 5. São Paulo: Associação Brasileira de História Oral. Jun. de 2002.

TITO FILHO, A. **José de Freitas: comunidade exemplar.** COMEPI: Teresina-PI, 1978.

VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da história: Ensaio de Teoria e Metodologia.** Rio de Janeiro: Campos, 1997.

VIDAL Diana Gonçalves. Escola pública e método intuitivo. In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. (orgs.). **A escola pública no Brasil: história e historiografia.** Campinas SP: Autores Associados: HISTEDBR, 2005.

\_\_\_\_\_. e Faria Filho, Luciano Mendes de. **As lentes da história: estudos de história e historiografia da educação no Brasil.** Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

\_\_\_\_\_. Tecendo histórias (e recriando memória) da escola primária e da infância no Brasil: os grupos escolares em foco. In: VIDAL, Diana Gonçalves (org.) **Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893 – 1971).** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. Culturas e práticas escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. In: SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa (orgs.) **a Cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa.** Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

## **B- Fontes Documentais**

GINÁSIO MODERNO ESTADUAL ANTÔNIO FREITAS. **Livro de ponto do pessoal do Ginásio Moderno Estadual Antônio Freitas.** José de Freitas: [s.n]. [Manuscrito].

GINÁSIO MODERNO ESTADUAL ANTÔNIO FREITAS. **Livro de matrícula.** José de Freitas: [s.n]. [Manuscrito].

GINÁSIO MODERNO ESTADUAL ANTÔNIO FREITAS. **Pasta do aluno, Vespasiano Alves de Carvalho Filho.** José de Freitas: 1967, [Manuscrito e

datilografado]. GINÁSIO MODERNO ESTADUAL ANTÔNIO FREITAS. **Livro de ponto do pessoal do Ginásio Moderno Estadual Antônio Freitas**. José de Freitas: [s.n.]. [Manuscrito].

GINÁSIO MODERNO ESTADUAL ANTÔNIO FREITAS. **Livro de matrícula**. José de Freitas: [s.n.]. [Manuscrito].

GINÁSIO MODERNO ESTADUAL ANTÔNIO FREITAS. **Pasta do aluno, Vespasiano Alves de Carvalho Filho**. José de Freitas: 1967, [Manuscrito e datilografado].

GRUPO ESCOLAR ANTÔNIO FREITAS. **Livro de ponto**. José de Freitas: [s.n.] [Manuscrito].

GRUPO ESCOLAR PADRE SAMPAIO. **Boletim Escolar do Curso Primário** de Vera Lúcia de Jesus Farias. José de Freitas: 1966.

GRUPO ESCOLAR "PADRE SAMPAIO. **Livro de frequência diária**. José de Freitas: [s.n.] 1946. [Manuscrito].

GRUPO ESCOLAR PADRE SAMPAIO. **Livro de ponto do pessoal do Grupo Escolar Padre Sampaio**. José de Freitas: [s.n.]. [Manuscrito].

JOSÉ DE FREITAS. Câmara Municipal. **Lei nº 180 de 22 de outubro de 1959**. Livro de Leis Sancionadas (1956 – 1966).

PIAUI. Governador, 1928-1928 (Mathias Olympio de Mello). Mensagem lida. A 1º de junho de 1925, perante a Camara Legislativa do Estado do Piauhy. Therezina, [s.n.].

PIAUI. Decreto n. 846. Palácio do governo do Piauhy em Theresina 15 de Janeiro de 1925.

### **C- Fontes Orais**

ALMENDRA, Hudson Veras de Sampaio. **Depoimento oral**. Entrevista concedida a Maria do Amparo Holanda da Silva para realização de Dissertação de Mestrado. José de Freitas: 19 de março de 2011.

ARAÚJO, Maria Flôr Almendra. **Depoimento oral**. Entrevista concedida a Maria do Amparo Holanda da Silva para realização de Dissertação de Mestrado. José de Freitas: 09 de março de 2011.

CARVALHO, Pastôra Lopes de Lima. **Depoimento oral**. Entrevista concedida a Maria do Amparo Holanda da Silva para realização de Dissertação de Mestrado. José de Freitas: 16 de dezembro de 2010.

PEREIRA, Maria Eunice da Silva. **Depoimento** . Concedido a Maria do Amparo Holanda da Silva para realização de Dissertação de Mestrado. José de Freitas: 07 de maio de 2011.

SANTOS, Valdir. **Depoimento oral**. Entrevista concedida a Maria do Amparo Holanda da Silva para realização de Dissertação de Mestrado. José de Freitas: 04 de março de 2011.

OLIVEIRA, Maria Josefina de. **Depoimento oral**. Entrevista concedida a Maria do Amparo Holanda da Silva para realização de Dissertação de Mestrado. José de Freitas: 07 de março de 2011.



## **ANEXOS**

**ANEXO A – CARTA CONVITE PARA A CONCESSÃO DA ENTREVISTA**

**TÍTULO: HISTÓRIA E MEMÓRIA DAS PRIMEIRAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES DE JOSÉ DE FREITAS- PI**

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Piauí (UFPI) - Mestrado em Educação

ORIENTADORA: Prof. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro

ENTREVISTADORA: Maria do Amparo Holanda da Silva (mestranda)

Ilmº(Ilmª) Sr. (Sr.ª):

*Hudson Veras de Sampaio Almeida*

Estou desenvolvendo Projeto de Pesquisa sobre a **História e Memória das Primeiras Instituições Escolares de José de Freitas –PI (1928 – 1971)**, para tanto necessito de algumas informações fornecidas por ex-alunos/ex-alunas; ex-professores e ex-diretores dos Primeiros Grupos Escolares.

- Unidade Escolar “Padre Sampaio” (Ex- Grupo Escolar “Padre Sampaio”)
- Unidade Escolar “Ferdinand Freitas” (Ex- Grupo Escolar “Antônio Freitas”)
- Unidade Escolar “Antônio Freitas” (Ex- Ginásio Moderno Estadual “Antônio Freitas”).

Tendo em vista que Vossa Senhoria tenha participado da história educacional das referidas instituições, solicito, encarecidamente, ao (à) Senhor(a) a gentileza de participar da Entrevista que segue :

- a) Memórias de cidade
- b) Memórias de identidade
- c) Memórias de escola
- d) Agradecimento e pedido de permissão para a utilização da entrevista.

**ANEXO B – TERMO DE CESSÃO DA ENTREVISTA****TERMO DE CESSÃO DE ENTREVISTA**

Eu, MARIA EUNICE DA SILVA PEREIRA,  
R. G. nº 458901, declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minha  
entrevista, para que MARIA DO AMPARO HOLANDA DA SILVA, possa usá-la  
integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente  
data.

José de Freitas (PI), 07 de MAIO de 2011.

Maria Eunice da Silva Pereira

## ANEXO C – QUESTIONÁRIO PERFIL IDENTITÁRIO

### QUESTIONÁRIO PERFIL IDENTITÁRIO

#### I- DADOS PESSOAIS:

- Nome completo: Maria Josefina da Silva Oliveira  
 Sexo: ( ) Masculino (x) Feminino

- Idade: ( ) entre 41 a 50 anos ( ) entre 51 a 60 anos  
 ( ) entre 61 a 70 anos ( ) entre 61 a 70 anos  
 (x) acima de 70 anos

- Endereço residencial:

Rua José de Sampaio Almendra N 461 Bairro Centro  
 Cidade José de Freitas Estado Piauí CEP 64.100-00

Contatos:

Telefone: residencial: \_\_\_\_\_ celular: 88514763

e-mail: \_\_\_\_\_

- Formação Acadêmica

( ) Antigo Primário ( ) Antigo Curso Ginásial  
 ( ) Curso médio (x) Curso Superior (x) completo ( ) incompleto  
 ( ) Mestrado

#### II- DADOS PROFISSIONAIS

- Desenvolveu atividades:

(x) Setor público estadual ( ) Setor público municipal ( ) Setor privado

- Acesso ao Trabalho:

(x) Concurso público - efetivo ( ) Estatutário

( ) Contrato temporário ( ) Outros

Especificar \_\_\_\_\_

- Tempo de aposentadoria:

Há ( ) 05 a 10 anos (x) Há 11 a 15 anos

Há ( ) 16 a 20 anos ( ) Há 21 a 25 anos

Há mais de 25 anos.

## **ANEXO D - ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA**

**TÍTULO: HISTÓRIA E MEMÓRIA DAS PRIMEIRAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES DE JOSÉ DE FREITAS- PI**

**INSTITUIÇÃO:** Universidade Federal do Piauí (UFPI) - Mestrado em Educação

**ORIENTADORA:** Prof. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro

**ENTREVISTADORA:** Maria do Amparo Holanda da Silva (Mestranda)

Em virtude de está desenvolvendo uma pesquisa no Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Piauí que tem por objetivo reconstituir a história e a memória das primeiras instituições escolares de José de Freitas-PI no período de 1928 a 1971, através das memórias das práticas vivenciadas por ex-diretores, ex-professores e ex-alunos, solicito sua colaboração em responder e permitir a gravação desta entrevista.

### **1º MOMENTO**

- **Registrar local e data da entrevista**  
- José de Freitas, 07 de maio de 2011
- **Apresentação.**

### **2º MOMENTO**

#### **I- MEMÓRIAS DE CIDADE**

1. **Como era a rotina da cidade (comércio, atividade esportiva, cultural).**

Foi criada a Paróquia de Nossa Senhora do Livramento no dia 20 de julho de 1874. Como a população foi aumentando, decidiram então nomear esta povoação de vila no dia 23 de maio de 1877.

Passou a se chamar José de Freitas em homenagem ao governo de José Rodrigues de Almendra da Fonseca Freitas, logo após a sua morte ocorrida no dia primeiro de março de 1931.

José de Freitas era uma cidade muito calma; o comércio era pouco desenvolvido, as mercadorias eram vendidas em quitandas: arroz, café, farinha, açúcar, querosene, milho, feijão etc.

Como atividades esportivas, contavam-se apenas com três times de futebol que eram: Brasil Futebol Clube, José de Freitas Esporte Clube, e Artístico Futebol Clube, o qual foi fundado por meu saudoso pai Joaquim José da Silva (in memorian), era mantido com recursos próprios e a colaboração de seus jogadores, chegava a jogar em localidades e cidades próximas como Barras e David Caldas.

Também havia a festa de Santos Reis e o Bumba-meu-boi, que era comandada pelo Sr: Pedro Alves de Oliveira (in memorian).

## **2. Como eram realizadas as festividades religiosas?**

Nos festejos em honra a Nossa Senhora do Livramento, de 06 a 15 de agosto, os pontos mais altos eram as novenas; logo em seguida na parte social: leilões, barraquinhas, quermesse, bingos. É uma festa tradicional, organizada pela Paróquia e comunidade, acolhe muitos visitantes de cidades vizinhas, filhos e amigos da terra aqui não residentes.

Para alegria das crianças e jovens, funciona também os Parques de Diversões, com brinquedos e jogos de vários tipos.

Já o festejo de São Francisco das Chagas, de 25 de Setembro a 04 de Outubro, é mais voltado para a parte religiosa, funciona apenas com novenas e missas e leilões. Terminado o leilão as pessoas voltam para suas casas.

**II- MEMÓRIAS DE IDENTIDADE****1. Seu nome completo**

- Maria Eunice da Silva Pereira

**2. Data de Nascimento**

- Nasci em 18 de setembro de 1943.

**3. Sua escolaridade e Profissão/Ocupação Atual**

- Fiz o Curso primário e Ginásial. Hoje sou professora inativa desde 1990.

**III- MEMÓRIAS DE ESCOLA: (Estudante/Profissional)****1. Quando e onde o (a) senhor(a) fez o ensino primário e ginásial?**

- Foi no ano de 1950, no Grupo Escolar “Padre Sampaio” e o ensino ginásial no Ginásio Moderno no Estadual “Antônio Freitas”, no ano de 1957.

**2. Como ocorreu a implantação da 1ª escola na Vila do Livramento atualmente José de Freitas-PI?****3. Qual foi a sua primeira escola?**

- Foi o Grupo Escolar Padre Sampaio.

**4. Com quantos anos o (a) senhor(a) iniciou seus estudos?**

- Com 7 anos de idade, pois na época não tinha o ensino infantil.

**5. Quem foram os seus professores no Grupo Escolar (ensino primário)?**

- Foram: Dona Maria do Socorro Almendra, Dona Maria Amélia Sampaio Almendra e Dona Maria Dolores Veras da Silva.

**6. Que lembranças o (a) senhor(a) guarda desses professores?  
E dos colegas de escola? Alguém especial?**

- Guardo boas lembranças, pois gostava imensamente. Com muitas saudades me recordo de todos. Em especial minhas colegas: Valkíria Barros Ibiapina e Maria José Duarte das Neves. Que saudades daqueles tempos de infância, que jamais se apagaram da minha mente.

**7. Como o (a) senhor(a) representa o ambiente físico do grupo escolar onde estudou?**

- **Salas de aula (quantidade, luminosidade, tamanho, ventilação, decoração).**
  - O ambiente físico da escola era muito bom, e espaçoso, cinco salas de aulas, diretoria, sala de estar dos professores, cantina, um banheiro masculino, um banheiro feminino, um banheiro dos professores, boa iluminação, portas e janela amplas, facilitando boa ventilação.
  
- **Carteiras (tipo e arrumação).**
  - As carteiras eram de madeira resistente, de 1 metro e 20 centímetros, arrumadas em grupo de três, comportando assim dois alunos, um de cada lado, nas carteiras foram feitas dois buraquinhos de cada lado de mais ou menos 6 cms de diâmetro, onde se colocava um tinteiro com a tinta azul escuro. Escrevíamos com a caneta de pena, pois na época não existiam canetas esferográficas.
  
- **Biblioteca (livros infantis, leituras sugeridas).**
- **Pátio (área coberta ou área livre; brincadeiras e jogos preferidos)**
- **Tipos de brinquedos**



- **Cantina (merenda escolar).**
  - O pátio do Grupo Escolar “Padre Sampaio” era uma área livre onde as crianças brincavam sob a sombra das árvores. Como não bastava, a merenda era a referência da hora do recreio. Formávamos filas em grupo de dois a dois, pegávamos o prato, a colher e o copo, recebíamos pela janelinha e íamos degustar as delícias que, nossas queridas merendeiras preparavam para nós.
  - Se houvesse um tempinho, íamos brincar. Para as meninas as brincadeiras preferidas eram: jogo de barra, brincadeira de roda, esconde-esconde, canção etc; E, para os meninos, era a pelada de futebol.
  - Terminada a hora do recreio, batia a campainha, e formávamos novamente em fila e, voltávamos para as salas de aula para dar continuidade às nossas aulas.

## **8. Como era o cotidiano do grupo escolar? Como os professores costumavam dar aulas?**

- **Horário das aulas e duração**
  - O horário das aulas era 7:00 hs da manhã até 11:00 hs e no turno da tarde de 13:00 hs as 17:00 hs.
- **Disciplinas trabalhadas (conteúdos)**
  - As disciplinas trabalhadas eram: Português, Matemática, Geografia, História, Desenho, Noções sobre Religião.
- **Métodos utilizados**
  - O principal objetivo era que aprendêssemos a ler, escrever, e as quatro operações fundamentais: somar, diminuir, multiplicar e dividir.

O professor de séries iniciantes tinha que primeiro fazer o aluno conhecer o alfabeto completo, para poder ser alfabetizado.

Tendo o aluno aprendido o alfabeto, ele iria juntando vogais e consoantes para formar sílabas simples, como palavras de duas sílabas simples, como palavras de duas sílabas, de três sílabas, de quatro sílabas ou mais. Esse método tinha que ser soletrando mesmo.

Para aprender a tirar contas, o aluno tinha que primeiro aprender a tabuada, com isso ele tinha a possibilidade de aprender as quatro operações fundamentais, e ir em frente para desenvolver todos os cálculos em Matemática.

- **Procedimentos de Avaliação**

- O procedimento de avaliação era que no sábado, no final de cada semana do mês, usávamos um processo chamado Sabatina para avaliar a disciplina estudada na semana. No final do mês, somava-se as quatro sabatinas e dava nota mensal.

- **Recursos didáticos utilizados**

- Para alfabetizar, usávamos sem dúvidas: o quadro-de-giz, fichas retratando as letras e os numerais, tabuadas, gravuras cartazes, etc.

- **Relacionamento professor/professora –aluno/aluna**

- Para mim, foi muito bom, porque sempre honrei e respeitei meus colegas professores; como professora, considerei, meus alunos, procurando compreendê-los, ajudava aquele que eu percebia que tinha mais dificuldades em aprender, era aquele que eu mais me dedicava.

- **Dificuldades encontradas**

#### 9. Festividades escolares:

- **Datas comemorativas festejadas no grupo escolar (desfiles cívicos).**
- **Participação da comunidade**

- O Grupo Escolar Padre Sampaio tendo duas exímias Diretoras, Prof<sup>a</sup>. Pastora Lopes de Lima Carvalho e Eulália Soares de Paiva (in-memorian), sempre se destacara em relação as datas cívicas como, o Dia 07 de Setembro, e o Dia da Criança, 12 de Outubro.

O Dia 07 de setembro é uma data cívica muito importante porque era tipo uma competição, onde cada escola queria apresentar melhor o seu desfile. Eram semanas e semanas ensaiando e nos preparativos para apresentar seus carros alegóricos que apresentavam personagens históricos como D. Pedro I, Princesa Isabel e seus escravos, D. João VI, D. Cláudio Manuel da Costa e outros.

- Era um dia festivo em José de Freitas: toda a comunidade se concentrava em praça pública para assistir o desfile das escolas.

Formava-se um palanque no alto da Câmara Municipal composto pelas autoridades municipais, para julgar qual a escola que apresentava melhor o seu desfile.

#### 10. Disciplina escolar:

- **Comportamento dos alunos**
- **Medidas disciplinares (castigos físicos)**

- Quanto a disciplina, os alunos eram diferentes dos alunos de hoje em dia, eram pacatos, mais calmos sobretudo

pode-se dizer acanhados, respeitavam seus professores da mesma maneira que respeitavam seus pais em casa. Mas ainda surgia aquele que era mais extrovertido, quando este não prestava atenção às aulas, ou fazia qualquer coisa mostrando indisciplina, aí não, vinha aquele castigo como apresentar-se na diretoria para conversar com a Diretora, ou ficar de pé na frente do quadro-de-giz. Durante o castigo, não podia desenvolver nenhuma atividade na sala de aula.

#### **11. Recursos materiais:**

- **Uniformes (fardamento escolar)**
- **Fotografias, livros, cadernos, provas, diários, etc.**

- O corpo docente da escola trabalhava com muita dedicação e eficiência.

Os alunos todos uniformizados diariamente – lembro-me muito bem –: para as meninas, saia azul escuro e blusa branca. Para os meninos, calça azul e camisa branca.

O material usado pelos alunos como livros, cadernos, diários etc, eram todos em perfeita ordem, não havia rasuras nenhuma, todos limpos e asseados.

### **3º MOMENTO – CONCLUSÃO**

- **Momentos marcantes de sua vida como aluno do tempo do grupo escolar**
- **Como (o) senhora(a) se sentiu relatando esses momentos de sua vida no passado?**
  - Senti-me muito feliz e agradecida por ter sido escolhida para relatar momentos inesquecíveis sobre a minha vida escolar no passado.

Este trabalho reflete opinião pessoal, sendo que me responsabilizo pelo texto, e aproveito para pedir desculpas por alguma citação má interpretada ou por algum item que por ventura a minha mente falhou.

ANEXO F – DECRETO N 846, PUBLICADO EM 15 DE JANEIRO DE 1925,  
CRIAÇÃO DAS ESCOLAS REUNIDAS - PADRE SAMPAIO -

— 47 —

## Decreto n. 846

Publicada em 15 de Janeiro de 1925

*Crêa mais uma escola publica na cidade de Livramento, fundindo á já existente e a uma municipal com a denominação de escolas reunidas—Padre Sampaio—e crêa uma escola mixta no povoado Corrente de S. Benedicto, do municipio de Altos.*

O Governador do Estado do Piauhy, usando da attribuição que lhe confere a lei

Decreta:

Art. 1.º Fica creada mais uma escola na cidade de Livramento, fundindo-se, de accordo com o art. 84 do Regulamento Geral da Instrucção Publica, á já existente e a outra municipal, com a denominação de escolas reunidas — Padre Sampaio.

Art. 2.º Fica igualmente creada uma escola mixta no povoado Corrente de S. Benedicto, do municipio de Altos, revogadas as disposições em contrario.

O Secretario de Estado do Governo assim o faça executar.

Palacio do Governo do Estado do Piauhy em Theresina 15 de janeiro de 1925; 37.º da Republica.

(L. do S.)

MATHIAS OLYMPIO DE MELLO,  
*Antéro Coelho de Resende*

## ANEXO G – RELATÓRIO DE 1925 (ARQUIVO DA CASA ANÍSIO BRITO)

atingiu, este anno, de alunos, a 120.

Em Livramento, conforme o relatório do Inspector de ensino, o grupo era e ainda está installado num salão, dividido por gradil de madeira, de modo que foi preciso ás professoras estabelecerem dois horarios de aulas para as quatro classes do curso. Funcionam pela manhã para o 1.º e 3.º annos e á tarde para o 2.º e 4.º.

Em nenhum dos novos grupos escolares, porém, a matricula se enquadrou dentro dos limites fixados á lotação delles; excedeu-a, além de um limite que fôra razoavel esperar. Dahi a necessidade dum sensivel augmento dos corpos docentes e, possivelmente, da criação de novos grupos onde inaugurei os primeiros este anno. Além disso, conviria aproveitar o vivo interesse que os governos municipaes estão demonstrando pelo assumpto para impulsionar a diffusão do ensino em todas as cidades e villas do Estado. Faz-se, preciso, apenas, que alargueis as dotações orça-

ANEXO H – RELATÓRIO DA CASA ANÍSIO BRITO – ESCOLAS REUNIDAS  
“PADRE SAMPAIO”

em Jeromenha, sob a iniciativa do operoso deputado Vicente Fonseca.

Inauguraram-se, em Peripery, já no meu Governo, as Escolas Reunidas “Padre Freitas”, achando-se nesta Capital parte do mobiliario, adquirido pela Directoria da Instrucção, na Casa Manoel Pedro, do Pará; creadas *ex-vi* do decreto de 15 de janeiro do corrente anno, foram installadas, a 12 de março, as Escolas Reunidas “Padre Sampaio”, em Livramento, cujo Intendente, o Coronel Antonio Freitas, adquiriu e destinou ao seu funcionamento, um predio regular, com accomodações sufficientes. Acha-se á frente das Escolas “Padre Sampaio” a normalista Aggripina Castro, ex-ajudante da Escola Modelo desta Capital, e que vem desempenhando a contento geral as funcções do cargo. A Municipalidade adquiriu todo o mobiliario, que é excellente, além de varias collecções de quadros indispensaveis ao ensino.

Miguel Alves, adquirindo grande parte do material, prepara-se para iniciar a construcção das Escolas Reunidas “Alvaro Mendes”.

Já no corrente anno, adquiriram mobiliario completo os municipios de Bôa Esperança, Barras,



ANEXO I – HISTÓRICO DA UNIDADE ESCOLAR “FERDINAND FREITAS”  
(CADERNO DA EX-DIRETORA MARIA FLÔR ARAÚJO)

2010  
1931  
0079

Histórico da Unidade Escolar "Ferdinand Freitas"

A Unidade Escolar "Ferdinand Freitas" foi construída em 1956/57 com uma verba conseguida com o Governo Federal, no valor de setecentos cruzeiros (R\$ 700,00). O encarregado da construção foi o Sr. Antônio de Almeida Freitas, embora o Prefeito da época fosse o Sr. Jacob Sampaio Almeida. Exatamente por isso foi dado o nome de Grupo Escolar Municipal "Antonio Freitas" por Lei Municipal. A Unidade Escolar "Ferdinand Freitas" foi inaugurada solenemente pelo Exmo. Governador Jayoso e Almeida no dia 07 de abril de 1957. *Secretario da Educação Joel Mendes*

A Prefeitura fez a doação do terreno e a construção, como disse acima, foi feita com uma verba Federal. Depois de construída, a referida Unidade vem passando por diversas modificações, como sejam, aumento de quatro (4) salas de aulas, gabinete Dentário, muros etc.

Em 1974 a Prefeitura entregou o prédio a Secretaria de Educação e esta em virtude de já existir uma Unidade Escolar com o nome de Antonio Freitas, resolveu mudar o nome para Ferdinand Freitas, por sugestão do Padre Deusdeolit Craveiro de Melo, que naquela época era o Superintendente do Complexo Escolar desta Cidade.

2010

ANEXO J – COMUNICADO DO PROFESSOR SEBASTIÃO PARA O DIRETOR,  
PADRE DEUSDEDITH CRAVEIRO

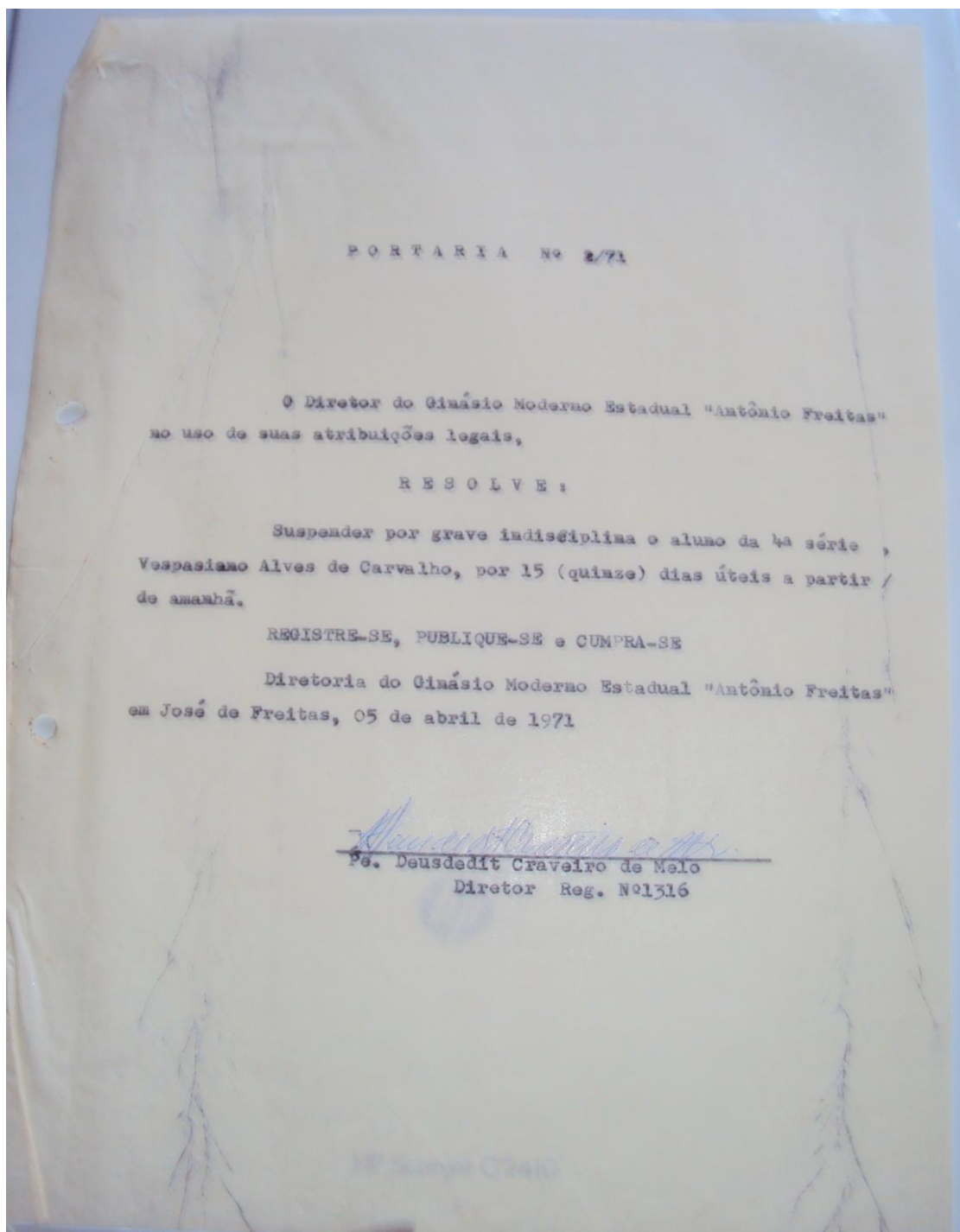
O aluno Vespasiano Almeida Carralho Filho, nº 33, sistematicamente vem quando em aulas criando transtornos no bom andamento das referidas aulas.

Hoje quando fazia perguntas sobre notas em inglês, dirigi-me ao aludido aluno perguntando-o como se traduziria. 19 notas em inglês. Neste ponto já havia dado até mesmo em caso anterior, o mesmo não respondia, ficando em silêncio absoluto depois de muita insistência minha. O aluno em causa limitou-se a dizer que não sabia.


Antes disso, já que psicologicamente notava que ele não estava dando atenção à aula e muito poucas a miriam como professor. Bastou estes palavras para que o mesmo explodisse temperamentalmente querendo criar discussões, mas o fizemos porque não o entendemos.

Prof. Sebastião de Rodas

ANEXO – L PORTARIA Nº 2 DO ANO DE 1971 – GINÁSIO MODERNO  
ESTADUAL “ANTÔNIO FREITAS”



ANEXO M – FICHA INDIVIDUAL DO ALUNO VESPASIANO CARVALHO



**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA**  
 GINÁSIO MODERNO ESTADUAL ANTÔNIO FREITAS  
 RUA GOV. PETRÔNIO PORTELA 680  
 JOSÉ DE FREITAS - PIAUI

**Ficha Individual do Ano Letivo de 1971**

Curso Quinzenal Turno Noturno Série 4ª Turma - Ciclo 1.º

1.ª ÉPOCA		Port	Idioma	História	Ciênc	Ing	O.S.P.B	Com
ARGUIÇÕES	Março	8,5	9,0	7,5	9,0	8,2	4,5	7,5
	Abril	5,5	9,5	6,0	8,5	7,0	7,25	5,0
	Mai	6,0	9,5	5,5	8,5	7,5	7,5	6,0
	Agosto	6,0	9,0	6,0	7,0	8,0	6,0	7,5
	Setembro	8,0	7,5	6,0	8,0	9,0	7,0	7,5
	Outubro	8,0	7,5	7,5	7,0	7,0	7,5	8,5
	TOTAL	42,0	52,0	38,5	48,0	42,1	39,75	42,0
	NOTA TOTAL	7,0	-	6,4	-	7,0	6,62	7,0
PROVAS	1.ª Parcial	6,0	2,0	3,5	5,5	3,8	4,5	5,0
	PROVA FINAL	4,0	-	5,5	-	4,8	4,0	5,0
MÉDIAS PONDERADAS	Nota Anual exercício X 5	35,0	-	32,0	-	35,0	33,1	36,0
	1.ª Pr. x 2	12,0	-	7,0	-	7,6	9,0	10,0
	Provas Finais X 3	12,0	-	16,5	-	14,4	12,0	15,0
	TOTAL	59,0	53,0	55,5	53,5	56,4	54,1	60,0
	NOTA FINAL	5,90	7,50	5,55	7,60	5,64	5,41	6,00

TOTAL 43,60 NOTA GLOBAL 6,22 RESULTADO Aprovado

2.ª ÉPOCA

Prova Escrita	
MÉDIA	
Média 2.ª Ep. X 4	
Nota anual exercício X 6	
TOTAL	
NOTA ANUAL	

TOTAL \_\_\_\_\_ NOTA GLOBAL \_\_\_\_\_ RESULTADO \_\_\_\_\_

NOME DO ALUNO: Vespasiano Alves de Carvalho Filho